

DNa

REEDIÇÃO

João Céu e Silva releu toda a obra de ficção de Álvaro Cunhal. ... E depois partiu à descoberta das pessoas, dos lugares, dos ambientes e das histórias reais para lá dos romances. Uma longa viagem que merece este DNA inteiro. Uma viagem acompanhada pelos desenhos de Cunhal. Uma edição para guardar. E ler devagar

O risco e a reedição

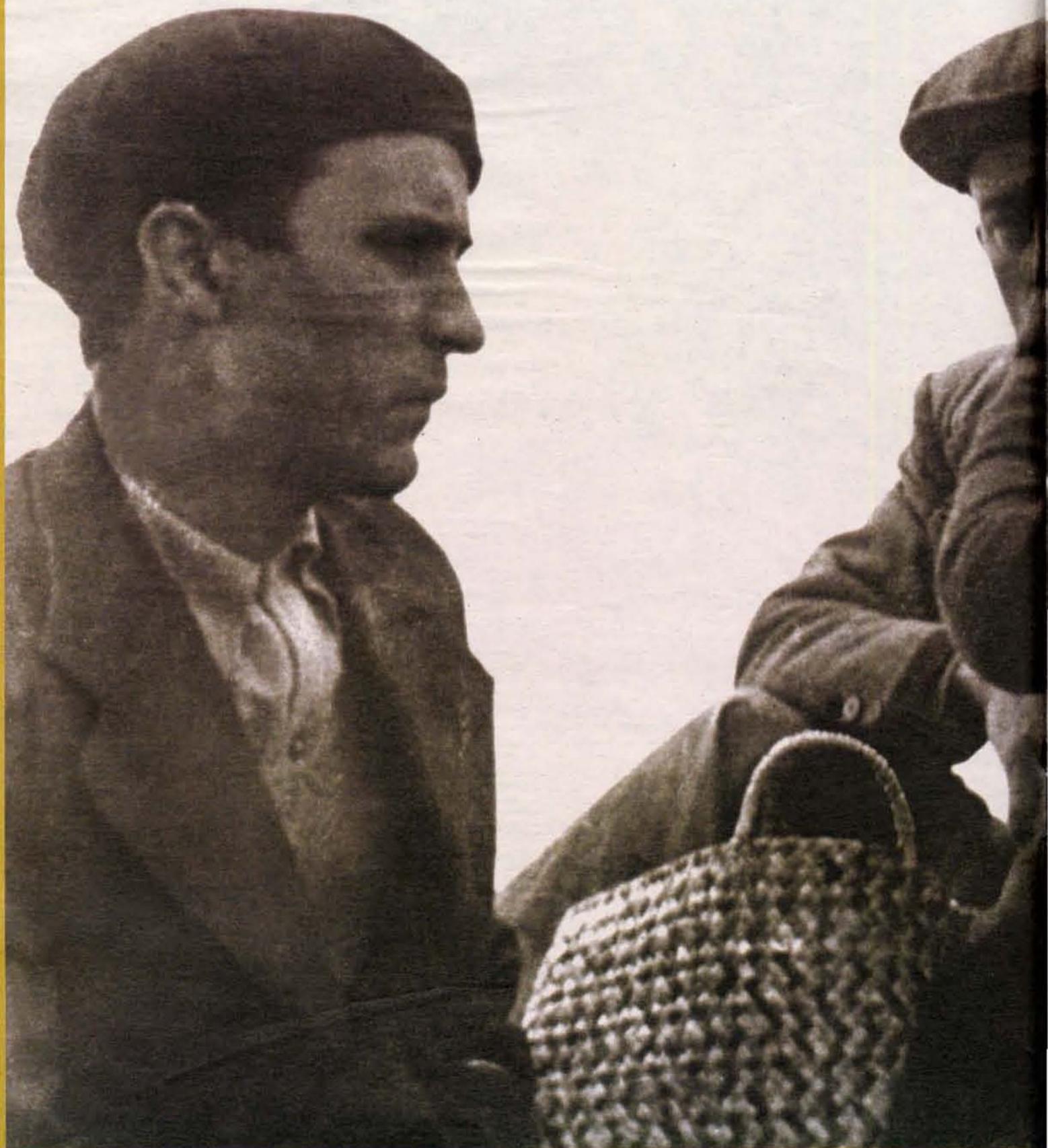
Quando, no final de um processo longo de reportagem, investigação, leitura e análise, o João Céu e Silva me falou da versão final de um trabalho que, no começo, era apenas uma reportagem alargada sobre o universo literário de Álvaro Cunhal, pareceu-me evidente que, por uma vez, o DNA deveria revelar, na forma como apresentava essa matéria, o empenho que nele tinha sido posto, a qualidade, a relevância e a excelência da matéria.

Não se tratava de uma mera reportagem, mas de um trabalho de fôlego que juntava a ficção de Álvaro Cunhal à realidade encontrada pelo jornalista na busca da memória dos lugares, das paisagens, dos cenários, das pessoas para lá dos livros. A possibilidade de juntar a esses textos os desenhos que o líder comunista tinha produzido ao longo da sua vida não apenas enriquecia o suplemento como lhe conferia o estatuto que acabámos por lhe atribuir: o de dominar por completo a edição do DNA.

Nessa altura, entendi que deveria explicar aos leitores o

processo que levava um editor a tomar uma decisão que era um risco: dispensar o formato normal do suplemento, retirar secções, entrevista, portfólios, e ousar uma edição extra, toda preenchida com o trabalho de João Céu e Silva e os desenhos de Cunhal. Era uma explicação sobre o risco, sobre o momento de uma decisão, e ao mesmo tempo uma declaração de intenção: essa edição de 20 de Maio de 2005 seria certamente para guardar numa biblioteca, prolongando o tempo de vida de um jornal, sempre curto e fatal.

Nem eu nem o João Céu e Silva imaginávamos então o impacto que esse DNA teria. Nas cartas dos leitores, nas reacções dos nossos pares, até nas manifestações que chegavam de dentro do PCP, o suplemento ganhou, efectivamente, essa "vida extra" que justamente merecia. E o que tinha sido uma intenção – pedir aos leitores para guardarem este documento nas suas bibliotecas – transformou-se num facto: João Céu e Silva foi desafiado por uma editora



a desenvolver um pouco mais o trabalho com vista à sua edição em livro. O que vai suceder em breve – e justificou mais algum investimento do autor, que está agora a ampliar o trabalho. É então neste momento de “transição”, entre o papel de jornal e a lombada de um livro, que estamos.

Aqui há dias o João Céu e Silva falou-me na hipótese de tentar uma conversa com Álvaro Cunhal – quase como se se tratasse de um prolongamento da sua matéria. Fomos falando no assunto, sabendo que a saúde do histórico líder era frágil e que o projecto podia nunca se concretizar.

Agora, no momento em que Cunhal desaparece, interrompemos a conversa. Mas não a continuidade do documento que o DNA publicou. E que hoje, um dia depois da sua morte, se recupera e reedita, acrescentado já de uma parte do depoimento dado ao jornalista, na passada terça-feira, por Maria Eugénia Cunhal, irmã de Álvaro Cunhal.

É uma reedição que nos orgulha e que, de alguma forma, não apenas recorda mas homenageia também a figu-

ra de Álvaro Cunhal. Amado e odiado, o antigo secretário-geral do PCP é hoje respeitado e reconhecido como uma personalidade incontornável da História portuguesa do século XX. No DNA, foi a personalidade que mais vezes teve direito a figurar na capa do suplemento – três vezes em oito anos. Primeiro, numa análise original de autoria do advogado João Nabais; depois, numa entrevista exclusiva de Luís Osório; e agora, há tão poucas semanas, na reportagem/documento que João Céu e Silva escreveu.

... E que hoje oferecemos de novo aos leitores do DN. Já não, como em 20 de Maio, arriscando algo ousado no enquadramento de um suplemento de jornal – porque hoje reeditar esse trabalho é o mínimo que podemos fazer -, mas como um documento mais para acrescentar ao retrato do político. Fazêmo-lo pelos leitores. Pelos autores. E pela memória. O que resta é isso mesmo: a memória. Não a vamos perder para cá da morte de Cunhal.

■ Pedro Rolo Duarte

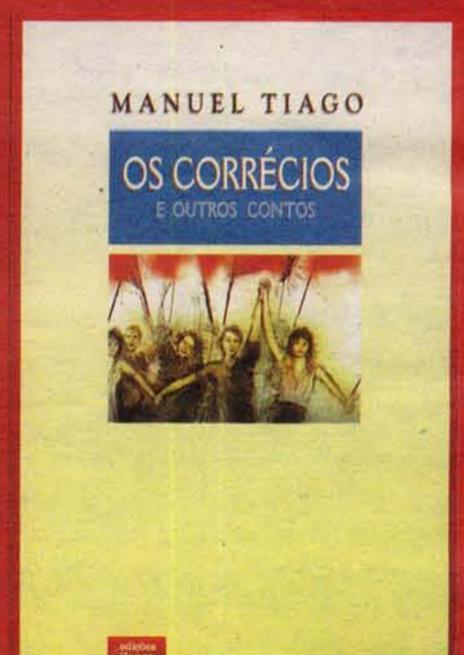
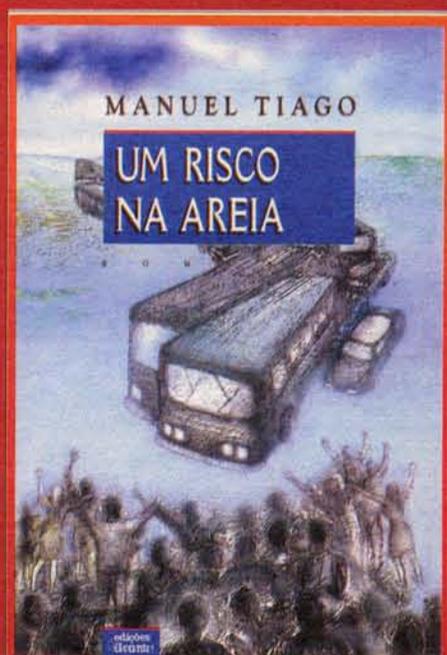
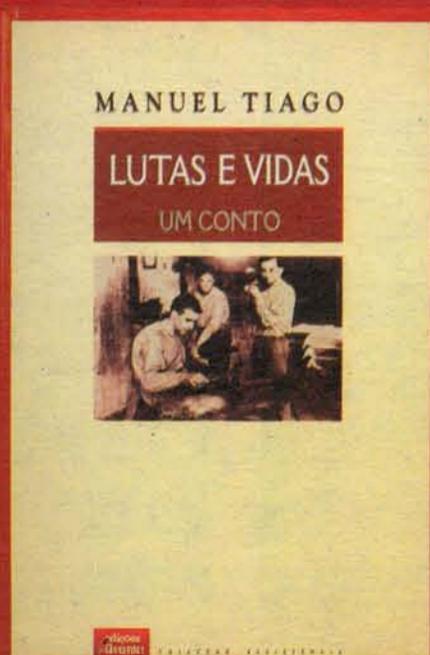
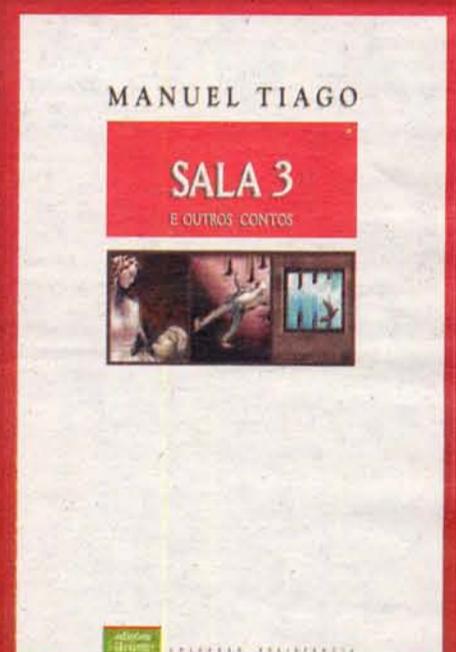
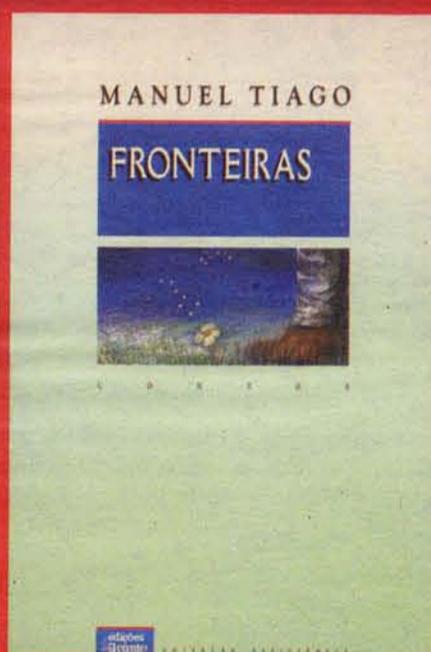
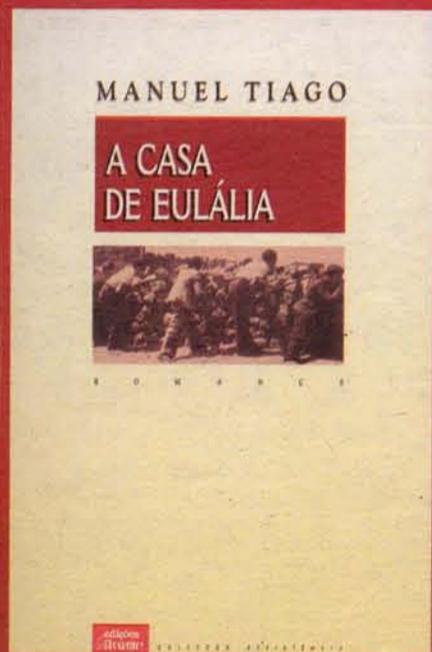
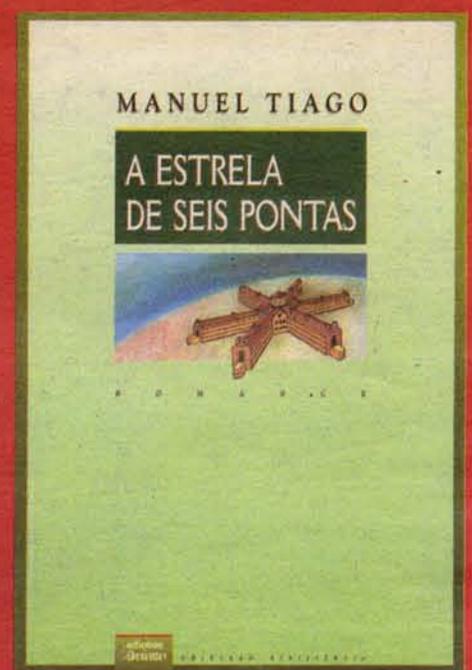
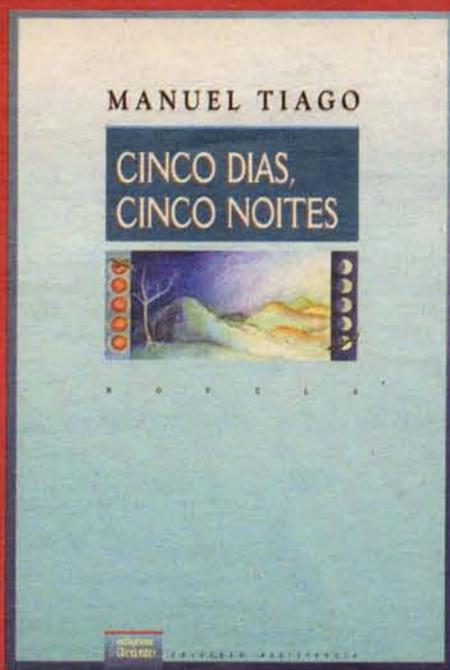
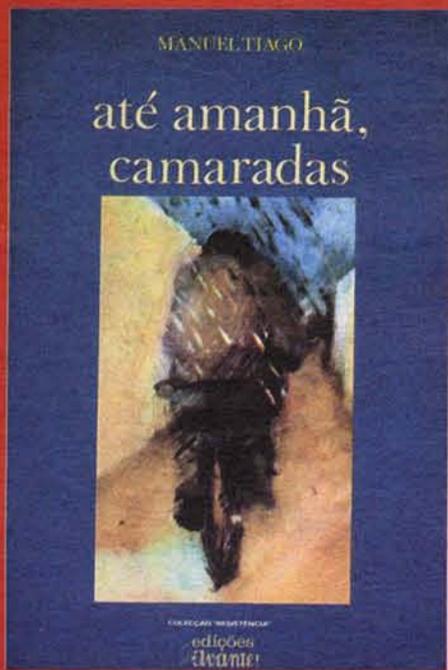


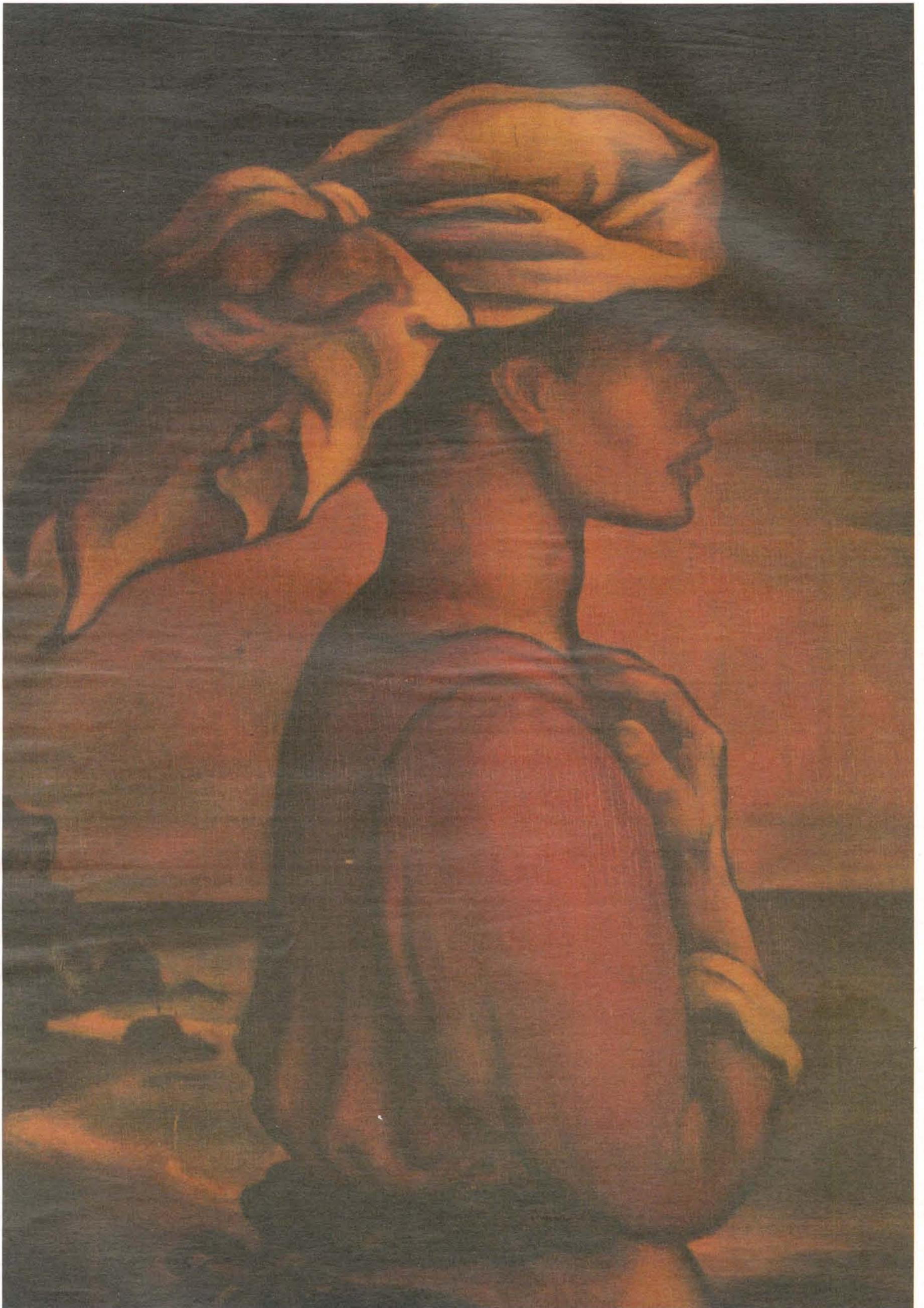
A vida de clandestinidade a que os membros do PCP foram obrigados durante várias décadas tem um rosto que os identifica a todos: o de Álvaro Cunhal. Perseguidos, viam-se obrigados a utilizar estratégias vários para continuarem a sua actividade política. Um deles era a adopção de falsos nomes e, de entre os milhares de pseudónimos que os “camaradas” usaram, há um que, também, os simboliza a todos: Manuel Tiago.

Álvaro Cunhal respondeu por ele, como também se chamou Duarte, Benito, Daniel, Gonçalves e muitos outros nomes, mas o de Manuel Tiago foi o que mais perdurou. Pelo menos até ao dia 14 de Dezembro de 1994, data do lançamento de *A Estrela de Seis Pontas*, e momento em que desvendou um segredo que já não lhe pertencia em exclusivo há algum tempo.

Razões para um pseudónimo existiam bastantes e uma delas é a de o secretário-geral do PCP nunca ter pretendido dar o nome com que foi baptizado – e assinou os livros de carácter político – à “mundanidade” do mundo literário. Uma justificação que pode ter tanto significado como muitas outras...

Assim sendo, todos os contos e romances de Álvaro Cunhal encontram-se editados sob a autoria de Manuel Tiago, um nome fictício que foi mais além no tempo para se tornar ficção. E é dessa parte da vida do ex-secretário-geral do Partido Comunista Português que se dá conta nesta busca de personagens da vida real – uns que são o retrato exacto de militantes, outros que foram retocados, além do próprio – que serviram de inspiração ao escritor. Uma viagem pelo país, livros e histórias em que se descobrem as pontas da vivência social, cultural, histórica e militante que estiveram na origem das páginas escritas por Manuel Tiago. ■ **João Céu e Silva**





O homem da luta das oito horas

Por entre as pedras que fazem o muro do Castelo de Portel podem ver-se muitos quilómetros de planície alentejana. Com um pouco de imaginação – não é preciso muita – observa-se lá ao longe dois homens. Estão parados, de costas voltadas contra o sol, como que a procurar a direcção a seguir. Um chama-se Alfredo e faz as vezes de um passador experiente que pode levar os foragidos à justiça portuguesa para terras de Espanha. O outro dá pelo nome de Barra Fragateiro, tem um “bigode crescido à pressa e chapéu a disfarçar”. A história destes dois conta-se num instante, um escapara da prisão de Caxias há poucos dias e o outro tentava fazê-lo fugir de Portugal. “A meio da tarde apeream-se numa pequena aldeia escolhida por Alfredo”, que dissera a Barra: “A fronteira não fica longe.” Só que não era bem assim!

Álvaro Cunhal talvez nunca tenha estado a observar a planície alentejana das paredes grossas da fortaleza de Portel mas a natureza que rodeava os dois homens e a situação em que se encontravam eram-lhe bem conhecidas:

Caminharam horas numa planura cujo horizonte, recordado com azinheiras e chaparros, parecia sempre igual, a fugir-lhes à mesma distância. Assim caiu a noite, céu limpo, atmosfera e arrefecer.

Continuariam procurando marchar em linha recta, sempre para Oriente, se inesperadamente não tivessem encontrado pela frente um terreno ondulado, com declives e colinas, obrigando a tornejar irregularidades do percurso. Alfredo começou a hesitar. Avançava na penumbra numa direcção, depois noutra, sem se decidir. Até que estacou e lançou uma praga.

– Gaita! Isto está mau... – justificou-se. – Num terreno assim, já não sei para onde fica Espanha.

Foi a vez de o Barra fragateiro, conhecedor de noites no rio, intervir com o seu saber.

– Olha para o céu – disse ao companheiro em voz baixa e calma. – Para ali... Vês quatro estrelas como que formando um quadrado?

– Não, não vejo nada... são tantas...

– Não estás a olhar para o sítio. Para ali, para ali... – e apontava com o dedo.

– Ah! Já vejo!

(Manuel Tiago, *Fronteiras*, pág. 25)

António Gervásio conhece bem Portel e estas histórias da clandestinidade fazem parte da uma grande parte da sua vida, estão-lhe na pele devido a décadas de uma luta pelos direitos do proletariado campesino do Alentejo, por pertencer ao Partido Comunista Português desde muito novo. Sobre a mesa do Centro de Trabalho de Montemor-o-Novo, onde decorre a conversa, Gervásio tem duas pilhas de livros de dois autores, que são o mesmo homem – Álvaro Cunhal e Manuel Tiago –, alguns em edições bem antigas, como é o caso de *Até Amanhã, Camaradas*.

Reconhece vidas reais nos personagens destes livros? Uma pergunta que tem resposta rápida, para a qual António Gervásio não precisa sequer pensar ou pôr-se a adivinhar. “O Álvaro tinha uma característica, chegava a uma localidade e fazia perguntas, ficava a falar com as pessoas, procurava conhecer as questões sociais, os problemas que havia na terra, entrava logo em contacto e fixava tudo. Tinha uma memória espantosa! Neste livro há funcionários e membros do partido, cidadãos e cidadãs... Não é um romance apenas, tem um grande sentido da realidade, acaba por fazer um retrato da história do movimento social, de massas e do partido. Quando o estou a ler reconheço o Álvaro, o país, o Alentejo e identifico figuras reais que ele captou.”

O *Até Amanhã, Camaradas* é o livro que mais marca a grande parte dos leitores da ficção de Manuel Tiago, a maioria militante do partido onde foi secretário-geral, porque resume a história de muitas das vidas, dos pais ou de algum familiar ou amigo. Quando se fala dos outros livros, há sempre um comentário a propósito mas é o *Até Amanhã* que impressiona mais os camaradas. Está lá tudo, todos os factos que formaram a imagem de uma organização, reprimida política, social e culturalmente até chegar a liberdade com o 25 de Abril de 1974.

“Fizeram agora um filme sobre ele e tive a oportunidade de falar com o actor principal. Senti que devem ter tido dificuldades em transmitir a realidade daquela época e da situação, talvez por serem muito jovens! O personagem é muito sereno, frio até, comporta-se deste modo nas reuniões, a tratar dos problemas, mesmo na vestimenta, como se a clandestinidade fosse enfiar um boné na cabeça e vestir uma gabardina a parecer um fugitivo... Nada disso, a clandestinidade era um cidadão normal e quanto mais



"Nunca tive medo, a pessoa era preparada para não o ter. Cruzei-me muitas vezes com guardas-republicanos ao longo de 22 anos de clandestinidade. Disfarçávamo-nos, tínhamos que ter uma profissão porque as autoridades perguntavam logo o que fazíamos. Houve uma altura em que fui negociante de cereais e percorria o Alentejo de bicicleta."

normal melhor. Se se andava no meio operário era de um modo, no meio intelectual ou estudantil era de outro mas, na clandestinidade, o ambiente era de grande fraternidade e alegria, contavam-se anedotas para superar a dureza, nada daquele ar circunspecto. Claro que havia reuniões onde o ambiente era sério, mas à nossa maneira de ser, como ainda hoje acontece nas reuniões do PCP. Não havia pessoas tristes ou fugitivas, apenas nos disfarçávamos."

ANTÓNIO GERVÁSIO sabe do que fala e fá-lo com garra. Lá fora a cidade roda com menos velocidade que as suas palavras. A cassette de uma hora não chega para registar as suas histórias e é preciso usar uma segunda e, até, uma terceira se fosse possível. Folheio um livro que escreveu sobre as *Lutas de Massas em Abril e Maio de 1962 no Sul do País*, o primeiro volume dos Cadernos de História do PCP, publicado em 1996, e quatro folhas com um texto que redigiu para assinalar os 40 anos desta luta, em que participou. Entrega ainda uma meia folha A4 com a sua biografia para orientar no que vier a ser escrito. Pequenos tópicos de uma vida que começou a 25 de Fevereiro de 1927 e que, até ao 25 de Abril, se resume numa dúzia de entradas e, após a Revolução, em outras dez. Lê-se no rectângulo de papel que a sua origem social é operário agrícola, filho de assalariados agrícolas e militante do PCP desde 1945, com 18 anos.

Como despertou para a actividade política?

— Quando fui para a tropa tinha a perspectiva de estudar. Fiz lá a quarta classe e pensava em trabalhar, estudar e formar-me. Quando regresssei a Montemor-o-Novo tinha acontecido um grande golpe policial e acabei por ajudar a reorganizar a estrutura do partido. Eles diziam que eu tinha condições para ser funcionário e avancei. Os meus planos foram cortados. Mas hesitei muito, pensava que não teria condições, nem sequer habilitações literárias. E havia ainda a perspectiva de ser engenheiro civil, aquela mania que a gente tinha quando é jovem e que alguns amigos na tropa me convenceram que podia acontecer. Eles diziam: "Vai para Lisboa que arranjam-te lá emprego, alugas um quarto e estudas. Mas depois morreu tudo."

E surgiu a política...

— Já era conhecido como uma pessoa antifascista, pois, quando se era preso, ficava-se marcado na terra, sempre a verem os passos que dávamos. Era uma região que nos anos 30 começava a ser influenciada pelas situações democráticas, o fascismo nunca teve aqui muita influência, nem a igreja. As condições de trabalho muito violentas, o trabalho de sol a sol, o desrespeito humano, a escravidão e tudo o mais empurram no ganhar de consciência. Depois mataram aqui o Germano Vidigal, em 1945, e esse facto despertou-me. Mataram-no à pancada, esmagaram-lhe os testículos, ficou todo negro. Tempos depois fui para a clandestinidade voluntariamente, por tomada de consciência política, mas fiquei por aqui. Não tive que fazer co-

mo muitos companheiros que tiveram de fugir da terra deles.

Numa cidadezinha da provincia podem ignorar-se muitas coisas da vida pessoal de cada um, das suas preferências e hábitos. Uma coisa não se ignora: quem é pelo governo e quem é contra o governo. Os fascistas são apontados a dedo e nos casos raros de trabalhadores fascistas, são objecto de desprezo e abandono. Os democratas mais ferrenhos e em especial os simpatizantes comunistas também muitas vezes conhecidos, sobretudo pelos fascistas. Nos lugares de trabalho ou de recreio, e mesmo na simples passagem da rua, cada qual observa e segue com a vista os do partido contrário ou suspeitos de o serem. Alguns não se limitam porém a estes olhares carregados de ódio e desconfianças. Observam, registam e informam. (Manuel Tiago, Até Amanhã, Camaradas, pág. 97)

Eu consegui andar por aqui muito tempo. Vestia-me exactamente como se fosse um trabalhador agrícola e cruzava-me muitas vezes com a GNR. A vida era sempre arriscada na clandestinidade e nem há palavras para definir o perigo que se corria. Além de que a luta pela liberdade e contra a tirania tinha outros problemas, perdia-se a vida familiar, os amigos, os dias eram duros, a polícia prendia-nos, éramos denunciados, tínhamos de ir viver para outros sítios... Não há palavras para relatar tudo isto, mas gostei de viver a clandestinidade.

Assim começou Afonso a sua vida de funcionário do Partido. Receber malas e embrulhos. Separar imprensa. Fazer pacotes. Guardar malas. Enrolar guitãs. Receber novos pacotes. Esperar comboios. Esperar camionetas. Fazer tempo em sítios descampados. Tomar o comboio. Receber embrulho. Entregar embrulhos. Passar dias inteiros sem nada que fazer. Esfalfar-se outros dias numa dobedeira de madrugada a madrugada. Não dormir umas noites. Dormir depois dias inteiros. Sempre a mesma coisa, monótona, aborrecida, sem qualquer interesse. Mas Afonso ia cumprindo. Não faltava a um encontro, não se enganava na divisão da imprensa.

Apenas uma coisa não compreendia e considerava absurda e estúpida. Aquilo que tão solenemente os camaradas chamavam as regras conspirativas. Algumas, enfim, podiam-se entender. Chegar a horas, por exemplo. Outras só para rir. Assim, que tinha a ver com o trabalho do Partido essa obrigação de fazer a barba todos os dias? Seria isto assunto que merecesse constar duma resolução do Secretariado do Comité Central? Era ridículo.

Mas Fialho pensava de outra forma e um dia chamou-lhe a atenção.

— Não fizeste hoje a barba, camarada. O que te impediu de fazê-la?

— Nada. — respondeu Afonso. — Não preciso.

— É uma resolução, bem sabes.

— Para ti está bem, que tens barba cerrada. Mas eu, como vês, não tenho barba quase nenhuma.

— A resolução não é para quem tem a barba cerrada. É para todos os funcionários do Partido.

(Manuel Tiago, Até Amanhã, Camaradas, pág. 151)



Conheceu Álvaro Cunhal nessa época?

– Havia reuniões de trabalho em que participava mas, geralmente, ele trabalhava pouco no Alentejo, eu é que ia à base quando havia um encontro. O trabalho estava dividido e cada dirigente tinha uma área. Aqui trabalhou por muitos anos o Dias Lourenço, o Álvaro ocupava-se mais de Lisboa, da região Centro e do Porto, zonas mais industriais. Depois da Revolução, veio cá muitas vezes mas antes tinha que ter cuidado porque era uma pessoa que se destacava muito e no Alentejo não era fácil viver na clandestinidade. O alentejano é muito curioso, as pessoas gostavam de saber o que é que cada um fazia, de onde é que vinha, como se chamava e, como ele era muito conhecido tornava-se perigoso movimentar-se por aqui. Nos meios grandes passava mais despercebido do que nos mais despovoados, onde as pessoas eram mais curiosas e ficava mais fácil ser identificado.

Estiveram longo tempo silenciosos. Olhando o fogo com estranha imobilidade, Manuel Rato lembrava-se das duas vezes que estivera com funcionários do partido, ainda em Lisboa. Lembrava-se das longas exposições que eles haviam feito e esperava agora também do visitante uma exposição do mesmo tipo, demorada e fundamentada, com a qual certamente teria muito que aprender.

(Manuel Tiago, *Até Amanhã, Camaradas*, pág. 21)

Mas os alentejanos conheciam-no?

– O Álvaro é uma pessoa querida. Talvez não haja uma pessoa mais querida no Partido – não cai mal a ninguém dizer que entre os membros do PCP é a mais respeitada – porque tanto no campo nacional como no internacional tem uma dimensão inigualável. Ele tem uma maneira de ser que impõe respeito e consideração. Mas as pessoas sabiam da sua existência muito antes da revolução, o nome dele era muito conhecido no país inteiro. Eu recorde-me de ouvir falar dele quando foi julgado, em 1952, e de saber da sua defesa em tribunal, uma acusação muito violenta à ditadura fascista. Nem sei como é que deixaram que se soubesse o que ele dissera!

Como era viver em dois mundos paralelos. O Portugal real e o

clandestino?

– Nunca tive medo, a pessoa era preparada para não o ter. Cruzei-me muitas vezes com guardas republicanos ao longo de 22 anos de clandestinidade. Disfarçávamo-nos, tínhamos que ter uma profissão porque as autoridades perguntavam logo o que fazíamos. Houve uma altura em que fui negociante de cereais e percorria o Alentejo de bicicleta. Durante um período da minha vida e de militância era normal fazer mil a 2000 quilómetros por mês de bicicleta. Uma daquelas chamadas pedaleiras, que tinha mudanças inglesas de cubo.

– Sentia-se tão enfraquecido pela fome e pela falta de dormir que não aguentaria andar de um lado para o outro até ao fim da noite. Tinha que descansar, nem que fosse deitado na lama de uma valeta. Havia mais de uma semana que iniciara a volta ao sector e, durante essa semana, passara já duas noites em branco, em nenhuma das outras dormira mais de três ou quatro horas, fizera centenas de quilómetros de bicicleta, andara léguas e léguas a pé, e tudo isto comendo em média uma fraca refeição por dia.

Sentia por aquela recta uma verdadeira aversão. Eram dois quilómetros na planura chata, com raros troncos marginando a estrada, sem uma casa, sem um marco, sem um acidente. Agora só se ouvia as rãs nos charcos e o ruído do dínamo, monótono e doce. Todo o cansaço lhe tombava nos olhos. O médico não tinha razão. Há muitas formas de morrer. Via-o como se fosse hoje. Parecia zangado. Depois sorria. Hã?! A roda resvalou. Procurou ainda segurar-se, mas uma forma invencível o atirou pelo ar de encontro à terra, enquanto a bicicleta, dando cambalhota estranha, se ia enrolar na valeta. O farolim apagou-se. Na fundura da noite, em que só muito ao longe se via um salpico de luzes, de novo ouviu o coaxar das rãs, indolente e repousante.

O dínamo funcionava. Ajeitou um ombro dorido, endireitou o guiador e seguiu um bocado a pé, batendo ruidosamente com as botas a espantar o sono.

Na primeira aldeia havia um chafariz. Deitou a bicicleta, tirou o boné e lavou a cara muitas vezes, com as conchas das mãos bem cheias de água. Um vulto apareceu, parou a olhar, murmurou quaisquer palavras e sumiu-se no escuro, com um

ruído arrastado de solas de madeira.

Aquilo fez-lhe bem. Mas, quando já passada a meia-noite, chegou a uma comprida ponte que separava as duas metades duma aldeia e imaginou a íngreme subida que tinha pela frente, dobrou-se-lhe o cansaço, o peito apertado numa tenaz. Se tudo corresse bem, não chegaria a casa antes das 3 horas. Agora tinha na frente, já, uns bons quilómetros para marchar a pé. Uma vez, ao chegar ali, um outro ciclista, com uma cesta no porta-bagagens, colara-se-lhe à roda e, quando ele se apeara, apeara-se também:

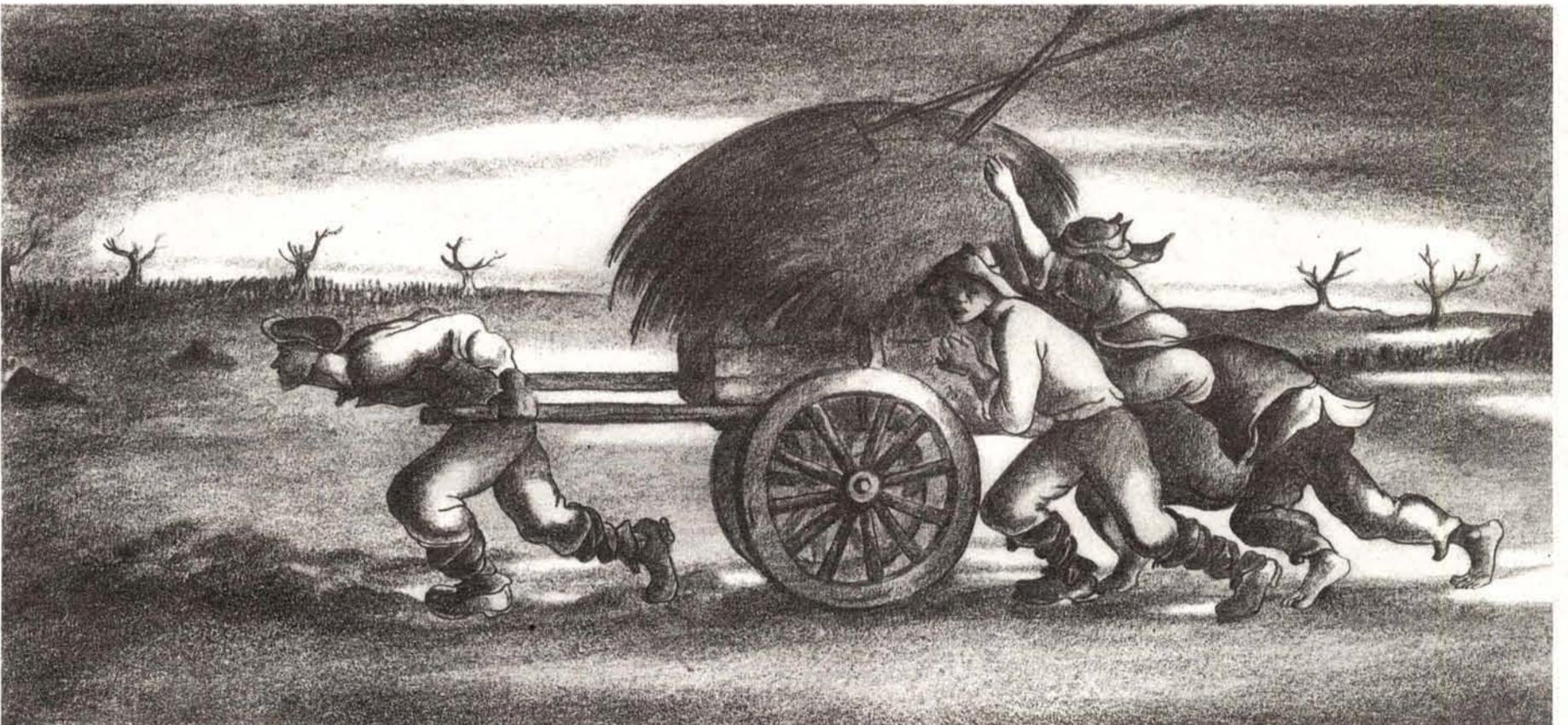
– No sobreiro é o apeadeiro! – dissera o desconhecido com os olhitos vivos ardendo de ironia.

Reparara então haver ali um enfezado sobreiro solitário e passara a tomá-lo como referência para se apeara.

(Manuel Tiago, *Até Amanhã, Camaradas*, pág. 36)

Uma vez fui a Portel, demorei um pouco mais e vim assim à boca da noite. Passei por S. Manços e a GNR mandou-me parar e disparou uma série de perguntas. Para onde vai? Vou para casa, moro em Évora. Qual o preço que está a pagar pelos cereais? Faziam aquelas perguntas todas para ver se me entalavam e eu só pensava se me revistam estou perdido – levava sempre materiais do partido disfarçados no porta-bagagens da bicicleta – e, então, comecei a falar para os distrair do interrogatório. Um deles interessou-se pela minha bicicleta enquanto o alertava para o facto de estar longe de Évora e de não gostar de andar de noite. Quer trocar a sua bicicleta pela minha? Inquiri-o, mas eles responderam-me com outra pergunta: É de Évora! Então, onde é que mora, qual é a rua? Se eu não a conhecesse bem estava tramado porque esse guarda era de lá e morava no bairro para onde eu disse que ia.

Noutra vez, dirigia-me a Campo Maior quando fora preso um membro do PCP que confessara a existência da nossa reunião. Os GNR estavam no lugar da estrada para Portalegre onde combináramos e só tive tempo de fingir que ia fazer uma necessidade no campo para desviar as atenções. Quando a patrulha me vê, cercam-me e iniciam um inquérito. O que faz aqui? Onde é que mora? De onde é que é? O que é que faz? Retratista, respondi. Nessa altura, dedicava-me aos retratos, à ampliação de negativos e venda de imagens do santuário. Foram várias perguntas





de rajada, como se fosse um interrogatório. Onde é que está, em que pensão? Vamos lá acima falar com o dono, que ele conhece-me e pode identificar-me. Era já de noite e eu trazia documentação subversiva. Só havia duas hipóteses, ou prendiam ou fugia... mas acabei por convencê-los de que estava tudo em ordem.

Como assumia essas profissões?

— Os documentos tirava-os com papelada falsa. Um bilhete de identidade e passaportes falsos no que respeita ao nome mas a fotografia que estava lá era verdadeira. Tínhamos meios técnicos, com tanta perfeição que não era fácil os militares descobrirem. A profissão que escolhia era sempre aquela que mais dava para a movimentação no terreno, que podia ir desde negociante com empresários de Badajoz a viver da criação de galinhas e coelhos ou de fruta. Quase sempre esta profissão não era um disfarce, tinha que viver dela para dar mais cobertura ao disfarce. Em Lisboa, os do partido diziam que eram médicos mas na província era perigoso. Houve o caso de um funcionário do partido dizer que era isso e um doente mandar chamá-lo.

Antes de regressar ao país, foram dadas e repetidas a Alberto numerosas recomendações.

Que na viagem devia manter-se muito vigilante pois, com a responsabilidade que tinha, certamente estava fichado pelas polícias de fronteira. Que o passaporte, sendo bom, não deixava de ser falso.

(Manuel Tiago, *Fronteiras*, pág. 111)

Esta realidade de António Gervásio e muitos militantes do partido é vivida pelo próprio Álvaro Cunhal, conforme refere, em tom a que se pode chamar de autobiográfico, no conto *O Porão*. E que, no II volume da biografia sobre o dirigente do PCP, Duarte, o dirigente clandestino, José Pacheco Pereira refere nos seguintes termos: "Como é habitual, Cunhal relatou ficcionalmente a sua viagem usando o nome de Carlos num dos seus livros. (...) A oportunidade surgiu com o retorno próximo à Jugoslávia de um antigo paquete, o City of Lisbon, adquirido pela Jugoslávia e baptizado de Partizanka, que estava a ser reparado em Portugal."

Foi o Zé Louro quem sugeriu a solução. Soldador nos estaleiros da Rocha, deu a notícia. O paquete Gonçalo Velho da Companhia Açoreana fora vendido à Jugoslávia e estava nos estaleiros para reparação, modernização, pintura e mudança de nome. Passaria a chamar-se Lug e na chaminé estavam a pintar uma enorme estrela vermelha. A maior parte da tripulação, vinda do país comprador, já se encontrava a bordo. Apesar da permanente vigilância da PIDE, com brigadas que em turnos se revezavam no navio, estabelecera-se contacto entre os trabalhadores dos estaleiros e a tripulação. Balbuciando inglês e espanhol, Zé Louro falava com alguns.

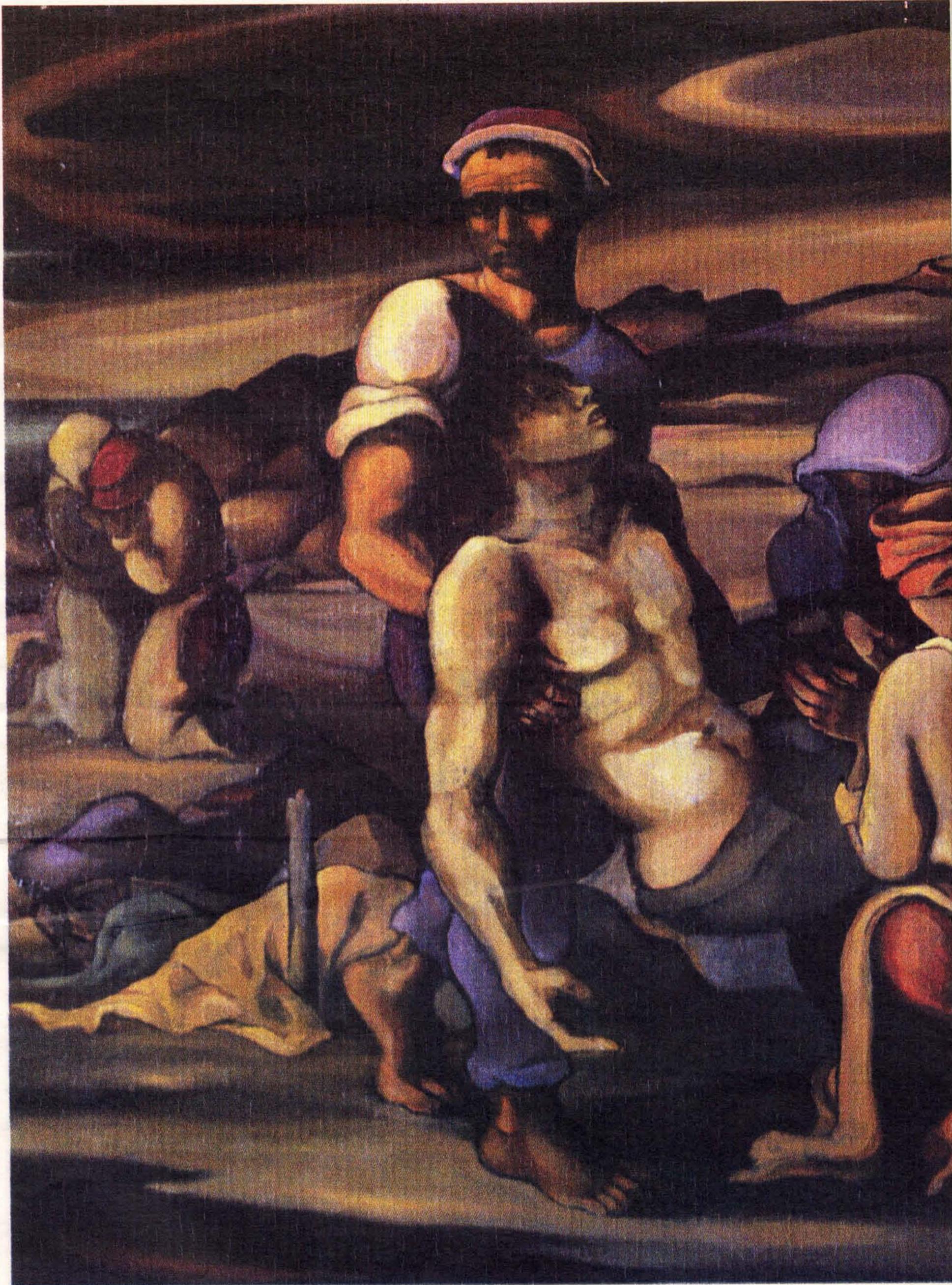
— São rapaziada fixe. Perguntaram se cá havia partido e pediram materiais.

Transmitida a notícia, foi resolvido colocar a questão. Se seria possível levar clandestinamente um camarada, enviado em missão ao estrangeiro. Zé Louro levou o recado e passados dias chegou uma primeira resposta: queriam saber mais. (...) Prevvia-se que o paquete estivesse pronto para partir dentro de duas semanas. Antes, sairia a barra a verificar se tudo estava em ordem. Nessa altura já o camarada deveria estar a bordo, pois era de esperar que a vigilância da PIDE se intensificasse e se tornasse então ainda mais difícil gente estranha entrar no navio.

A melhor forma de embarcar seria juntar-se na cidade a um grupo de marinheiros e entrar com eles, como de regresso de uma ferra. No controlo mostraria o cartão de um outro tripulante, que teria ficado a bordo.

Assim foi feito. (Manuel Tiago, *Fronteiras*, pág. 89)

No seu livro *Quadros da Memória*, Margarida Tengarilha conta no capítulo "Uma Oficina de Falsificações" a razão principal porque tinha sido convidada para entrar para funcionário do PCP, juntamente com Dias Coelho: "Montar e pôr a funcionar uma oficina de documentação falsa (...). As operações-stop nas estradas a ciclistas, ciclomotoristas e automobilistas, as abordagens nas ruas exigindo a identificação dos cidadãos pela PSP, GNR e PIDE





intensificavam-se no dia a dia. (...) A rede repressiva era cada vez mais apertada e mais sistemática. Daí a necessidade de criar esta 'tarefa' e, para isso, um escultor e uma pintora estavam a calhar". Num outro capítulo, "Fronteiras a Salto", a autora refere ainda que "Preparar os passaportes para os outros atravessarem as fronteiras e passá-las nós a salto são experiências muito diferentes" e confessa que ao receber o volume do livro *Fronteiras*, do Álvaro, em que ele escreveu a dedicatória: "para a Margarida Tengarrinha, estes contos onde encontrarás muitas verdades e riscos que directamente viveste", vieram-lhe "à memória algumas dessas idas e vindas no cumprimento dessas tarefas (...)".

O receio de ser apanhado – e o que daí podia advir para si próprio e para o partido – é uma presença sempre constante nos relatos verdadeiros e nos de quem se vê retratado na ficção de Manuel Tiago. Como diz António Gervásio, "O meu maior receio na clandestinidade era ser descoberto e preso. Mas fui detido três vezes e levado para a cadeia. Duas vezes fugi, uma vez do Montijo e outra em Alhos Vedros, num encontro que foi denunciado". Mas esse medo não era razão para que os militantes interrompessem a actividade e António Gervásio garante que para cumprir a sua tarefa não largava a bicicleta. Só assim conseguia ir de um lado ao outro: "Tinha um treino quase de corredor e tanto ia de Elvas para a Baixa da Banheira como de Évora para Beja. Eu andava bem, sabia explorar a bicicleta e tinha muita resistência porque era novo. Tinha 25 anos."

Fora o último encontro. Agora tratava-se de regressar a casa. Às 10 da noite, vendo-se na estrada livre e escura, acomodou-se melhor no selim, apressou o pedalar e ouviu com prazer o chiar dos pneus no asfalto molhado. De quando em quando, um automóvel em sentido contrário cegava-o com os faróis. Então chegava-se à direita e fazia por olhar apenas para a berma da estrada, até sentir passar ao lado o furacão do carro.

(...)
Não foi além do primeiro marco. As pernas recusavam-se, tinha o corpo alagado em suor e respirava fundo, como se o ar pudesse ir desalojar-lhe do peito a angústia crescente. Tendo andado mais de cem quilómetros de bicicleta contra o vento e aguentando algumas cargas de água, as batatas que comera ao meio-dia estavam moidas e esmoidas e o organismo cansado pedia novo auxílio.

(...)
Ao cimo da ladeira, embalou e deixou correr. A aragem fresca e húmida fustigava-lhe o rosto e pescoço e entrava-lhe pelos punhos, braços acima, revigorando o corpo fatigado. Mais um pouco, comeria um quarto de pão com o mais que houvesse e o resto seguiria melhor.

(Manuel Tiago, *Até Amanhã, Camaradas*, pág. 33)

Como é que era percorrer as terras desertas?

– Agora é que é uma solidão. Dantes havia uma grande concentração do operariado agrícola e qualquer localidade tinha 200 ou 300 trabalhadores. Quando se deu a luta pela jornada das oito horas, em 1962, foi resultado de um trabalho que começou a ser organizado em 1957, levou cerca de cinco anos a preparar e eu estive metido nele do princípio ao fim. Ao sul do Tejo existiam mais de 200 mil operários agrícolas!

As recordações daqueles tempos estão estampadas no seu livro sobre a luta de 1962, no qual António Gervásio fez imprimir a primeira página do *Avante de Junho* do mesmo ano, onde a "Grandiosa Luta do operariado agrícola" é um dos principais artigos, ao lado das directivas do partido – "Que fazer" – para derrubar o regime de Salazar e o anúncio da "importante" entrevista que "O Militante" publicava na íntegra com o "camarada Álvaro Cunhal".

O que significa a ficção de Álvaro Cunhal?

– A literatura dele reflecte um homem envolvido, que

vale a pena ler mesmo por quem não gosta do PCP. O Álvaro é uma pessoa que marca, exigente, rigóroso e com um lado humano. Ele procurava aprofundar tudo, sendo firme. Dava-se muito com os homens e as mulheres, os quadros, era um homem que gostava de conhecer a vida, perguntava sobre tudo. Tudo o que li dele era redigido numa linguagem muito simples, muito profunda e clara. Tem uma escrita muito bonita, faz-me lembrar o Eça, pelas frases curtas e, às vezes, mordazes.

Sem ele o Alentejo não era o mesmo?

– Seria. Mas o Álvaro é um pouco deste PCP que a gente tem, o partido fez um pouco do homem que ele é mas o Álvaro fez muito deste PCP. Não é endeusamento, nem ele o aceitaria. Quando confundem esta realidade ele diz logo que é o partido, corta logo a conversa, não quer o culto e até reage mal.

No seu texto sobre os 40 anos deste levantamento de 1962, António Gervásio conta a realidade do trabalho e considera que essa realidade surge reproduzida ao pormenor em várias páginas da ficção de Manuel Tiago. Tome-se um exemplo: "Até Maio de 1962, os assalariados agrícolas do Sul não conheceram outro horário de trabalho no campo que não fosse o escravizante horário de sol a sol (...). A mais pequena luta era violentamente reprimida."

Pelos guardas que encontrara e pela informação do homem do burro, concluiu já que a greve operária fora um sucesso, mas, dado que não havia ali organização camponesa nem se preparara qualquer greve camponesa semelhante à do sector de Vaz, Paulo não raciocinava sobre o facto estranho de encontrar os campos desertos, nem ligava ao movimento do dia.

Ao aproximar-se da aldeiazinha que tomara como primeiro alvo, pensava de si para si se encontraria nas ruas alguém que lhe desse informações, ou se iria entrar numa aldeia tão abandonada como os campos. O carreiro por onde entrou na aldeia e as primeiras queilhas estavam de facto desertas. Mas de súbito desembocou num terreiro onde havia grande animação e movimento. Ali estavam reunidas numerosas pessoas em volta dum camião descoberto. No camião encontrava-se uma vintena de camponeses e camponesas que falavam e a cujas palavras e risos respondiam outros e outras do ajuntamento. No primeiro momento, Paulo pensou tratar-se de qualquer acontecimento festivo, mas logo a seguir viu com surpresa vários guardas armados em volta do camião. Não havia dúvida: os camponeses que riam em cima do camião estavam presos e iam ser levados. Isso não diminuía pelos vistos a sua boa disposição.

– Mariana! – gritou um. – Junta a ceia de hoje à ceia de amanhã para quando eu voltar. Assim ao menos já enche o prato.

Riram em cima do camião e no ajuntamento responderam da mesma forma.

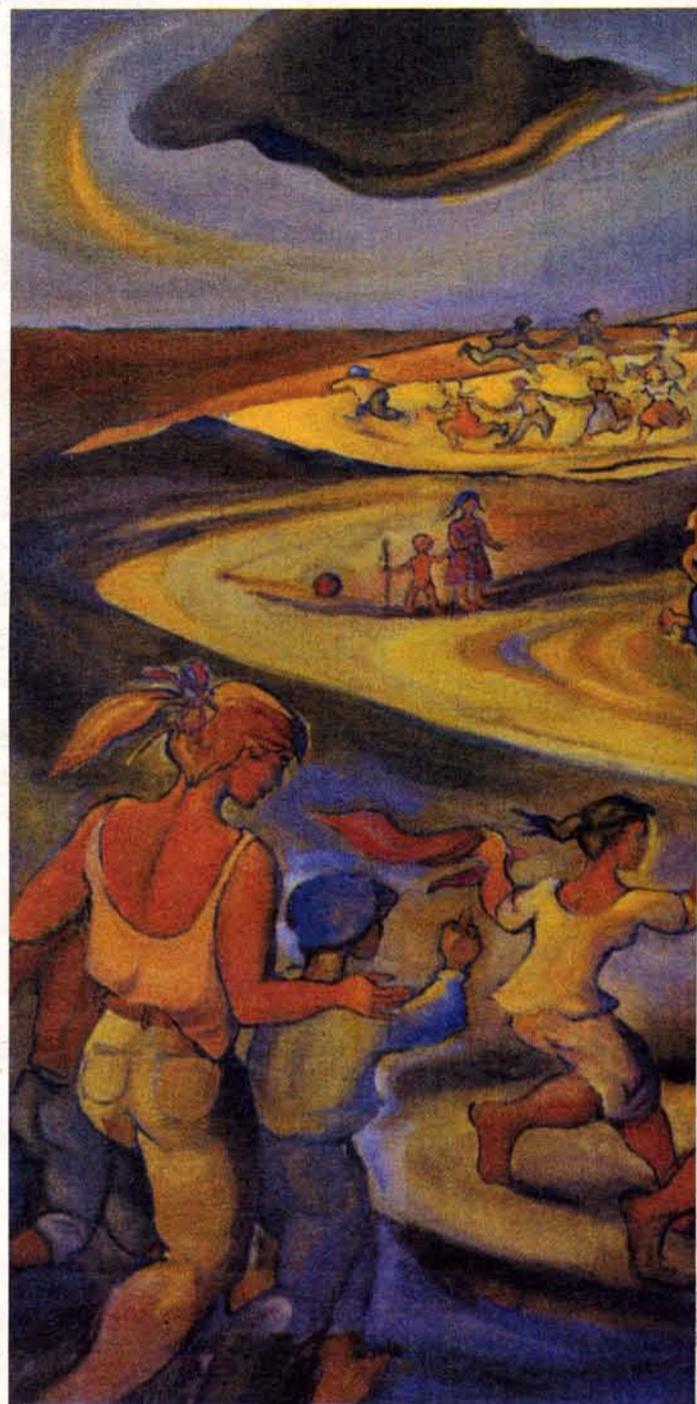
O camião tinha de certeza qualquer avaria no motor, pois um militar estava às voltas com ele. Entretanto os camponeses continuavam a chalar e a rir.

– Vão rindo, vão rindo, que talvez chorem! – berrou o cabo da Guarda, vendo-se, pelo tom empregado, não ser a primeira tentativa feita para pôr termo àquele desaforo.

(Manuel Tiago, *Até Amanhã, Camaradas*, pág. 234)

Na biografia de Gervásio surgem três prisões e cinco anos e meio de detenção, tendo na segunda captura sido um dos presos que fugiram da prisão de Caxias no automóvel blindado que fora oferecido por Hitler a Salazar. Nunca esteve preso ao mesmo tempo que Cunhal, mas do seu tempo de prisão e tortura encontrou muitos exemplos nos livros de contos de Manuel Tiago. Quanto à fuga de Caxias, quase tudo foi contado mas António Gervásio alerta para o facto de que "ainda hoje há coisas que não se dizem, há muita gente viva".

A notícia correu veloz. O Barra fragateiro fugira de Caxias. E que fuga! Só possível com atento estudo da situação, com



imaginação, com provas imprevisíveis de audácia, de calma, de autocontrolo e de sangue-frio.

Há anos numa das salas, o Barra estudara o movimento, os turnos e a rendição dos guardas prisionais e das sentinelas. O calendário da vinda para o forte de cada novo contingente da GNR, rendendo o anterior. Observara que, com frequência, ao despertar da manhã, antes da rendição dos guardas, saíam alguns em mangas de camisa, toalha ao pescoço, para o terreiro fronteiro à fachada, a fazer exercícios ou a respirar o ar fresco.

A realização foi perfeita, no dia seguinte à rendição da GNR, (Manuel Tiago, *Fronteiras*, pág. 21)

Como se prepara uma fuga?

– Tudo foi tratado na hora do recreio, em código, para ninguém perceber. A fuga demorou a preparar cerca de um ano mas apareceu uma grade que impedia a saída. No forte havia um refeitório dos anos 50 que não fazia parte do pavilhão dos presos. Saíamos sala a sala e passávamos por um vão de dois metros que dava acesso ao interior do refeitório, protegido por um murete não muito alto que, como deu lugar a fugas, foi fechado e acabaram por dar as refeições nas celas. Transformaram esse



refeitório numa garagem dos carros da cadeia e foi lá parar o carro oferecido pelo ditador alemão, à prova de bala. Era, como lhe chamávamos na altura, uma arrastadeira com 8/9 lugares, de grande potência. Soubemos que esse carro estava lá dentro e pensámos imediatamente que era o ideal para a fuga. Agora só precisávamos de estudar como fugir. Na cadeia havia uma sala a que chamávamos dos rachados, presos que podiam cavar um bocado de terra nos quintais, lavar o chão e, se tivessem habilidade, até arranjar os carros dos guardas. E nós conseguimos um rachado, demorou muito tempo para a polícia acreditar nele, era um motorista e técnico da Carris, com muita conversa, insinuante e bom mecânico. Ele foi a peça importante, resolvia alguns assuntos aos guardas e começou a consertar as viaturas da polícia política. Um dia disseram-nos que o carro estava bom, não tinha era gasóleo. Então, foi roubando combustível até que obtive a suficiente para fazer um teste ao carro. Os guardas vigiavam-nos mas foram-se habituando a ver aquele preso conduzir o veículo, ele até ia com um agente da polícia a Lisboa, e ganhou confiança. Depois, tivemos de estudar como é que levaríamos o carro até ao sítio do recreio. Foi fazendo isso, passando em frente à casa da guarda, habituando-o.

Combinámos o dia, a hora, tinha de ser antes da 10.30, porque a partir dessa hora os familiares estavam encostados ao portão exterior, que nós tínhamos de partir com uma pancada do carro blindado e que, ainda por cima, tinha uns batentes em cimento que não sabíamos se resistiriam. A dado momento, os guardas desconfiaram e alteraram os horários, obrigando a atrasar a fuga para descobrir os novos. Quando chegou o dia, estávamos a jogar voleibol no recreio e à nossa frente estava um guarda com uma G3. Estava combinado que o carro viria em marcha atrás e que quando um dissesse golo, saltávamos todos para dentro dele. Tinha que ser numa fracção de segundo, antes que o GNR raciocinasse que estava a iniciar-se uma fuga. Vamos-nos aproximando do carro e há um que diz "golo"! O carro parte rapidamente, o GNR atira-se para dentro da valeta para não ser apanhado, e ouvem-se logo tiros. O guarda do portão do meio tenta fechá-lo e teve que fugir para não ser apanhado. Dirigimo-nos ao portão da rua, esperando que não houvesse nenhum problema ou éramos varridos a tiros de metralhadora. Entretanto, avariámos todos os carros da polícia da cadeia e quando nos viram fora só puderam continuar a disparar. Ouvíamos o barulho das balas no tejadilho, a

fazerem ricochete, e a tentarem apanhar os pneus. Dez minutos depois, estávamos no Arco do Carvalhão, em Lisboa.

No seu livro *Sonhos de Poeta, Vida de Revolucionário*, Manuel Pedro descreve assim a fuga: "Subitamente, nos primeiros dias de Dezembro, chega-nos a notícia de que um grupo de dirigentes e de outros funcionários do PCP tinha fugido de Caxias! Isto cerca de dois anos depois da fuga de Peniche. Era obra! (...) Foram oito ao todo, com Tereso. António Tereso.

Tereso era o homem que "rachara" em Caxias. Que limpava as botas aos guardas e lhes despejava os penicos. Aquele trabalhador da Carris que arranjava os carros da prisão e recebia 300\$00 do director. Aquele que era odiado por todos os presos políticos em Caxias. Por todos, não. Havia, claro, os que, como José Magro e Afonso Gregório, mais dois ou três, estavam na preparação e conhecimento do plano desta fuga. Não cabia em mim de espanto. Aquele homem que eu tanto odiara era afinal um camarada que se arriscava a ser descoberto e a ficar anos e anos a apodrecer na prisão. Que se arriscou mesmo a ser morto, quando investiu com o carro blindado contra o forte portão da cadeia de Caxias". ■

No PCP, mas sem filiação



As estradas que hoje atravessam o Alentejo deixaram de ser caminhos e passaram a vias rápidas. Quando a placa indica Évoramonte há que abrandar a velocidade se se quer visitar a fortaleza, que se vê bem de longe e destaca das outras por ser de arquitetura muito diferente. Em vez de ter quatro cantos parece feita de igual número de cilindros, que lhe dão um aspecto arredondado, mas não menos feroz. Além de um funcionário no posto de turismo e duas velhotas que atravessam a rua principal, não há mais ninguém à vista. A paisagem é deslumbrante e só os montes lá ao fundo mostram que existe um fim.

Do silêncio profundo que ali se ouve surge um barulho de chocalhos. Debruço-me sobre a muralha e um rebanho de ovelhas mastiga as ervas que ali crescem. Silencioso e a observá-las está um pastor. Chama-se Manuel Raposo e tem 69 anos. A pergunta que ouve surpreende-o!

Alguma vez esteve com Álvaro Cunhal?

O pastor não desarma: – Vi-o várias vezes na televisão, ouvi dizer que ele foi preso, que viveu fora do país, mas nunca estive ao lado dele...

Como nenhum de nós tem pressa, pergunto-lhe pela vida. Está reformado e toma conta das ovelhas do filho que trabalha com um tractor nas propriedades de outros. Aponta lá para o fundo onde o descendente deve estar hoje e continua a falar. Pausadamente, introduzindo os temas que o interessam. A falta de chuva, o trabalho no campo e o estado da agricultura.

– Os últimos debates levaram-me a reflectir. Sou operário. Tu, Pedro, também és operário. O nosso partido é o partido da classe operária. Mas nós estamos empenhados na luta dos agricultores e nem sequer temos considerado as possibilidades, mesmo limitadas, da luta da classe operária e dos trabalhadores em geral.

Isso era verdade, concordou Pedro. Mas ali, em Sorzelo, onde estava a classe operária, além de alguns pedreiros e carpinteiros?

– A deficiência é nossa, Pedro. Restam também alguns trabalhadores, ainda que poucos, na fábrica de bolachas. Há os reformados, que também são operários. Que temos nós feito na defesa dos seus interesses? Onde e quando definimos, com eles, as suas reivindicações?

(Manuel Tiago, *Os Corrécios e Outros Contos*, pág. 150)

Como é o Alentejo da sua memória?

– Começávamos antes do sol nascer e terminávamos meia hora depois de se ter posto. Mas andávamos em melhor situação do que agora e mais contentes. Hoje em dia as pessoas não ligam aos outros, os novos abalam antes de terem idade para trabalhar e a maioria está desempregada.

A sua apreciação da realidade é sucinta e, silêncios depois, prefere falar da sua terra: “Antigamente, a cada porta desta muralha estava um feixe de gaiatos e havia mulheres sentadas às soleiras das portas. Mas agora só cá vivem três ou quatro famílias. Os velhos vão lá para baixo, de manhã, para o lar e só sobem para dormir.”

Quando dá por elas já o rebanho está a fugir do seu olho. Seguimos as ovelhas enquanto o pastor diz que cuidar delas o distrai. “Se não fosse esta ocupação não sabia o que fazer da vida. O meu filho ganha dinheiro com a máquina e eu ando atrás delas.”

A quintarola fornecia o bastante para o sustento da casa. Uma bela horta, um pequeno pomar, galinheiro e coelheira.

Isto é: legumes, fruta, ovos e carne. Assim se iam governando.

Mas aquilo não era futuro para os rapazes, disse-lhes o pai. Pensara muito. Gostaria de ter posses para que os dois fossem estudar e tirar um curso. Mas o que tinha não dava para tanto. E, mesmo que desse, se os dois abalasses da terra para os estudos, como poderia ele ficar sozinho a cuidar da quintarola? Pensara muito e tinha uma solução a propor-lhes.

– Um de vocês ficaria com a quinta e a mercearia, o outro iria estudar e tirar o curso, talvez numa escola de veterinária. (Manuel Tiago, *Os Corrécios e Outros Contos*, pág. 185)

À saída de Évoramonte, um casal de turistas olha assombrado para a localidade onde vão entrar. Observam as paredes grossas da muralha, reparam na curva convexa do espelho que evita acidentes à boca do túnel e descansam. Porque para os turistas, fazer aquela subida até ao cimo da montanha é passeio e turismo, do qual terão muito para contar quando chegarem ao seu país.

A paisagem que se vê das muralhas de Évoramonte não difere daquela que se observou por entre as frinchas das paredes da fortaleza de Portel. As pessoas sim, porque aqui há muitas mais a caminharem pelas ruas. Atravessando Portel, indo para o lado contrário ao da Igreja Matriz, vai-se dar à casa de um militante comunista que nunca se filiou no partido. Não é por isso que, aos 82 anos, deixa de afixar na porta do seu estabelecimento o anúncio do almoço comemorativo do aniversário no PCP, no sábado, e que tem numa das prateleiras da loja a última edição do *Até Amanhã, Camaradas* que anda a reler.

Francisco Vinagre informa que o controleiro da região é o Vasco e que ele só dá uma ajuda em Portel porque mora ali há muitos anos: “Há trinta que sirvo o partido, quando me dedico a uma causa é sem interesses, não gosto de mandar.”

A sua pouca vontade de responder indicia que dali não se vai levar muito. No entanto, o seu perfil encaixa num dos muitos personagens da ficção de Manuel Tiago como uma luva. Daqueles que ajudavam o partido sem pertencerem à organização, dos que no momento certo davam abrigo aos clandestinos ou resolviam um problema de saúde ao militante doente. E, como quem está à sua frente não vem fazer nenhum interrogatório à antiga, ao fim de alguma insistência, lá começa o homem a falar.

No fim da reunião viram o caso. Paulo propôs a casa do advogado com quem estava em ligação.

– Quem? – interrompeu Ramos. – O tagarela?

– Desgraçadamente – disse Vaz – nem para isso serve.

– Talvez sirva – disse Paulo com surpreendente segurança.

E contou que tivera longas conversas com o advogado, que vira com ele a possibilidade de interessar também a mulher na actividade do Partido e que da última vez, o advogado, passando a mão lentamente pela cabeleira ondulada e sorrindo, lhe dissera satisfeito:

– A minha companheira – e o advogado, querendo dizer esta palavra com toda a naturalidade, não deixava de salientá-la com exagero –, a minha companheira tem também vontade de nos ajudar. Se algum camarada precisar de utilizar a nossa casa, para estar um ou dois dias e sobretudo para passar a noite, ela está às ordens do Partido.

(Manuel Tiago, *Até Amanhã, Camaradas*, pág. 113)

Esteve preso preventivamente em 1949, juntamente com oito pessoas de Portel mas foram todos absolvidos. A acusação era de que tinha uma arma – Eu que nunca mexi numa arma! – e até fui avisado: “Há uns gajos da polícia que te querem ir buscar e prender!” Mas, não acreditou e só soube das razões quando já estava incomunicável. A criada de um juiz redigira uma carta a dizer que no interior de um café ouvia darmos vivas à Rússia e que tinha balas. Quanto a esta última acusação era parcialmente verdadeira, só que não passava das cápsulas dos cartuchos,

material com que se faziam cabos para as facas... Se fosse uns anos mais tarde, a polícia já teria provas para o incriminar. Como, por exemplo, uma vez que vinha na estrada entre Alpiarça e a Chamusca e levava a carrinha carregada de propaganda clandestina. “Há episódios na vida que contam...”, desabafa, após relatar outras situações em que o perigo esteve presente.

Nunca esteve na clandestinidade e sempre exerceu uma profissão. Era vendedor dos cafés Sical e agora tem um estabelecimento que se chama Casa Felicidade – Lotarias e Jogos Lda.. Critica o desinteresse dos mais novos pela realidade social e dos que parecem ter vergonha de votar na CDU. Quando exhibe as ilustrações de Rogério Ribeiro da nova edição do velho *Até Amanhã, Camaradas* parece regressar vários anos no tempo, na vida e nas paisagens.

Terá a possibilidade de matar saudades três dias depois no almoço do 84.º aniversário do PCP, que se realiza em Portel. Uma das camaradas que estão a ajudar a preparar a refeição vem até à loja e confirma que se estão a fazer mil taças de arroz doce e outros tantos pratos. Mas não resiste ao desabafo: “Vou fazer serão ou não teremos a comida pronta a tempo. Para trabalhar são sempre os mesmos mas para comer virão caras novas!”

A estrada que deu para ir a Portel também, se for feita ao contrário, leva-nos para Campo Maior, onde histórias não faltaram para inspirar a ficção de Álvaro Cunhal. De passadores, de saltos para Espanha, de contrabando e de militância. Mas, enquanto se consomem os quilómetros dá para pensar, mais uma vez nas mudanças que a literatura de Manuel Tiago não contemplou, nem previu. Há que dizer que eram retratos do que se viveu – ou viveram – e não de futurologia. Só mesmo nos últimos contos é que certas realidades surgem analisadas, já com o assentar da poeira e a necessidade de tocar em certas questões que mereciam ficar registadas e que (mais à frente) Urbano Tavares Rodrigues irá enunciar.

Mas a pista que leva primeiro até Évora é sempre acompanhada de um fantasma, o da velha estrada por onde até há poucos anos se circulava entre as terras alentejanas. E essa aparição – onde já não passam os carros – confirma que os tempos da história começam a dar as voltas à própria vida do Partido. Os personagens com quem se vai falando jamais o dizem abertamente mas, nas entrelinhas, entende-se que o Alentejo está mesmo diferente. Já não são só as ausências de foices e martelos pintadas nas paredes, mas o peso da realidade de uma geração que lutou pela melhoria de condições de vida nos campos e pela liberdade, que agora se vê sucedida por filhos e netos que não precisam mais dessas conquistas, por terem sido firmadas como parte da realidade.

O PCP vai festejar mais um aniversário mas, provavelmente, quando fizer o almoço do centenário, o seu Alentejo – para já não falar de Portugal – será muito diferente daquele em que o secretário-geral percorria as planícies, acompanhado de multidões e entusiasmos, comícios e boas vozes. A estrada paralela faz pensar que há certos caminhos que dificilmente se mantêm utilizáveis e que se nos tempos das lutas do campesinato contra os grandes latifundiários era preciso que o Partido aparecesse, agora é necessário que ele não desapareça.

Bonito de ver. Manifestações da juventude. Bandeiras vermelhas, faixas coloridas, canções, palavras de ordem, luta, confiança, alegria. A cor, o ruído e o movimento enchem o espaço. O cortejo desce a Avenida. No piso central, de lado a lado dos passeios, forma-se um cordão de mãos dadas antecedendo o carro de som. Gritam com entusiasmo: “Agora e sempre, juventude está presente!”

(Manuel Tiago, *Os Corrécios e Outros Contos*, pág. 57)■

O camarada da tipografia

A ideia que tinha de Torre de Coelheiros era a de que ficava como uma ilha no meio de um Alentejo, fora das estradas nacionais. Ou, melhor descrevendo, como uma península porque para se chegar lá havia uma única estrada, que se desviava da principal, e andava em grandes linhas rectas pelo meio da planície. Guiava-se sobre o asfalto durante 15 minutos e quase vinte quilómetros até que se vislumbrava uma terreola onde, em algumas vias, se acabara o alcatrão e havia terra a substituí-lo.

Desse fim de manhã e princípio de tarde com mais de dez anos, em Torre de Coelheiros, ficaram duas lembranças. Um café, onde existia um "altar" com a fotografia de Cunhal e uns recortes de jornal, uma cooperativa onde se almoçou borrego – como era hábito nos comícios do Partido Comunista – e ouviram discursos. Cunhal, como sempre, meteu-se na fila para ser servido e aguardou a sua vez. Debaixo de um braço, a sua pequena bolsa e, entre as mãos, a bandeja para trazer o ensopado e uma fatia de pão. No fim, o dirigente dirigiu-se a algumas centenas de pessoas e disse o que lhe ia na alma e, também, o que fazia parte dos discursos da campanha eleitoral em curso e que estava escrito nas suas notas, guardadas dentro da referida bolsa.

Treze anos depois, em busca dessas memórias só se encontrou o nada. Torre de Coelheiros não era mais uma "ilha" ligada a terra por uma única estrada – provavelmente nunca o fora, talvez ficção do forasteiro que a visitava –, a terra batida de algumas estradas fora substituída por ruas asfaltadas e da cooperativa nem um sinal. Torre de Coelheiros nem possuía já esse tal café onde o dirigente comunista poderia ser reverenciado como um ícone pela população.

Não foi só Torre de Coelheiros que mudou no Alentejo. Quase tudo o que era referência de comunistas e vermelhos está a desaparecer. A maior parte dos centros de trabalho do PCP não têm as bandeiras hasteadas – à excepção de Campo Maior, por exemplo – e os únicos cartazes que ainda restam da recente campanha para as legislativas são do PS e do PSD. Do PCP, só se vê a publicidade do Avante a alertar para as notícias que dão e que os outros órgãos de comunicação social ignoram. O choque de ver o Alentejo do princípio da década de 90 e o do início da década de 2000 pode ser medido pela existência de um grande cartaz do dirigente social-democrata Pedro Santana Lopes mesmo à entrada de Baleizão. Noutros tempos, arriscaria dizer, não haveria coragem para esta "provocação", nem aí ficaria vários meses de pé. É certo que por trás alguém escreveu a seguinte frase: "Quem viu morrer Catarina jamais esquece"...

O caminho entre Beja e o Baleizão já mostrava bem que a realidade que fermentou as lutas do PCP na região está diferente. Além da ausência de referências à reforma agrária, à situação política ou outras pinturas murais caras aos comunistas, a paisagem mostra que o mundo mudou mais do que a ficção de Álvaro Cunhal permitiria antever. Ou que a sua obra política proclamava...

A imagem do trabalho nos campos é substituída pela sucessão de armazéns industriais, a rega por aspersão dispensa o suor do campesinato e numa encosta onde poderia estar um pastor com o seu rebanho, encontrava-se um parque aquático já abandonado. Em redor de Beja o desenvolvimento sobrepõe-se a qualquer outra visão, a economia à realidade política e o silo da EPAC, que ainda não foi deitado abaixo, destaca-se como um tótem isolado, representando uma fé que o calor alentejano secou. Sobre a linha de caminho de ferro que desemboca nas instalações de cereais, cresce o mato... quase tão viçoso como em algumas plantações que não sofrem com a seca que mais um ano se abate sobre o Alentejo, devido aos aparatos de rega modernos. Sobre os fios de água da rega mecânica, no entanto, está um céu carregado de nuvens que correm ao sabor do vento e não páram para ensopar os pastos.

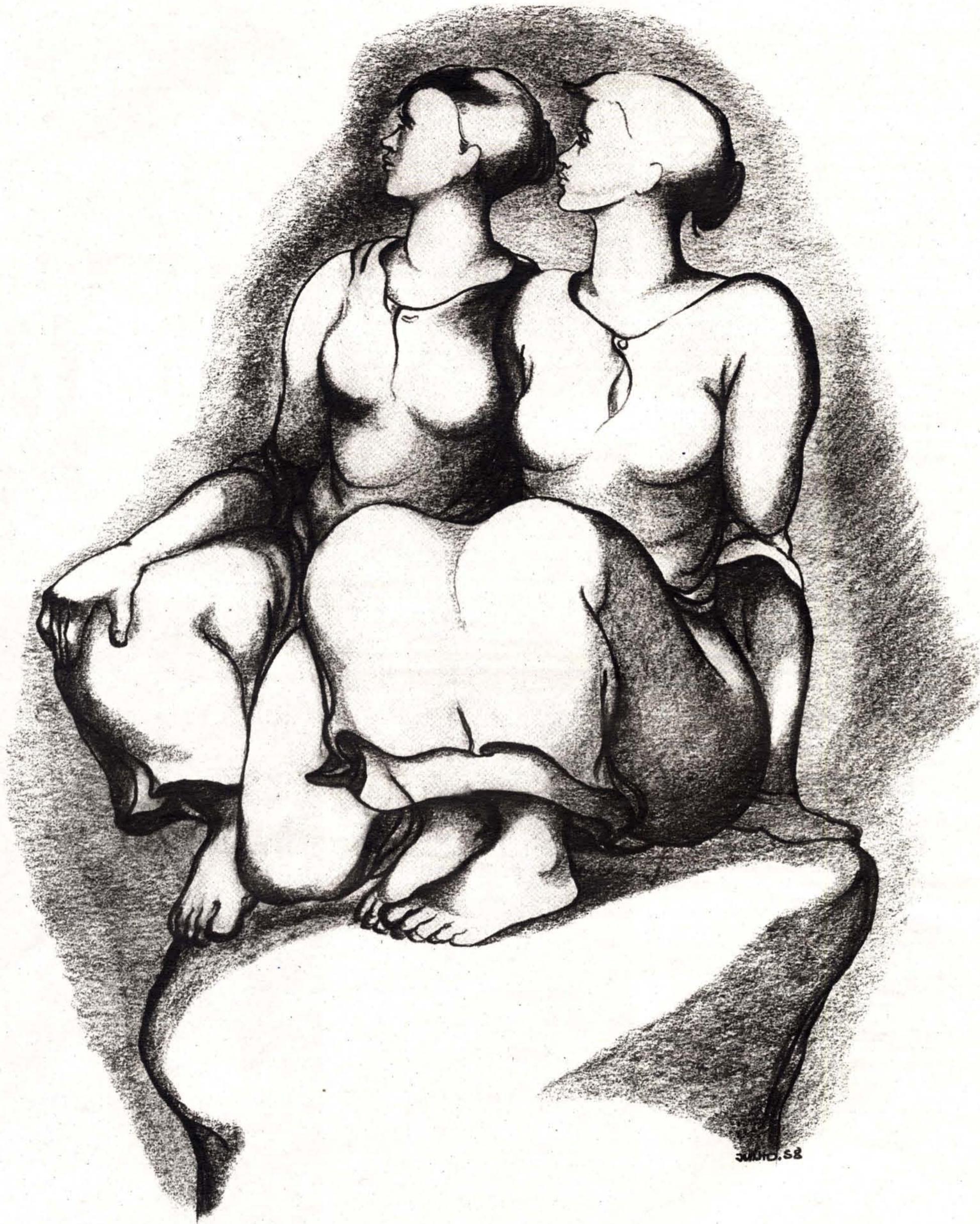
Em Beja, a vida também é diferente daquela que se vivia até há poucos anos. Álvaro Cunhal? PCP? São palavras que já nem todos conhecem como, por exemplo, os imigrantes do Leste e do Brasil, os únicos que povoam as ruas de Pax Julia durante a noite. Beja fica vazia quando está escuro e até os anúncios luminosos dos estabelecimentos exibem nomes estrangeiros à tradição daquela parte do país. É o Snack Naturista, a Mango, a Alain Manoukian, a Metro Kids Company USA... Contrariando este cosmopolitismo cultural, um letreiro preso na vitrina de uma loja anuncia "Aceitamos notas de escudo neste estabelecimento".

Quanto a restaurantes para se jantar, estão quase todos fechados. Lá se vai a broa e as azeitonas típicas a troco de um croissant na KateKero... Depois de muito correr, encontra-se o restaurante Alcoforado, onde um casal de ucranianos janta perto de um televisor que exhibe um jogo de futebol. Há duas televisões presas numa parede, a ladearem um painel de azulejos com uma vista de Beja e duas vitrinas com louças regionais. A meio da refeição chega um cliente habitual da casa, o sr. José Luís, e o dono do estabelecimento tem alguém local com quem trocar umas opiniões mais interessantes do que aquelas a que se vê obrigado com as pessoas que vêm de fora.

Olho para a garrafa de vinho da cooperativa da Vidigueira, Cuba e Alvito que está a uso e vejo no rótulo a imagem de Vasco da Gama. Recordo que em tempos alguém contara que as primeiras garrafas deste vinho que foram exportadas para o mercado norte-americano vieram devolvidas. Parecia que as barbas do navegador e a palavra Cuba (a do Alentejo) assustaram os comerciantes dos Estados Unidos com a assombração de um hipotético Fidel Castro retratado nos rótulos.

À mão, sobre outra mesa, estão alguns jornais locais. No *Diário do Alentejo*, o título da primeira página é "Mais de 200 licenciados de Beja no desemprego". A notícia explica que o concelho é o que tem maior número de licenciados à procura de emprego. Em termos globais, no fim de Janeiro, estavam inscritos 9367 desempregados no distrito. É caso para dizer que mudam os tempos mas a crise não se foi embora. Aliás, lá mais para a frente haverá um comunista que dirá "Agora é chique ser do PS, ter vários carros à porta e mais do que uma casa". E, parece que nem os filhos e netos dos militantes mais antigos escapam a estes novos hábitos.

O nome das ruas ainda evidenciam que estamos no Alentejo. Numa placa está escrito "Nuno Miguel Gonçalves, Exímio agricultor" e, na manhã seguinte, quando o sol despontar sobre a montra da Primorosa, a loja de lotárias e totoloto, estarão à espera dos seus raios um punhado de velhotes alentejanos, equipados a rigor, de chapéus, caxifos e samarras, a confirmar os resultados dos jogos do fim-de-semana. Ali ao lado, um casal de espanhóis recortará de um folheto turístico um bocado do mapa impresso. É que só lhe interessa visitar o centro da cidade, o resto do prospecto pode ficar para os próximos turistas, os que estiverem interessados em conhecer as redondezas. E não faltam destinos pois, como indica o painel colocado ao pé da estátua da Rainha D. Leonor, Beja faz parte de



uma rede de museus sem fronteiras. Se participar no roteiro "Terras da Moura Encantada" pode ser um dos turistas que naquele momento está em Portugal a fazer o mesmo que um outro passeante efectua em Marrocos, na Tunísia, na Espanha, na Jordânia, na Turquia, no Egipto, na Argélia, na Palestina ou em Israel.

O encontro com um dos militantes comunistas que se pode rever nos personagens de Manuel Tiago está marcado para as dez da manhã, no café Luís da Rocha. Chama-se João Honrado e traz na mão um *Diário de Notícias* e um envelope onde guarda um exemplar do seu livro *Falando Alentejo*. São 186 páginas de histórias que nas mãos do ex-secretário-geral fizeram contos e romances. Não é o seu único livro mas foi o que escolheu para oferecer e se identificar ideologicamente.

Quem fez o prefácio termina-o a dizer "Obrigado João Honrado por não teres calado a fala destas falas". E o autor é assim mesmo, não se silencia durante uma hora. Não é preciso perguntar-lhe com rodeios porque Honrado tem a memória fresca e as palavras na ponta da língua, relatos de outras décadas e verdades em que ainda acredita. Leu todos os textos de Manuel Tiago e define o *Até Amanhã, Camaradas* como um livro de resistência, onde se mostra o caminho para fazer a luta que seria determinante para se chegar até ao 25 de Abril. "É uma escrita fundamentalmente humana, com uma importante mensagem política, onde os personagens têm uma aura real. Revejo-me em situações que vivi, as fugas à polícia", afirma...

No dia 21, Vaz apareceu. Olhando impressionado o abatimento físico do camarada, Sagarra deu-lhe uma pormenorizada informação acerca do movimento e falou das novas possibilidades de trabalho.

– Dentro de um mês – concluiu –, teremos o dobro dos membros do partido que tínhamos antes do movimento.

Ao expor isto a Vaz, não lhe ocorreram sequer as dificuldades da sua vida pessoal, a impossibilidade de ao mesmo tempo trabalhar profissionalmente como jornalista e ir a todos os lados onde era necessário ir. Mas o que agora não ocorria a Sagarra ocorreu a Vaz. Demasiado sabia este que há tarefas que só pode desempenhar quem lhes consagre todo o seu tempo e mesmo assim com tão grande esforço que até as saúdes de ferro se ressentem.

– Se o Partido estivesse interessado em que passasses aos quadros de funcionários, estarias tu pronto para isso?

José Sagarra ficou uns instantes silencioso, como desorientado.

– Poucos conhecimentos tenho – disse por fim. – De certeza há camaradas com mais condições do que eu.

– Não é isso que pergunto – insistiu Vaz. – O que pergunto é se estás pronto para deixares toda a tua vida presente, deixares terra e família e passares a viver exclusivamente para o Partido.

José Sagarra continuou a hesitar.

– Bom, amigo. A dificuldade é que não seria capaz, pois não tenho a tua preparação e a dos outros camaradas. Quanto à vontade, já sabes.

E no rosto carregado e sardento, os olhos puros voltados para o camarada confirmaram as palavras.

Separaram-se. E só então veio novamente ao espírito de José Sagarra que, para executar as suas tarefas imediatas nos dias seguintes, não podia ir trabalhar, nem sabia que dizer em casa, nem sabia como comer. Por mais que pensasse, não via como sair da dificuldade, pois não lhe ocorria sequer à ideia de poder deixar de ir aonde os interesses do partido o chamavam.

(Manuel Tiago, *Até Amanhã, Camaradas*, pág. 246)

Esteve sempre ligado a jornais e chegou a pensar ser tipógrafo. Não lhe faltam histórias desses tempos em que a imprensa clandestina era uma ilegalidade que se pagava com a prisão, a tortura e, às vezes, a morte. Recordar-se de uma tipografia em S. Mamede da Infesta onde se imprimia propaganda e os espaços nas folhas de papel eram

aproveitadas ao milímetro para caber tudo o que era necessário escrever: "Usávamos o corpo 6 e para compor meia caixa era preciso muito cuidado, tal como para a tinta da impressão não passar para o outro lado. O papel escolhido era o de 63 gramas, mais conhecido como papel bíblia, que era fino o suficiente para se dobrar e esconder da polícia. Era difícil adquirir as meias caixas de letras porque a polícia desconfiava do seu uso. Chegava à loja, pedia uma caixa, pagava e partia à surrelfa. Se fosse um tipo ligado à PIDE podíamos estar logo tramados porque queria saber a razão da compra. Cheguei a ter cem resmas de papel bíblia e, na altura da Revolução do 25 de Abril, tinha material para trabalhar mais três anos."

E estas palavras pareciam dizer: "Gostaria muito de poder acreditar no que dizes, mas não posso."

Vaz referiu a necessidade de se imprimir o manifesto que Paulo redigira e perguntou a Ramos se haveria possibilidades numa tipografia do Partido.

Ramos leu o projecto do manifesto. Achou bem. A parte técnica é que punha problemas.

– Para se fazer numa tipografia clandestina do Partido – disse Ramos – tenho de esperar quinze dias pelo encontro com os camaradas do Secretariado e, mesmo que aprovem e decidam fazê-lo, demorará muito tempo, pelas ligações necessárias e pelos problemas de distribuição que cria o aparelho central. A meu ver, o melhor é contentarmo-nos com fazê-lo em copiógrafo e tratarmos disso sem perder tempo.

(Manuel Tiago, *Até Amanhã, Camaradas*, pág. 91)

E nunca foi apanhado?

– Uma vez tinha um encontro numa rua muito estreita com um tipógrafo do partido que trazia material já impresso e, no momento, em que fazíamos a troca apareceu um polícia que desconfiou do que estávamos a fazer. Não podíamos correr ou ele suspeitaria mas, também, não havia forma de disfarçar. Foi aí que me lembrei de tocar na campainha da porta de uma vivenda ajardinada e parecer que esse era o nosso destino. O polícia ao ver-nos tão à vontade recuou ostensivamente. Não ganhámos para o susto, mesmo com todos os cuidados nestas operações. Houve uma vez que a tipografia tinha caído e a nossa sorte é que havia uma combinação para uma situação destas, deixar um sinal nas redondezas. Os proprietários da tipografia eram um casal que tinha uma filha de oito anos e era a menina que muitas vezes nos dava os recados. No partido havia o hábito de aproveitar o gosto que as crianças têm por fazer teatro para se transmitirem mensagens. Ninguém desconfiava e elas gostavam dessa actividade.

Segundo Paulo, o importante era reunir o povo num dia determinado e num sítio determinado e daí irem todos aonde estivessem na ocasião os do Grémio e os lenheiros. Manuel Rato, a mulher, a filha e o cunhado poderiam pôr a correr a ideia, mas não podiam chegar a número suficiente de pessoas, nem tinham influência pessoal que assegurasse o êxito.

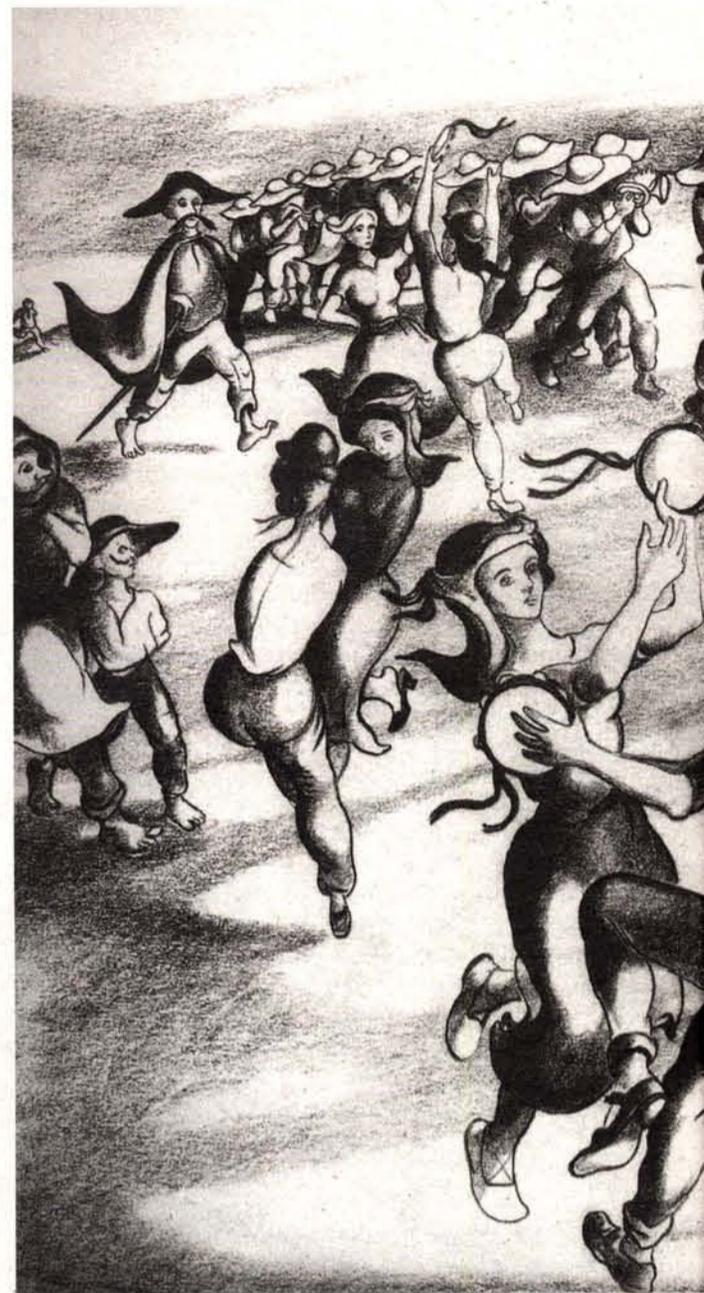
– Um pequeno manifesto ajudaria – disse Manuel Rato.

Combinaram então que Paulo iria ver se conseguiam fazer rapidamente um manifesto, sem data e chamando à concentração na Aldeia do Mato (o lugarejo maior das cercanias) de forma a que, quando se entendesse ser altura de agir, se distribuisse o manifesto na noite anterior.

– Eu e a rapariga nos encarregamos de o distribuir – disse Manuel Rato, enquanto Isabel alvoroçada fixava o pai agrida e feliz.

(Manuel Tiago, *Até Amanhã, Camaradas*, pág. 83)

Só conheceu Álvaro Cunhal depois do 25 de Abril. "Estava preso quando entrei para a clandestinidade. Quando ele se evadiu, eu ia de Coimbra para o Porto, para ocupar uma casa clandestina em S. Ovídio (Vila Nova de Gaia) e tive muita sorte em não ser interceptado pela polícia que estava em alerta." Destaca o *Cinco Dias Cinco Noites* e *A Estrela de Seis Pontas*, livros que mostram a vida dura dos presos,





a junção de presos políticos e comuns dentro da mesma cela, a natureza da vida na penitenciária, os espaços onde se ficava muitos dias e que só mediam 1,80 de altura por 1 metro de largura, onde se roubavam uns aos outros mas poupavam os presos políticos. E a recordação de, entre muitos, ter estado na mesma cela com Júlio Pomar.

A situação dos três políticos do terceiro varandim da ala C prolongava-se já há meses sem alteração.

Os presos sabiam disso, mas habituados a castigos e a situações complicadas comentavam pouco. Além do mais não apreciavam políticos. Os políticos, quando em casos raros eram para ali enviados, não eram obrigados ao uniforme e não tinham número a marcá-los. Um que por ali tinha passado, personalidade conhecida e influente, ao ser-lhe concedido passeio com os outros presos, não falava a ninguém e nem sequer dava os bons-dias.

Os três da ala C estavam para ali metidos incomunicáveis sem até então provocarem particular curiosidade ou interesse. O que mais provocava ditos era o facto de lá em cima no terceiro varandim continuar sempre um agente da PIDE renovado de três em três horas. Tudo parecia assim parado e sem seguimento até que uma noite houve novidades.

(Manuel Tiago, *A Estrela de Seis Pontas*, pág. 14)

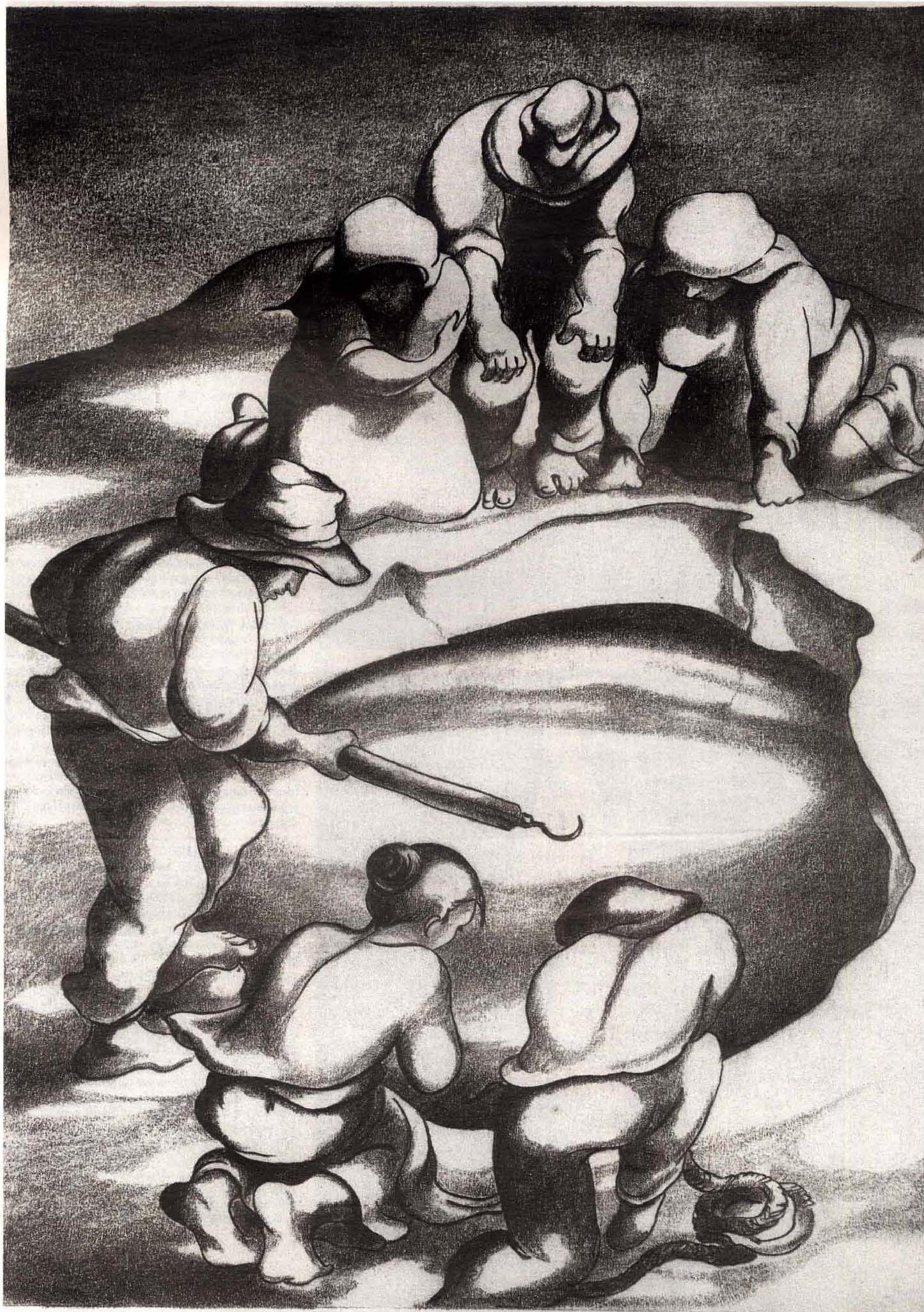
A história de João Honrado não cabe numa conversa de café mas algumas das suas histórias sim. Até porque ali, onde estávamos sentados, ele matara muitas vezes a fome à conta dos filhos dos agrários. É que os jovens sentavam-se ali a comer à conta dos pais mas o dono – o pai do actual proprietário – acabava por meter nessas facturas os bolos e os galões que servia aos miúdos menos abonados da terra, que ali também se sentavam.

No seu livro, João Honrado reproduz uma entrevista onde conta a vida, como descobriu cedo a sua vocação. “Tudo aconteceu muito novo, no período da II Guerra Mundial, quando aquela vivência dos pobres e da rua, do desemprego, da fome, das doenças incuráveis que se propagam facilmente nas casas dos pobres... Com todas estas coisas, a gente começa a entender que há algo de errado no sistema, algo que é preciso mudar. Como? Quando? E o quê?... Bom, isso começa a aparecer e a desenhar-se no nosso pensamento.” O *Avante!* surge como alavanca da consciencialização, que começa cedo, aos 12/13 anos, e aos 18 “um certo voluntarismo, uma certa aventura, mas ao mesmo tempo uma certa afirmação e conhecimento dos problemas nacionais, que se discutiam nessa altura, fazem com que seja preso pela primeira vez”.

E continua: “Era estudante e, ao mesmo tempo, fazia uma vida política quase dia a dia. Não ligava aos estudos. Trabalhava intensamente na actividade política. De manhã à noite. Assinávamos manifestos, distribuíamos os documentos na via pública, fazíamos inscrições nas paredes, fazíamos bibliotecas semi-clandestinas, ensinávamos a malta operária que não sabia ler...” até que “fomos presos porque pertencíamos ao MUD Juvenil. Na manhã seguinte, uma brigada da PIDE levou-nos para Caxias”, onde esteve quase dois meses. Posteriormente, foi acusado de ser membro do Partido Comunista Português e detido no Aljube e Caxias. E viveu a clandestinidade.

Ao deixar para trás a cidade de Beja, vê-se um testemunho da ficção de Manuel Tiago/Álvaro Cunhal na montra da Livraria e papelaria Estudantina, o recém-publicado álbum de capa dura do *Até Amanhã, Camaradas*, em versão ilustrada por Rogério Ribeiro. A funcionária confirma que é o único livro de Cunhal que tem à venda. Já se vendeu muito mas agora não. Os outros títulos (mesmo os políticos) estão esgotados e não foram repostos. No interior tem dois títulos que falam para o de Cunhal, um que, por certo, ele detestaria – *Diário de Salazar* – e outro que relata o salto que o falecido jornalista Álvaro Morna deu para França ao fugir à ditadura – *O Caminho da Liberdade*. ■





A mais jovem do rancho de Catarina Eufémia

JOÃO HONRADO contara que há pouco tempo estivera com uma senhora que pertencera ao rancho da Catarina Eufémia, a mulher que foi morta num protesto em Baleizão. Numa brochura publicada por altura dos 50 anos da morte da jovem, está lá um conto seu que relata o confronto entre Catarina e a Guarda Nacional Republicana. No mesmo caderno, há uma entrevista a essa senhora, Antónia da Graça Leandro.

Vale a pena ir procurá-la e ouvir da sua boca as memórias daquele dia violento que ficou para sempre marcado na história da repressão a sul do Tejo. No texto diz-se: "Era a mais jovem companheira do rancho de Catarina Eufémia, no dia em que esta foi baleada, a 19 de Maio de 1954. Encontrámo-la (Antónia Graça Leandro), por mero acaso, numa das ruas de Baleizão (...)." Não foi isso que aconteceu um ano depois quando a procurei porque a sorte só estava parcialmente deste lado mas, ao fim de bater a várias portas e fazer muitas perguntas, lá se descobriu a ceifeira.

Vale a pena dizer que quando se explicava que o trabalho era sobre a ficção de Álvaro Cunhal e que se procuravam pessoas que se assemelhassem aos muitos protagonistas dos seus contos e prosa, o rosto do interlocutor contraía-se, como se se perguntassem a si próprios a razão de virem de longe tentar encaixá-las em personagens que um dirigente partidário criara em muitas folhas de papel, de imaginação e obstinação política... A D. Antónia não reagiu diferente e depressa havia que mudar de tática porque o marido queria almoçar.

Conheceu Álvaro Cunhal?

– Lutei muito por ele, recolhi muitas assinaturas para pe-

dir a liberdade antes do 25 de Abril, ouvia dizer que ele andava por aqui fugido naqueles tempos, o nome dele era repetido...

Leu algum livro de Manuel Tiago?

– Nunca li nada. Sei ler, mas não sei escrever. Aprendi com uns moços que vinham da escola e me ensinaram...

- Tra-tra-tra-tra-tra-tra-tra!

Gritos. Depois um grande silêncio. Em alguns segundos, tudo se modificara. Uma parte do semicírculo humano desfizera-se em grupos. Tendo carregado à coronhada, os guardas estacavam, apontando as armas em direcções diversas. Como árvore sobrevivente do vendaval, a figura longa e hirta do camponês de barba loura parecia implantada na terra. Um outro camponês agarrava um braço por cima da camisa ensanguentada. Um rapazinho amparava dificultosamente uma mulher pesada vestida de negro que, de joelhos e mãos no ventre, gemia docemente. Paralisados de espanto, Manuel Rato e Joana olhavam o chão. A seus pés, de borco na caruma, desarticulada como uma boneca de trapos, estava Isabel, morta.

(Manuel Tiago, *Até Amanhã, Camaradas*, pág. 135)

Lembra-se daquele dia em que mataram Catarina Eufémia?

Antónia da Graça Leandro repetiu a história que já contou centenas de vezes. Com poucos pormenores, como em todas as suas falas anteriores. Antes de ir almoçar, ainda referiu que entrou para o partido aos 18 anos, casou aos 25, recordou pessoas que exerceram a repressão naquelas paragens e que, desde o 25 de Abril, sempre vi-

veu em Baleizão... Cada palavra foi pronunciada calmamente, a olhar para as pedras redondas que cobrem as ruas interiores de Baleizão. Antes de fechar a porta, referiu tristemente: "O carteiro passa e não há nenhuma carta para mim. Nunca traz nada!"

A estátua da Catarina Eufémia mantém-se no centro da praça que fica a poucos metros da porta de Antónia. Três cafés disputam os clientes que se querem abrigar do sol forte. Um está vazio, o outro tem muita gente e o terceiro ficou por visitar.

Na esplanada do outro lado da praça, os fregueses mal se levantaram para ver e logo voltaram a sentar-se. Viam a cena, ouviam os gritos do pessoal. Na verdade estavam alarmados e assustados, mas continuavam a beber os seus cafés e imperiais como se nada se estivesse passando.

– Reparou? – perguntou Fradique ao Pratas. – Reparou quem vinha à frente e entrou com mais alguns? O camaradinho Pedro, nem mais.

O Partas procurou manter-se impassível, mas as suas palavras não conseguiam disfarçar nervosismo e inquietação.

– Espero agora – disse, restando o tom de voz – que o Silva Penedo não caia na asneira de ceder à desordem.

– Se fosses a tempo – aconselhou Fradique –, era bom ir amanhã falar com ele a ver se se consertavam as coisas.

– De certeza, tentarei. Infelizmente há camaradas que só nos criam problemas. Que querem eles com este espalhafato? Querem fazer a revolução? Não aprendem com a história. São o eco do passado.

(Manuel Tiago, *Os Corrécios e Outros Contos*, pág. 110) ■

Uma casa para apoiar os clandestinos

Nasceu a 9 de Março de 1917, chama-se Joaquim Gomes e aos 20 anos veio trabalhar para Lisboa. Para trás, ficava a Marinha Grande e os protestos do 18 de Janeiro de 1934, pela frente tinha uma missão com uma dúzia de anos de duração. Na capital, havia tarefas estabelecidas e imediatamente ficou ligado a um aparelho de distribuição da imprensa. Em 1940, casou-se e entregaram-lhe a tarefa de apoiar os membros da direcção central do Partido, elementos que viviam na clandestinidade e com a vida pouco facilitada, dando-lhes abrigo na sua residência. Estava-se em tempos de guerra, havia racionamento e os camaradas clandestinos não tinham senhas, nem forma de se abastecerem, mas “como sempre houve mercados paralelos, resolvíamos a questão. Nós tínhamos em Pedrouços um merceiro, que só mais tarde viemos a saber ainda era parente do escritor Ferreira de Castro, a quem só dizíamos: ‘Preciso disto’, e ele conseguia-o”.

Sendo casado, a sua situação era uma boa fachada para poder executar as tarefas necessárias mas, por outro lado, era-lhe vedada grande participação na actividade política, para evitar dar nas vistas. “Um dia, inscrevi-me num cineclub e fui criticado por estar numa associação onde se juntavam muitas pessoas.” Com razão, porque “quando já estava na clandestinidade (a partir de 1952) a polícia desconfiava deste tipo de tarefas – sabiam que existiam casas do Partido – e a dada altura éramos vigiados. Houve uma vez que estiveram dias à nossa porta indivíduos que tentavam vender-nos relógios em segunda-mão. Aquilo era muito estranho e, pouco tempo depois, encontrei um deles na PIDE. Eram agentes disfarçados, que faziam esse tipo de indagação”.

Como se consegue manter uma casa para ajudar o Partido durante 12 anos?

– A casa não foi sempre a mesma. Quando me casei começámos a tarefa numa parte de casa na rua da Praia de Pedrouços. Estávamos legais e recebíamos bastantes camaradas quando estavam em dificuldades. Cunhal era um deles. Mudei de casa umas três ou quatro vezes, morámos na Amadora, Venda Nova e, em Pedrouços, em duas casas. Em 1953, fui preso mas não chegaram até à nossa casa. Em 1958, a casa foi descoberta e fomos ambos presos – a minha mulher, Maria da Piedade Gomes esteve seis anos na cadeia. A primeira vez que fui detido ainda era novo, foi antes do 18 de Janeiro de 1934, porque era um dos camaradas responsáveis pelo movimento dos aprendizes na indústria de vidro da Marinha Grande. Criámos uma organização, dois ou três em cada fábrica, e quando se parava

uma, alastrava às outras e imobilizávamos a indústria toda.

Como é que se pára uma fábrica?

– Para parar uma fábrica era quase obrigatório ter organização do partido dentro dela. Uma pequena célula, que produzisse pequenos manifestos, informações, distribuisse o *Avante!* clandestino... Mas o fundamental era a existência de uma organização que fosse ganhando os trabalhadores, porque descontentamento sempre havia. Era um trabalho que podia demorar meses ou anos, até haver um ambiente que não fosse o de “isto está mau, o que é que a gente há-de fazer”. O partido tinha obrigação de ir influenciando os trabalhadores, mostrando que era preciso lutar, conquistar, pois os patrões nunca dão nada se não for através da luta.

Com essas tarefas como é que conseguia passar despercebido?

– Não estávamos proibidos de ir ao cinema, de ir a uma colectividade, o que não podíamos era assumir um papel que nos destacasse. Tínhamos que fazer uma vida de gente estabilizada, podíamos receber visitas em casa, como se fossem familiares afastados ou amigos. Também não se devia dar grandes explicações pois os vizinhos tinham curiosidade e havia sítios onde era um problema manter a discrição, porque havia pessoas que queriam saber de mais da nossa vida. E quando os camaradas ficavam muito tempo ainda despertavam mais bisbilhotice. A casa também servia para fazermos reuniões com camaradas da direcção, que entravam a horas tardias para ninguém reparar na visita. Curiosamente, tenho a particularidade de viver na última casa clandestina que tive dentro do partido. Vivíamos lá há um ano e pouco quando se deu o 25 de Abril.

Qual é a sensação de ter a casa assaltada pela polícia?

– Na vez em que isso aconteceu não houve cerco nenhum. Um indivíduo do Barreiro que estava a trabalhar connosco foi preso e traíu, disse tudo o que sabia e, como conhecia a minha casa, foi só o tempo de agirem. Quando ouvimos de madrugada baterem à porta com muita violência e a dizerem “abram, abram”, pensámos logo que era a polícia. Como tínhamos umas trancas para eles não arrombarem a porta logo à primeira, ainda tive tempo de fugir pelo telhado, mas como a vizinha deu o alarme, a polícia já estava a vasculhar casa por casa nas redondezas e acabei por me esconder numa casa-de-banho. As pessoas foram muito simpáticas mas ficaram atrapalhadíssimas quando me viram entrar pela casa-de-banho. Fui preso, mas ainda deu tempo para que a minha mulher queimasse os documentos mais importantes. Viver com uma



companheira tornava as coisas mais normais e facilitava a vida. Era preciso manter uma certa vigilância e as camaradas que estavam nessas casas trabalhavam bastante, a passar coisas à máquina por exemplo. Até inventámos uma caixa para meter as máquinas de escrever lá dentro, de modo a não se ouvir o barulho. Era uma caixa comprida, que dava para o carroto da máquina se poder movimentar, forrada por dentro com um pano para amortecer o barulho, com uma tampa e com um vidro por cima do teclado, de modo a que se visse o texto. Só o teclado da máquina é que ficava de fora para se poder bater, o resto ficava fechado. Tínhamos que dactilografar papéis escritos à mão, fazer cópias com papel químico.

Rosa ficou um momento silenciosa, vendo a mão do camarada correr sobre o papel.

– Diz – repetiu.

– *Travam-se lutas tão importantes, andais todos fatigados e eu estou aqui à boa vida.*

A mão do camarada correu mais sobre o papel e escreveu noutra linha, em letras maiores e desenhadas: "Segunda-feira, dia 18 de Maio..." E sublinhou estas palavras com um traço comprido e firme, depois com outro. Isto feito, levantou os olhos do papel e fitou o rosto magro, sério e triste de Rosa.

– *Num ponto tens razão, amiga. Não que estejas à boa vida, pois sabes bem a utilidade e necessidade da tua presença nesta casa. Mas na verdade não temos considerado devidamente o trabalho das nossas camaradas funcionárias, cuja tarefa quase tem sido assegurar a existência das casas do Partido. Há amigas que é necessário atirar decididamente para o trabalho de organização, e estamos agora a encarar a sério esse problema. Não é só o teu caso, são muitos.*

– Bem sei – disse Rosa.

O camarada voltou a olhar o papel e continuou a escrever, como se não desse mais pela presença de Rosa. Rosa não tornou a interrompê-lo. Ali esteve uma hora, vendo a pena correr sobre o papel, voltar atrás, riscar, emendar, hesitar, tornar a correr, reflectindo como um espelho quanto se passava na ideia do camarada.

(Manuel Tiago, *Até Amanhã*, Camaradas, pág. 194)

Quando vem para Lisboa, Joaquim Gomes vai trabalhar para a fábrica de lâmpadas Lumière – “porque os espanhóis estavam em guerra civil e tinham falta delas” – que eram feitas na Avenida 24 de Julho (“Há pessoas que lhes chamam lâmpadas do Lumiar!”), mas só em 1952 passa a funcionário do Partido. O seu relacionamento com Álvaro Cunhal começa em 1944, quando já se tinham feito o terceiro e quarto congressos clandestinos e onde fora eleito secretário-geral. Em 1960, “fugi com ele da cadeia de Peniche”, mas antes encontraram-se em várias reuniões e até o recebeu em casa e alimentou: “Uma noite havia um encontro lá em casa e preparámos o jantar porque o trabalho iria entrar pela noite dentro. De qualquer modo, nós tínhamos sempre preparado uma refeição porque o camarada Manuel Guedes fosse qual fosse a hora a que chegasse a minha casa – à uma ou às duas da manhã – acabava sempre por comer uma pratada de batatas com bacalhau. O comer não era muito, mas como vivíamos razoavelmente tínhamos sempre algo de reserva, não só para eles levarem mas, também, para comerem se fosse necessário. Uma vez alugou-se uma casa de propósito para que Cunhal pudesse fazer uma reunião com outros camaradas, só que houve qualquer coisa que os impediu de ir ao encontro. Como a reunião era para durar toda a noite, fez-se uma jardineira a contar com três pessoas. O camarada Cunhal ficou à espera e desesperou, não só de fazer a reunião mas também para jantar. No final, acabou por jantar tudo sozinho. Passava-se fome naquela altura! Quando fui para a clandestinidade não podíamos comer tudo aquilo que quiséssemos, comprávamos sardinhas ou



carapaus e tinham que dar para muitas refeições, porque o dinheiro não dava para mais.

Os livros de Manuel Tiago fazem bastantes relatos das prisões. Como era a vida lá dentro?

– No caso dele, nunca parava. Tinha uma actividade constante dentro da cadeia, não era homem para estar parado. Ou escrevia ou fazia desenhos, coisas que o deixavam executar. Mas não deixavam sair de lá nada.

A regra era a separação dos presos das seis alas. Comandos pelos apitos dos guardas, levados das celas em formatura, os presos de cada ala eram conduzidos à vez uma hora por dia para o ar livre nos largos espaços triangulares que intercalavam as imensas fachadas do edifício. Era sobretudo aí que se conheciam uns aos outros. Refeitórios onde os presos se vissem não havia: as latas do rancho vinham da cozinha em tabuleiros e eram distribuídas pelas celas. Sucedia assim, salvo transferência de uma ala para outra ala por motivo de serviço, que cada preso, ao longo de cinco, dez, vinte ou mais anos que ali passava, acabava por conhecer directamente apenas um número limitado de outros condenados. Ou conhecia um outro e deixava de o ver ao longo de muitos anos. Oportuni-

dades de encontro de presos de alas diferentes só na missa, no posto médico e no passeio da enfermaria, uma vez que para as celas da enfermaria iam doentes de todas as alas. Sempre sob estreita vigilância.

(Manuel Tiago, *A Estrela de Seis Pontas*, pág. 65)

Como foi a fuga de Peniche?

– O camarada Cunhal, o Jaime Serra e eu fomos os responsáveis pela tentativa. Primeiro houve que verificar se havia possibilidade de sair e cada um foi trabalhar para isso. Uns dias depois reunimo-nos nos recreios – ali eram celas individuais – e chegámos à conclusão de que era possível fugir desde que se arranjasse a colaboração de um GNR. E a partir daí pusemos o problema aos camaradas do exterior, nunca sem tentarmos encontrar um GNR. Por sorte, calhou-me a mim fazer os contactos para contactar um GNR na cadeia. Eles mudavam todos os meses e quando isso acontecia visitavam os presos. À hora do recreio, eu olhei para um dos novos – a maioria tinha muito má cara – que me pareceu não ter no seu olhar a mesma agressividade que os outros. E disse aos nossos camaradas: “Parece-me que há aí um GNR que é capaz de ter

Como a reunião era para durar toda a noite, fez-se uma jardineira a contar com três pessoas. O camarada Cunhal ficou à espera e desesperou, não só por causa da reunião mas também pela refeição. No final, acabou por jantar tudo sozinho. Passava-se fome naquela altura!



alguma simpatia." Eles disseram que era impossível saber só pelo olhar, ao que eu respondi "também não perco nada, se deixar, falo com ele". A verdade é que eu experimentei e foi mesmo um tiro certo. O guarda era um revoltado, tinha participado no movimento da eleição do Humberto Delgado e considerava que, depois disso, ele e outros tinham sido perseguidos na GNR. Quando o vi passar disse: "Então boa tarde, passou bem?" E uma das coisas que me disse logo foi a sua discordância por haver presos políticos e, ao mesmo tempo, considerou uma injustiça que um homem como o Álvaro Cunhal estivesse preso. Isso era mais do que o suficiente para avançar, a partir daí começámos a trabalhar para concretizar a fuga.

O Virgolino era o único a ver o comunista isolado lá em cima numa cela do terceiro varandim da ala C quando lhe levava o rancho. Não gostava de falar nisso. Tinha recomendações expressas para nada dizer e assim fazia. Abria excepção falando com o Parrana pois tinha confiança nele. Fora o Parrana quem lhe dissera da vinda da PIDE, quando anos atrás trouxera para ali os três comunistas. O certo é que lá em cima no terceiro varandim, há quatro ou cinco anos, o último dos

três continuava isolado e nada recebia de fora.

O Parrana pensou, pensou e falou ao Virgolino.

— O homem já deve estar enjoado do que lhe levam há tantos anos. Se tu metesses na lata do rancho outra coisa, eu de vez em quando dava o meu comer.

— Nem penses! — reagiu Virgolino. — O guarda vê tudo. Não quero sarilhos. O Parrana continuou a pensar e o Virgolino acabou também por pensar. Demorou mais de um mês a decidir-se, mas acabou por fazê-lo.

(Manuel Tiago, *A Estrela de Seis Pontas*, pág. 146)

Não foi difícil metermos as coisas que precisávamos lá dentro. Demos conhecimento a todos os camaradas que estávamos a preparar uma fuga, estiveram de acordo e mantiveram-se em silêncio. Nós trabalhávamos no interior da cadeia e os camaradas Dias Lourenço e o Octávio Pato no exterior. Lá dentro não éramos capazes de resolver tudo. O Partido comprometera-se a dar dinheiro e a pôr o guarda no estrangeiro mas não lhe disseram quantos é que participariam. Aquilo estava tudo preparado, escondíamo-nos debaixo da capa, o único problema é que éramos dez. Tínhamos que fazer um percurso em que

saíamos de uma porta, ir de cócoras, quase de rastos, até ao sítio onde ele estava, para nos passar debaixo da capa. Vínhamos uns atrás dos outros, passaram os primeiros quatro ou cinco, quando ele reparou que ainda vinha o dobro. Aí, assustou-se e fugiu. Nem assistiu à fuga de todos. Desceu pela mesma corda que nós, mas desorientado e gritando: "Fui traído, fui traído!" Isto podia ter estragado a escapada, só que o guarda que estava num sítio que daria pela fuga — sem nós o sabermos — estava do nosso lado e salvou-nos. Qual não foi o nosso espanto quando eu e o Carlos Costa estávamos a atender o camarada que tinha caído e ficara a sangrar e o vemos corda abaixo. Pensámos que estava tudo acabado...

Cunhal já tinha saído?

— O Cunhal foi o segundo. O primeiro foi o Jaime Serra, para pôr a corda, e eu, creio, que fui o terceiro. Estávamos então a atender o camarada ferido quando o GNR desceu e correu em direcção à vila. A sorte foi que vinha uma correnteza de gente de um desafio de futebol e, como tinham perdido o jogo, havia alguma confusão. Então, entrei pela rua onde me pareceu que ele estaria, e lá o encontrei ainda a gritar: "Fui traído, fui traído". Consegui acalmá-lo, enquanto chamava nomes ao árbitro, para parecer que estávamos ali por causa do jogo. Livrámo-nos por uma unha negra.

A excitação com que Joaquim Gomes conta o episódio da fuga de Caxias é visível. Vive o relato como se tivessem passado apenas 24 horas quando já lá vão quatro décadas. Não é por acaso, a liberdade que alcançou foi um dos mais duros reveses que o anterior regime sofreu ao longo de 48 anos de exercício de poder. Talvez, por isso, sorria enquanto fala da surpresa que teve ao assistir recentemente à série de televisão baseada no livro de Manuel Tiago, *Até Amanhã, Camaradas*, porque nunca esperava que dessem a "conhecer as lutas das gentes do campo, as torturas, e tudo o que se viu naquelas imagens que retrataram tão bem o Partido". Aos 88 anos, Joaquim Gomes vai quase todos os dias à Soeiro Pereira Gomes, a sede do PCP. Não se coíbe de ter opiniões sobre a sociedade portuguesa, de criticar alguns políticos e os seus comportamentos, e fazer juízos sobre os caminhos que se apresentaram (e apresentam) ao PCP.

Porque "parar é morrer", nunca aceitou ficar preso e, garante, que mal entrava começava logo a pensar em fugir. Talvez, por isso, possa dizer que "admiro quem esteve tantos anos preso" e, ao mesmo tempo, consiga afirmar que "às vezes, envergonho-me de só ter estado dois anos e meio na prisão". Se não tivesse arriscado nas fugas, era mais um que as acusações poderiam ter mantido no cárcere até que a Revolução de Abril o libertasse.

Já clareava o dia, de novo Gabriel e o vizinho se levantaram e foram à janela gradeada para observar.

Espantosa surpresa. Na trincheira que ladeava a parada para os habituais guardas da GNR tinham desaparecido e, em seu lugar, viam-se soldados com farda e equipamento de combate, alguns dos quais a circular de um lado para o outro como a exibir-se.

Excitação geral em toda a fortaleza. Os presos falavam agora em voz alta. Alguns pretendiam poder tratar-se de um golpe da extrema-direita fascista, que há muito exigia que acabasse a farsa liberalizante de Caetano e se tomassem mais radicais medidas repressivas, que silenciassem de vez a oposição.

O dia decorreu sem nada que não fosse habitual. A única diferença era a substituição da GNR por soldados.

Já noite, um oficial em traje de campanha, conduzido pelos guardas prisionais, apareceu para falar com os presos. Percorreu todas as celas e "salas" e comunicou que uma revolta militar demitira o governo. Nada mais acrescentou. Ficaram todos onde antes estavam nas "salas" e celas. No dia seguinte os guardas levaram-no e juntaram-nos na parada.

(Manuel Tiago, *Um Risco na Areia*, pág. 30) ■

No Centro de Trabalho de Campo Maior

Quem olha para aquele pequeno prédio de esquina não tem dificuldade em saber que é ali que se encontra o Centro de Trabalho dos comunistas de Campo Maior. A bandeira vermelha com a foice e o martelo ondula como o trigo de uma seara ao sabor do vento. Encanado, desce a rua até uma praça e à pequena placa de mármore que – há muita pedra desta nas pedreiras que se descobrem a céu aberto, à beira das estradas – identifica a sede do PCP e uma praça que registam muitas reuniões e lutas. Não é que Campo Maior seja o epicentro das reivindicações do campesinato e dos operários, mas por aquela região também se fez muita da história do Partido, designadamente o facilitar as fugas para o estrangeiro dos militantes perseguidos pelas autoridades, bem como a sua entrada clandestina.

António trabalhava pela manhã numa oficina de reparação de automóveis. Directamente ligado ao partido tinha uma tarefa muito particular. Conhecedor da fronteira, era geralmente encarregado de receber do lado espanhol e conduzir os clandestinos a Madrid ou de organizar saltos de regresso de Espanha para Portugal.

(Manuel Tiago, *A Casa de Eulália*, p. 11)

Por Campo Maior passaram muitos outros episódios que se relacionam com Álvaro Cunhal e com o partido, acontecimentos que a ficção de Manuel Tiago é incapaz de ignorar e que surgem assinalados em vários textos. Os passadores de fronteiras, a exploração dos trabalhadores agrícolas, os reflexos da Guerra Civil de Espanha, como em *A Casa de Eulália*, por exemplo. São pormenores fundamentais de uma obra, que se inspira em outros tantos casos verdadeiros, longamente registados e/ou minuciosamente descritos, relatos de um passado que se afasta pressurosamente deste presente que nos é dado a ver ali à porta do Centro de Trabalho campomaiorense.

Há um chafariz, numa das paredes que cercam a praça, que proporciona uma música de fundo ao ambiente que aí se vive, de reformados sentados à sua beira, que falam enquanto os carros passam lentamente. Se houvesse necessidade de fazer uma rima, qualquer poeta popular usaria a água do chafariz como metáfora do que ali se viveu e escoou por um ralo da história. Se fosse um aprendiz de filósofo, diria que a mesma água nunca passará por ali duas vezes e, por isso, tudo o que aquela bica viu e ouviu só pertence à memória. De que falam os reformados? De momento não recordam lutas na planície alentejana, antes trocam conversas sobre os netos e as escolas.

Que direcção escolhem os veículos que desembocam na praça calçada de pedra alisada por muitos pneus? Uns viram para a esquerda, outros para a direita, só não podem seguir em frente porque não existe “em frente”. Como acontecia ali – quando era a praça das jornas –, durante as contratações de pessoal: ou protestavam pelos baixos salários, ou aceitavam o estipulado pelos agrários. Agora, as contestações e os comícios são raros e, por isso, os reformados podem dedicar-se à filosofia popular. Debater se o PCP local fez bem em não contribuir para erigir uma es-

tátua ao empresário Nabeiro, dono das torrefacções de café, do supermercado, lojas e empresas e o maior empregador da região.

Quem pode assistir ao mais pequeno movimento desta praça é João Pinheiro, funcionário do Partido há muitos anos e José Leão – que esteve preso em 1958, devido a umas greves – que foi convidado para se juntar a nós, daqui a pouco. João Pinheiro não se lembra da data precisa em que aderiu ao PCP, acha que foi em 1979. “Comecei a ajudar numas eleições e depois acabei por ficar e passar à categoria de funcionário”. Tem 60 anos e foi membro do Comité Central durante uma série de anos, depois teve um enfarte e diminuiu as responsabilidades no partido.

Tinha-se por certo que, instalado o Centro, ali ficaríamos a trabalhar. Eles com David a dirigir o trabalho. Projecto alterado. David sofreu um grave e estúpido desastre. Escorregara numa escada, partira uma perna e um pé, estivera mais de um mês no hospital e saíra quase sem poder andar. Os médicos não tinham podido fazer mais.

Marco e Gabriel ficaram sozinhos a dirigir o centro, esperando que David saísse do hospital e se juntasse a eles.

Os dois matavam-se a trabalhar. Mas a intensa actividade política não diminuiu, antes ganhou novo alento nesses meses até David voltar.

Trabalho demasiado para dois. Olharam em volta e na medida do possível, examinando a actividade e comportamento de uns e outros, acabaram por escolher o Meyreles.

Aparecera disponível logo nos primeiros dias. Disse já ser membro do partido, nos anos da ditadura. Cabeça quase rapada, rosto contraído e enérgico, distinguia-se pela permanente disposição para todos os trabalhos. Onde havia tarefas a realizar lá estava o Meyreles. Não era caso único, logo a seguir ao 25 de Abril afluíam ao partido e aos Centros de Trabalho, à medida que iam sendo instalados, muitos milhares de camaradas que era na época impossível conhecer devidamente. Trabalhavam, lutavam. Aparecer, trabalhar, lutar, não criar problemas, era a sua principal credencial.

Foi o escolhido para trabalhar com o Marco e Gabriel até David voltar ao hospital.

(Manuel Tiago, *Um Risco na Areia*, pág. 41)

Conheceu Álvaro Cunhal no tempo da reforma agrária e conversou várias vezes com o dirigente. Quanto aos livros de Manuel Tiago, a resposta é pronta: “Li-os todos”. Qual é a opinião sobre o meu camarada Álvaro? “Aquilo que conheço sobre o camarada Álvaro, acima de tudo, é ser um homem muito bom. A sua maneira de tratar as pessoas, o saber e a simplicidade, o falar connosco como se estivesse ao nosso nível... Lembro-me de quando acompanhava as delegações estrangeiras que vinham até cá ver a reforma agrária e o meu camarada ia para a bicha, juntamente com os outros todos, à espera de ser servido. Então, nas questões políticas, era um sábio, tinha sempre a solução que as pessoas pretendiam”.

João Pinheiro (não) está só naquela sala do Centro de Trabalho. Por trás de si há um grande poster de Lenine, outro de Marx e um retrato da Praça Vermelha de Moscovo – existe um outro quadro, com um dirigente soviético mas desconhece-se o personagem –, um cinzeiro, com uma foice e um martelo, e uma quantidade de vinhetas sobre a mesa de trabalho, de quotas para cobrar aos militantes. O que diz a seguir sobre Cunhal vem-lhe da alma mas faria

o camarada Lenine ficar satisfeito e o teórico Marx rever-se nas suas teses: “Acho que é muito amigo dos trabalhadores portugueses”. Para confirmar o que refere especifica: “O povo recebia-o aqui, e em todo o lado, com uma alegria imensa. Mas o mais curioso é que quando ele cá vinha chovia sempre. Fazíamos os comícios na rua e tinha sempre chuva, mas mesmo com essa água toda, as pessoas ficavam, queriam abraçá-lo, falar com ele. Nessa altura, tínhamos no concelho uma certa força, porque estávamos ligados à reforma agrária”.

Os trabalhadores achavam que a reforma agrária era solução?

– Sim. Penso que era mesmo a solução naquela altura, até porque não podia haver outra. Aqui ao lado era a praça das jornas onde, quando eu era rapaz, se faziam os contratos com os trabalhadores. Eram muitos os operários agrícolas que não tinham trabalho porque já se estava a mecanizar a agricultura. A única solução era, de facto, a reforma agrária e foi quando esta gente teve uma vida melhor. A maioria deles hoje estão reformados, mas tiveram trabalho assegurado e beneficiaram de conquistas importantes. Os operários agrícolas constituíram uma cooperativa de comercialização, juntamente com os pequenos agricultores, com lagar e espaço para vender os produtos – a firma Nabeiro acabou por comprar as instalações e abrir uma fábrica de azeite –, mas com a extinção da reforma agrária e a falta de apoio às cooperativas agrícolas o desemprego regressou.

Cunhal defendia a união entre pequenos e médios agricultores?

– Defendia o Álvaro Cunhal e defendia o PCP. Em muitos sítios isso não foi fácil, mas aqui conseguiu-se fazer, com o esforço de pessoas que ainda estão vivas. Era o caso de um técnico agrário chamado Carita, que foi membro do partido, trabalhava para as cooperativas e dava apoio técnico... Só houve uma coisa que o Partido não conseguiu fazer e que acabou por ser o Sá Carneiro – para acabar de vez com a reforma agrária – que foi entregar terra aos pequenos agricultores. Antes do 25 de Abril, os tempos também foram muito complicados por aqui, muita gente foi presa em 1958 devido a a uma greve e houve prisões. Marcou gerações de pessoas e eu próprio lembro-me – tinha para aí 14 anos – das pessoas irem presas e de estar aqui a Guarda Nacional Republicana durante muito tempo. As pessoas tratavam-se mal umas às outras e havia muita injustiça. Recordo-me de um trabalhador dizer ao agrário que precisava de “ir a Lisboa porque tenho uma filha que não está muito bem de saúde. Eu e a minha mulher pedíamos aqui três dias ou quatro, vamos lá, vê-la». O agrário aceitou, diante de mim, mas assim que o homem voltou as costas



disse: "Quando vieres és capaz de já cá ter outro no teu lugar." Os trabalhadores eram maltratados, ficavam sempre à porta e, mesmo se estivesse a chover, ninguém os mandava entrar e ainda menos sentar. Foram coisas assim que nos marcaram, tal como a fome e o desemprego. Há quem hoje nem apanhe as azeitonas porque o custo da mão-de-obra não compensa mas, antigamente quando a apanha terminava, a GNR não deixava que as pessoas colhessem os restos, prendiam e batiam-lhes como se tivessem cometido o maior dos crimes". Ao funcionário do PCP não faltam histórias para ilustrar os exemplos de injustiças e da dureza da vida daqueles tempos e, apesar de "nunca ter cavado", defende que "a terra deve ser de quem a trabalha". Como não se esquece de relatos dos tempos em que ainda não nascera, dos "antigos depósitos de trigo que serviam de prisão para espanhóis, dos muitos que chegavam mortos ou dos que teriam ser fuzilados".

O que vinham cá fazer as delegações estrangeiras?

– Vinham de muitos países, inclusivamente da União Soviética. Mandaram 100 tractores para o Alentejo, vieram directos para Montemor e depois foram divididos por uma série de cooperativas. Até camiões aqui vieram parar. Mas éramos os que menos recebíamos, iam mais para a cooperativa de Avis. Não é por acaso que o PCP ganha as eleições em Avis, assisti lá a coisas que não vi em mais lado nenhum em termos sociais. Fizeram supermercados, creches para as crianças... as cooperativas substituíam o Estado em termos sociais.

A ficção de Cunhal transplanta essa realidade?

– Até nos personagens! É como diz Rogério Ribeiro que, enquanto fazia as pinturas para o *Até Amanhã, Camaradas*, dizia que estava a ver os personagens. É um livro que retrata as pessoas daqui, identifica-se a voz do Manuel Rato, dos agricultores. Estão lá todos!

Na região controlada por Vaz, a paralisação foi total nos campos. Nas localidades onde havia organização apresentaram-se reivindicações. Aonde chegou o manifesto, os assalariados rurais seguiram a indicação de não trabalharem no dia 18 e não pegarem portanto no trabalho. Aonde não havia organização nem chegara o manifesto, a paralisação deu-se ao longo do dia, à medida que chegava a notícia do que estava sucedendo noutras terras. Como na região predominavam os assalariados rurais, pode dizer-se que todos os trabalhadores agrícolas pararam no dia 18. Nas aldeias, os grevistas reuniam-se em grupos e a eles se juntavam artesãos e domésticas. Até os pequenos agricultores acabaram por largar as suas leiras e, por simpatia ou simples curiosidade, vinham juntar-se ao pessoal. (Manuel Tiago, *Até Amanhã, Camaradas*, pág. 227)

Quando José Leão chega ao Centro de Trabalho já a conversa com o funcionário do Partido ia embalada. E assim continuará até ser hora de almoço. Antes de se irem embora, João Pinheiro entregar-lhe-á as vinhetas das quotas e receberá, em troca, um cheque com o pagamento. A primeira pergunta é sobre o ex-secretário-geral: lembra-se de

Cunhal em Campo Maior? A resposta vem confirmar o que o seu camarada dissera uma hora antes: "Lembro-me muito bem. Aliás, sempre que cá vinha, chovia".

Tem 77 anos e um longo percurso de militância. "Fui preso em 1958, na altura era funcionário da Câmara mas como me acusavam de ser comunista tiraram-me dos cadernos eleitorais. Eu protestei e disseram-me: 'Não faça isso'. Mas eu respondi: 'Faço sim, é um direito que me assiste.' E, a partir daí, andava debaixo de olho. Isto foi em Maio, depois foi a greve, que consegui os objectivos e logo veio a Guarda Nacional Republicana.... Fiquei seis meses preso, em Caxias. Normalmente, os membros do Partido Comunista eram presos, cumpriam a pena e depois não os punham em liberdade, ficavam sob medidas de segurança entre três a cinco anos. Regressei e fui expulso da Câmara. Nessa altura, fizeram-me um convite para ir para Moçambique – ainda não havia guerra – como técnico de contas e fui para África. Tinha 26 anos e parti.

Que riscos se corriam nessa altura?

– Quando foi da greve, até os militares vieram para cá. Não consentiam que mais do que três pessoas andassem juntas. Quando os funcionários da PIDE foram à Câmara buscar-me só disseram: "Não se importa de vir que nós precisávamos de falar consigo em Elvas?". Quando respondi "Com certeza" já sabia que iria ter de prestar declarações, mas nós (os do Partido) sabíamos como agir. Eles batem sempre, batem por bater mas há que aguentar porque aquele que falar ainda lhe acontece pior. Querem sempre mais, mais e mais. Levámos muita pancada – aos trabalhadores agrícolas não batiam –, e de várias brigadas. Entravam umas a seguir à outras, em duplas, um fazia de bom e o outro de mau, vinham embriagados para bater. Quando regressei, a vida estava um bocado complicada, eu passava pela rua e as pessoas diziam assim: "Então o que é que este quer? Tinha um bom emprego, não chegava!"

Durante cinco dias e cinco noites, Marques foi constantemente interrogado. Ao contrário da primeira vez que fora preso, ninguém lhe bateu. Tratavam-no delicadamente e faziam-lhe com frequência grandes elogios. Apenas o não deixavam dormir. Insistiam, insistiam, insistiam, sempre nas mesmas coisas, sempre na mesma lenga-lenga, revezando-se os investigadores com uma paciência e tenacidade que ao próprio Marques admiravam.

– Não queremos que nos digas nada que não saibamos – dizia-lhe o chefe de investigação enquanto polia remansadamente as unhas. – Queremos apenas que não nos desmintas, nem desmintas os teus camaradas. O doutor já o cá temos, já cá temos o sargento, estamos fartos de saber que eras tu que os controlavas, porque insistes em negar?

A polícia mostrava estar a par de muitas coisas. Entretanto surpreendia Marques a ideia que ela fazia dos organismos de direcção do sector.

(Manuel Tiago, *Até Amanhã, Camaradas*, pág. 295)

José Leão tinha 26 anos quando começou na clandestinidade, devido a coisas ligeiras, "entrega do Avante!, recolha de alguns fundos... Depois do processo disciplinar fui para Lisboa, passei por um período muito difícil. Curiosamente, quando regressei de Moçambique aqueles que se tinham afastado de mim, vinham ver-me porque julgavam que tinha ficado rico".

As histórias de José Leão são muitas. Lembra-se bem do camarada António Gervásio e da sua bicicleta onde trazia o *Avante!*: "umas pessoas compravam o jornal e aos outros, tentávamos que ficassem com ele, mesmo correndo o risco de sermos apanhados". Quando se lhe pergunta as razões que o levaram à participação política não demora a responder: "Eu sempre li muito. Quando chegou a vez de Jorge Amado não ficou nada por ler. Como aconteceu com Alves Redol, com alguns escritores franceses e muitos ou-

tros. À noite reuniamos-nos num estabelecimento comercial e ouvíamos a Rádio Moscovo – se batia alguém à porta, desligávamos imediatamente – sobre as greves e outros acontecimentos em Portugal".

Entre as memórias, uma das que mais gosta de lembrar foi a criação de uma biblioteca ambulante, composta de livros "quase todos proibidos". "Transportávamos os livros para os montes, onde a maioria dos trabalhadores migrantes dormiam e entregávamos aos que sabiam ler. Faziam-no à luz da candeia, noite adentro. Eram leituras disputadíssimas porque eram coisas que lhes diziam respeito. Era uma biblioteca clandestina e nunca foi apanhada".

Quando Campo Maior fica para trás, as vozes de João Pinheiro e José Leão ainda obrigam a tomar anotações. Há muita conversa que vai ficar de fora. Muita mesmo porque estão ali quase 140 anos de vivências do Alentejo, de Portugal e do mundo. José Leão sofreu com a polícia política mas acabou por tirar um curso por correspondência de contabilidade, assumindo uma profissão e abrindo um escritório onde actualmente conta com a colaboração dos filhos na gestão. Os seus conhecimentos ajudaram muitas cooperativas durante a reforma agrária e tem o consolo de uma das netas dizer que é do PCP, mas os filhos e os netos já não tiveram que passar pelas suas lutas. Gosta de viajar e de conhecer novas terras. Só entra numa igreja para apreciar as obras de arte, em casamentos e baptizados, nunca. "Assim estou de bem com a minha consciência e isso é algo que me dá força". As marcas do passado não o abandonaram, nem o papel da igreja nesses campos de batalha que foram as planícies do Alentejo durante muitos anos.

Quanto ao futuro, João Pinheiro considera que "a juventude é outra, os mais conscientes estão no PCP. Não estou a dizer que sejam iguais aos pais, mas são do PCP". Se lhe perguntarmos o que mais gosta de fazer na vida política, não lhe faltam respostas: comer azeitonas na casa de um camarada a meio da noite, distribuir panfletos de propaganda política, ler o poema de Vinícius de Moraes "Operário em Construção" nos comícios... E não esquece de rematar com a seguinte declaração: "sou mais comunista hoje que há 30 anos."

– Ouve, tiozinho, tens filhos? – perguntou.

– Eu? – admirou-se Paulo, pois em tudo quanto dissera nada parecia dizer-lhe pessoalmente respeito.

– Não, não tenho filhos.

– E tens companheira?

– Também não tenho companheira.

Maria hesitou.

– E nunca tiveste companheira?

– Não, nunca tive companheira.

Maria agarrou a mão do camarada.

– A tua família?

– Família? A minha família é o Partido, és tu, são os camaradas. Não tenho outra família.

Maria sente necessidade de dizer uma palavra de conforto e fala com voz imperativa como que a apagar com o tom a dúvida que assalta acerca do que ela própria diz.

(Manuel Tiago, *Até Amanhã Camaradas*, pág. 175) ■

Se lhe perguntarmos o que mais gosta de fazer na vida política, não lhe faltam respostas: comer azeitonas na casa de um camarada a meio da noite, distribuir panfletos de propaganda política, ler o poema de Vinícius de Moraes "Operário em Construção" nos comícios... E não esquece de rematar com a seguinte declaração: "sou mais comunista hoje que há 30 anos"



“Corte a palavra medo”

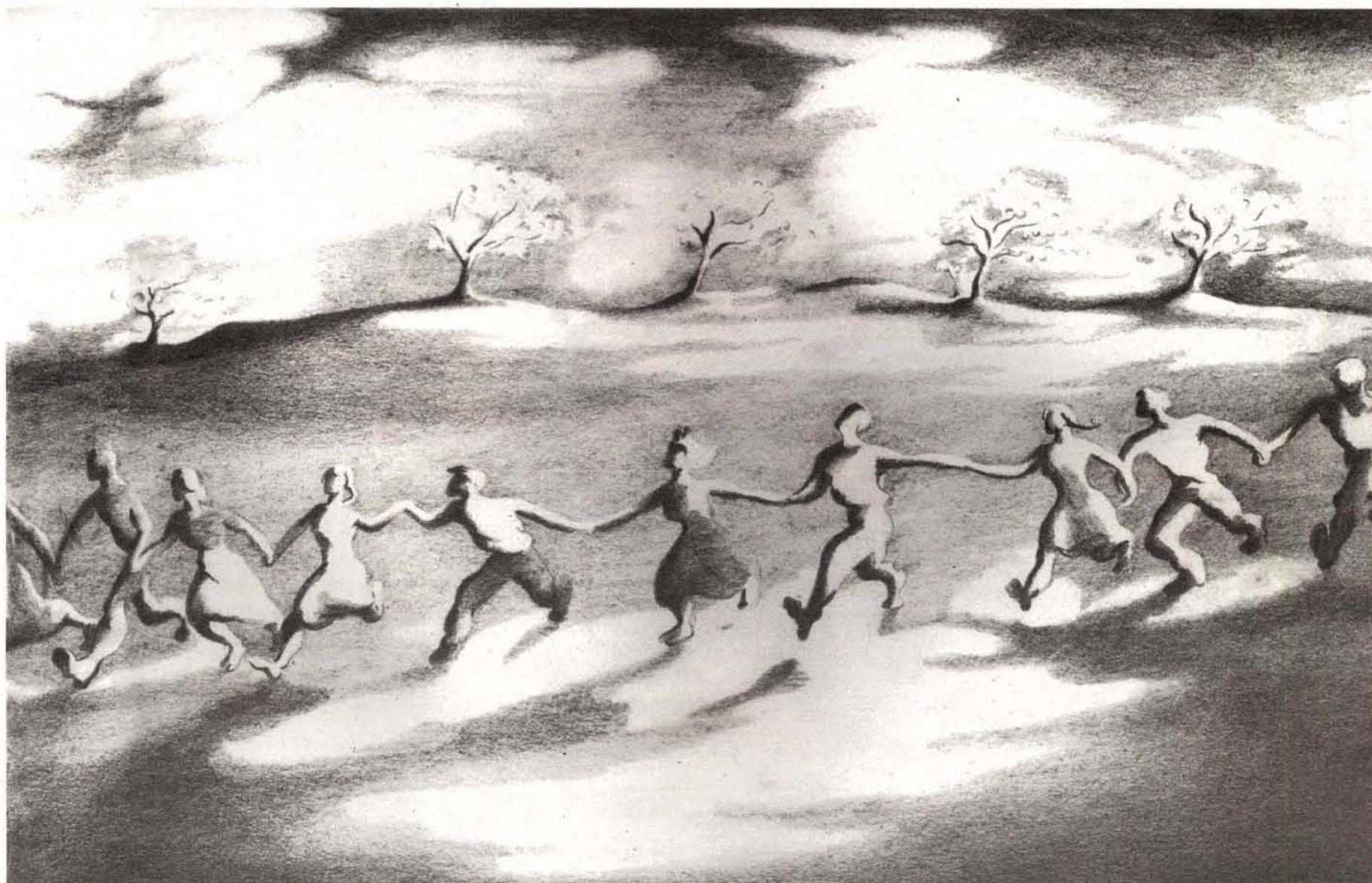
Manuel Tiago nunca teve dificuldades em encontrar cenários para os seus textos. Observara bastantes no tempo em que ainda era livre; outros, bem conhecidos das suas andanças da clandestinidade; muitos de quando Álvaro Cunhal era secretário-geral e percorrera Portugal em campanhas eleitorais em busca de votos para o Partido. Manuel Tiago existe sempre – umas vezes mais, outras menos, mas sempre – na mente do homem que o usa como pseudónimo literário. O país que descreve surge real, directo e colorido de vozes e conquistas do povo português, não lhe falta nunca inspiração para o desenlear de argumentos que servem de expressão à mensagem que quer passar. Raramente Manuel Tiago exalta a pátria em tom mais sentimental do que aquele que o animal político admitiria, mas em *Até Amanhã, Camaradas* existem dois momentos de saudade, que os personagens não suportam em silêncio e que o escritor mete em página e partilha com o leitor.

Ó Portugal! Como és belo, na diversidade acolhedora da tua paisagem, na pureza e nos caprichos da tua atmosfera, na melancólica bondade da tua gente! Ó Portugal, país querido! Sairás do longo pesadelo, sairás dele, decerto. O povo acorda e luta. O Partido está finalmente à altura do seu povo.

(Manuel Tiago, *Até Amanhã, Camaradas*, pág. 37)

O dirigente pragmático é quem foca o olhar perante o país e o mundo, o sonho e a realidade, o desespero e a esperança, o falhanço e a conquista... É quem relata porque é necessário fixar caminho... Por isso, não é difícil relacionar o paralelismo das vidas do político e do escritor quando se ouve falar um dos camaradas que mais privaram com o dirigente, alguém que também inspirou parágrafos e rumos de histórias e que aparece como personagem, pincelado numa ou noutra das centenas de páginas editadas. Ele não duvida que “os livros de ficção do Álvaro Cunhal estão virados, de uma forma muito nítida, para a consciencialização política e de classe”.

Dias Lourenço não questiona a prosa porque é um dos



elementos do núcleo duro e mais restrito que conviveram com Álvaro Cunhal ao longo de muitas décadas, de prisões, fugas, armadilhas, panfletos e na construção de um plano político para combater os governos de Salazar e Caetano. São actuações no terreno como a de Dias Lourenço que fazem com que alguns dos projectos ficcionais de Manuel Tiago ultrapassem o estatuto de narrativa e tenham correspondência na actividade política partidária liderada por Álvaro Cunhal.

Para este membro do PCP, os escritos do ex-secretário-geral não se ficam pela autoria de romances ou contos: "Todos os livros que temos do Partido daquela época têm a cabeça e a mão de Álvaro Cunhal. Era um homem com uma grande capacidade e experiência, que esteve em Espanha durante a Guerra Civil, que participou no I Congresso da Internacional Juvenil Comunista em Espanha, que foi estudante de Direito, que teve um papel de grande importância na criação de um partido com uma mentalidade já superior e que, ao mesmo tempo, escrevia no *Avante!*, para que todas as semanas houvesse um novo exemplar. Não era brincadeira nenhuma!

O Álvaro escrevia muito e aquilo que dele se conhece publicado é muito pouco para traduzir o volume real do que produziu. E não é só na escrita, pois a maior parte dos livros que saíram do Partido foi ele que os fez. Mesmo na prática, antes de ser o dirigente máximo, era ele que, no plano das ideias, desenvolvia toda a teoria que iria guiar a prática dos comunistas. É esse o período em que já é visto como um dirigente máximo do Partido, máximo no sentido de mais qualidades. É praticamente o secretário-geral.

No *Até Amanhã, Camaradas*, ele descreve a realidade viva daquela época. As figuras dos seus livros são verdadeiras, da luta política, postas num plano literário. Outro exemplo é a sua participação no *Diabo*, onde escrevia muito e desenvolveu toda uma teoria ligada à prática da luta, que deu o grande impulso, sobretudo no plano intelectual, ao operariado já intelectualizado. O que escrevia enriquecia o saber e a consciência de classe".

Um dia Vaz tocou-lhe no assunto, perguntando se tinha alguma coisa contra o camarada. Rosa ficou uns instantes pensativa.

– Não, nada tenho – respondeu por fim. – Conheço-o há muitos anos e sei que é um bom camarada, digno de consideração.

E a conversa ficara por aí.

Na verdade, quem podia negar a Ramos as suas qualidades? Alguns episódios da sua vida corriam de boca em boca entre os membros do partido. Sabia-se que combatera na guerra de Espanha e fora dos primeiros a entrar no quartel da Montanha, quando da sublevação dos fascistas em Madrid. Sabia-se que estivera preso várias vezes, que numa delas fugira e que de todas elas fora espancado e torturado. Contavam-se respostas que dera à polícia, algumas das quais lhe haviam valido violentos espancamentos. Assim, por exemplo, estando no segredo, buraco subterrâneo, húmido, abafado, sem qualquer luz ou arejamento, foram dar com ele em pelota. "Que está você a fazer nu aí dentro?" – perguntou o guarda. "Que pergunta!" – respondera Ramos. – Não vê que estou a tomar um banho de sol?"

(Manuel Tiago, *Até Amanhã, Camaradas*, pág. 51)

Quer contar alguma história da clandestinidade?

– Tenho muitas pois a história da clandestinidade é vastíssima. Temos tanta coisa passada que é difícil agarrar um episódio e destacá-lo. Preferia antes falar desta realidade que é o PCP, que não mudou de nome e mantém as características de há muitos anos. Muito disso se deve a ele.

Qual o maior susto da clandestinidade. Quando sentiu mais medo?

– Primeiro, corte a palavra medo, nunca o tive. Segundo, susto e medo não se misturam. É evidente que, às ve-

zes, existiam situações em que era preciso tomar medidas imediatas, isso não é assustar, é tomar sentido dos perigos e assumir o risco. A verdade é que tudo aquilo porque passámos foi assumido, dar a vida por uma causa que era possível viver, onde arriscávamos a vida, mas tínhamos a noção de que aquilo que defendíamos era vital, que era possível levar por diante. Alguns ficaram pelo caminho, outros foram assassinados pela PIDE. Estive preso duas vezes e saí com o 25 de Abril, mas quantos óptimos camaradas morreram nas prisões devido à ferocidade, mas isso era assumido logo que entregávamos a vida ao combate de um inimigo que era capaz de matar. Quando fui preso, o inspector Gouveia fez-me um discurso: "Eu sei que é um operário digno mas estamos numa guerra e em lados opostos. Nesta guerra, você foi vencido e, como tal, tem de reconhecer que foi derrotado. Como combatente digno, deve reconhecer a derrota e falar". Eu só respondi: "De facto, tenho uma coisa a falar. É que sou membro do comité comunista português e recuso-me a fazer quaisquer tipo de declarações". A minha boca fechou-se e fui espancado a cassetete toda a noite.

Preso Gaspar na véspera da greve, encontrando lá em casa imprensa clandestina, a PIDE ficou certa de ter apanhado uma importante malha da rede do Partido. Gaspar não era qualquer pessoa. Os patrões informaram tratar-se de um operário invulgarmente capacitado e com grande prestígio entre os companheiros. Tinha sido ele o animador dos movimentos na fábrica e na classe e fora recentemente eleito presidente do Sindicato Nacional, numa lista que, pela primeira vez, opusera os trabalhadores à direcção fascista. Na assembleia, primeira a que os trabalhadores tinham concorrido, todas as tentativas de impedir, interromper ou falsificar a eleição tinham sido impedidas pela acção enérgica dos trabalhadores.

Além da imprensa clandestina, a polícia nada apanhara a Gaspar por onde pudesse descobrir outros membros do Partido. Espancado três noites à seguir, Gaspar negou-se a denunciar os companheiros.

(Manuel Tiago, *Até Amanhã, Camaradas*, pág. 283)

O Até Amanhã passa-se, em grande parte, no Ribatejo...

– Uma parte, mas não é justo pô-lo nesse plano porque pelas suas páginas passa também um trabalho a nível nacional. Naturalmente que a região ribatejana e Lisboa são pontos destacados do início das grandes lutas populares daquela época, mas é correcto destacar o papel que todo o Baixo Ribatejo e a margem sul teve no alargamento popular. O *Até Amanhã, Camaradas* é um livro em que todos nós nos encontramos, quando o escreveu agarrou nas manifestações pessoais e nas diversas lutas que se travaram. Às vezes, coloca nos personagens coisas em que se revê ou viu noutro companheiro. Ele fez um resumo vivo das lutas populares e dos seus participantes, que se vêem retratados em muitos dos personagens mas que nunca faz de qualquer um de nós um protagonista. Agarra nas experiências que vive e acompanha e acabamos por nos vermos aqui e acolá nas páginas do livro.

Falar de *Até Amanhã, Camaradas* faz com que Dias Lourenço lembre muitos dos acontecimentos que aí se encontram descritos. "As condições em que trabalhávamos eram muito difíceis. Passei à clandestinidade em 1941 – sou membro do Partido desde 1931 – e antes participava em muitas acções populares, de carácter cultural e social no Baixo Ribatejo, como jovem comunista porque, desde muito cedo, tinha vontade de fazer política. Nasci em 1915 – fiz agora 90 anos – e estou, praticamente, na origem de toda a acção que se inicia nesta vasta zona. É a minha geração que está por ali, que viveu, participou e foi testemunha viva desse despertar da luta popular, da luta dos camponeses do Ribatejo, da luta da classe operária do Baixo Ribatejo. Há muita coisa que começou comigo mas não gostaria de estar a personalizar. Participei activa e directamente em todo o despertar da luta no Baixo Ribatejo, depois fomos alargando para sul, naquela zona de Alpiarça e de Almeirim, mas também do lado de cá do Tejo, em Santarém e no baixo e alto Santarém. Era um período no qual muitos operários daquelas zonas se deslocavam para Lisboa, vinham trabalhar para as zonas industrializadas da capital, fazendo com que se travassem lutas de

grande vastidão nas empresas e nos campos. A organização política era na base do conhecimento pessoal que tínhamos com operários na Sodapóvoa, na aviação, na Cimentejo, na fábrica da loiça, entre muitas. É evidente que, depois de 1940, começam a travar-se grandes lutas naquela zona que o livro descreve, com operários e camponeses, lutas em que participei bastante.

Quando ia para o campo, atravessava o Tejo de barco – não havia ainda ponte – e era esperado por um velho camponês no lado de lá – o velho Felício –, muito conhecido das pessoas e dos touros que andavam por lá. Ia com ele, atravessava as manadas com muito cuidadinho, e ele sempre a dizer «Oh rapaz não mostres medo», porque via aqueles touros levantarem a grimpada da manada e a correrem pela lezíria fora... Mas o velho Felício lá me deixava com os trabalhadores, que vinham de outras regiões, aqueles com quem eu ia falar aos pavilhões de palha onde viviam, discutirmos os problemas do trabalho e alargar a influência política do partido.

Maria embrulhara o tacho em jornais, para o arroz não arrefecer e, lendo à luz do candeeiro, esperava paciente o fim da reunião, que se prolongara todo o dia. Por fim, já noite, ouviu o arrastar das cadeiras e os camaradas apareceram. Em todos notou uma expressão ao mesmo tempo grave e satisfeita, e daí concluiu que alguma importante decisão haviam tomado e estavam confiantes no sucesso. Não se enganava. Fora decidido preparar a curto prazo uma greve na região e todos se apercebiavam que tal decisão correspondia a um balanço positivo do trabalho realizado, todos viam nele o resultado e a justificação da existência e da actividade do Partido, todos sentiam as novas responsabilidades e todos tinham a nítida ideia de que dali, daquela pobre casa, daquele pequeno grupo formado por quatro homens apagados, perseguidos e procurados como se fossem feras, partira o primeiro impulso que levantaria para a luta milhares de trabalhadores.

(Manuel Tiago, *Até Amanhã Camaradas*, pág. 179)

Dias Lourenço tem na cabeça um mapa do tamanho do mundo para situar as lutas que protagonizou no Portugal de antes do 25 de Abril. Contrastando com as paredes brancas do gabinete da Soeiro Pereira Gomes, os seus relatos têm a cor das paisagens portuguesas, dos debates acesos entre explorados e exploradores, dos encontros nocturnos, das fugas em dias de chuva... e muito vermelho do sangue que os confrontos produziram. A história passa sobre a mesa que nos separa, em idas e vindas ininterruptas, através de lembranças dos tempos em que frequentou a escola industrial, das prisões, do pedalar da bicicleta com que ligava as terras, as páginas dos *Avantes*, a propaganda escondida, tudo isto sempre num tom de quem está a viver esses momentos e com um olhar – que o traía – de um homem feliz por ter vivido tanta página de livro. Algumas destas passagens estão publicadas em obras de sua autoria, mas é o seu último livro que mais prazer lhe está a dar. Quando o mostra, sente-se que está ali um momento em que o amor pela família e o dever político se misturaram sem regras. O volume cartonado, de capa branca acaba por reflectir esta emoção logo na capa, onde está impresso um dos postais que enviou para o filho – a sua criança, com uma estrela vermelha na boina. No interior, dezenas de cartas para a criança – que morreu aos dez anos, enquanto estava preso – são ilustradas com desenhos seus, histórias infantis e conversas de um pai preso, com o filho ausente. Um pormenor, no entanto, aparece na maioria destas cartas, um carimbo que diz: "Censura – Cadeia do Forte de Peniche".

Antes de se despedir ainda tem tempo para mais uma lembrança. "Queria ir combater para a Guerra Civil de Espanha mas o Alves Redol, que era meu compadre e padrinho de casamento, não deixou. Aliás é com o Redol que começámos o trabalho de massas no Baixo Ribatejo, no plano cultural, virado para a luta antifascista e não apenas para a alfabetização. Vivemos essa fase com uma grande intensidade, ainda me lembro de ter atravessado o rio Tejo com o Redol e um outro escritor, para o lado de lá e cantarmos a Internacional em voz alta. E, o nosso amigo dizer: "Caramba, nunca pensei cantar a Internacional em voz alta em Portugal". ■

Dos Negócios Estrangeiros para a junta de freguesia

Para se chegar até Foros de Vale Figueira não é grande a aventura. Actualmente, claro! Há umas décadas não se poderia dizer o mesmo, nem a vida na terra era tão fácil como é agora. As lutas do campesinato alentejano também passaram por ali, nem que fosse por reacção à proximidade com Montemor-o-Novo e outros centros com mais população e poucas condições de vida decente. Recentemente, foi inaugurada uma auto-estrada que em 40 minutos liga a localidade a Lisboa e por isso a população de Foros contraria as estatísticas do resto do Alentejo. Em 2001, viviam ali 1061 pessoas e este ano pode-se já contar milhar e meio. Quem olha a terra não nota o crescimento porque não há prédios altos e as habitações distribuem-se ao redor de uma rua principal comprida.

A meio desta via está uma casa com a porta aberta e uma placa que indica Junta de Freguesia. Ao pé da porta, decorrem umas obras e um homem todo vestido de preto observa o andamento. Chama-se Custódio Gingão e é o presidente da instituição de poder local. Com a conversa vai-se sabendo um pouco mais da vida e do seu percurso, um daqueles que só a ficção nos permite acreditar que seja verdade. Manuel Tiago, se estivesse agora a escrever um dos seus contos teria ali bastante matéria para um, decerto.

Porque aquele homem encontra-se numa encruzilhada da sua vida, é o responsável pela comissão liquidatária da cooperativa Cravo Vermelho, que há 30 anos ajudou a fundar e durante muito tempo resolveu os problemas dos trabalhadores rurais e pequenos e médios agrários.

Porque aquele homem, que agora está presidente de junta, foi durante mais de uma década deputado do PCP na Assembleia da República.

Porque aquele homem, rodeado da bucólica paisagem alentejana, foi da Comissão dos Negócios Estrangeiros do Partido e passava o tempo a viajar, chefiando delegações parlamentares, para o estrangeiro.

Como é que ele cose esse passado com o seu presente? “A nossa vida é feita de tantas coisas e destes anos todos já levo muitas experiências. Passei a minha juventude com as dificuldades habituais aqui no Alentejo. A forma como fui criado e como as minhas filhas e os vizinhos das minhas filhas são, não têm paralelo. Quando dizemos ‘Ah! isto está mal’, é claro que está, podia estar melhor, mas não tem comparação possível com a vida anterior no Alentejo. Deu um salto enorme, hoje esta freguesia e outras do concelho têm água canalizada, todas têm luz. O problema que se põe hoje aqui no Alentejo é o de se estar a sentir com

muita força a falta de emprego para os jovens”.

Sente saudades dos tempos da Assembleia da República?

– É uma grande diferença na vida e às vezes sinto-me triste. Eu conheci uma sede parlamentar com muito nível em todos os quadrantes políticos, desde Amaro da Costa a Magalhães Mota, Vital Moreira e Almeida Santos – que foi o homem que vi escrever melhor. Quem conseguir ler os discursos dele entende a pobreza dos discursos actuais na Assembleia. Fico triste por isso, não vejo nesta Assembleia valores como naquela época, entre 1976 e os anos oitenta e muitos, quando apareciam quadros novos e com prestígio e conhecedores das coisas. Hoje, muitos dos discursos são de gabinete e não têm a ver com a realidade do tempo em que vivemos. Tenho dúvidas que grande parte daqueles que passam pela Assembleia conheçam a realidade do Alentejo...

O que o trazia ali resumia-se em poucas palavras. Era socialista, mas no que respeitava à manifestação do dia 28, não compreendia o silêncio do seu partido e apoiava o partido comunista na intensa actividade contra esse golpe. Não pedia nada, nem oferecia nada. Apenas dizer aquilo que ali o trazia, para que não o olhassem com maus olhos.

Dito isto, tal como tinha entrado, assim saiu. Empertigado, ante os camaradas surpreendidos.

(Manuel Tiago, *Um Risco na Areia*, pág. 24)

A proximidade com o Poder ainda corre nas suas veias e não resiste a contar uma história passada com o Presidente da República, que conhece de quando “era o presidente da comissão eventual Timor Leste e eu secretário”. “Ele veio aqui duas vezes ao concelho e, numa delas, visitou uma propriedade perto e fez questão de me apresentar um secretário de Estado, um senhor engenheiro que definiu como um homem que percebe muito de montados. Depois, numa conversa que tivemos em Montemor, entre uns comes e bebes, o Presidente disse: “Está a ver, agora temos aqui um homem com todas as condições.” E eu tive que responder. Ó senhor Presidente! O homem sabe, mas o homem não manda. Ao que respondeu: “Para vocês nunca nada está bem.” E eu disse: “Mas senhor Presidente, é que nós estamos aqui no terreno, conhecemos as coisas...”

Os tempos do Parlamento eram bem diferentes?

– Quando lá estive, entre 1976 e fins de 1987, os computadores ainda eram uma coisa rara, a Internet ainda não existia e nós passávamos as noites inteiras a folhear documentos. Porque, quando íamos para um debate, docu-



mentávamo-nos bem e eu e os meus camaradas passávamos noitadas a trabalhar. A Assembleia fechava às 20.00, íamos jantar, voltávamos e trabalhávamos até à meia-noite. Depois, íamos para os quartos e continuávamos até às três da manhã a folhear documentos.

Como foram os tempos de iniciação política?

— Pessoas como eu, que nasceram aqui, não tiveram acesso à cultura, nem a coisa nenhuma, mal tivemos direito à escola primária. Éramos pessoas com alguma dificuldade mas a luta das oito horas e os outros problemas não nos passaram ao lado, sofriamos com eles. Havia um grupo nesta freguesia com seis ou sete camaradas, que tinha ligações com outros de Montemor, Vendas Novas e até do comité central. Fazíamos peditórios para arranjar fundos para o PCP, ouvíamos o Portugal Livre e toda a propaganda que o Partido fazia. Na altura, era difícil lutar na clandestinidade devido à GNR e à polícia política, mas a população estava toda connosco. A dada altura foram presas três pessoas que não tinham nada a ver com o partido, tiveram azar e acabaram por ser detidas e ficaram três meses na cadeia. Lembro-me de ter apanhado alguns sustos pois fui detido três vezes, numa das quais trazia *Avantes* escondidos nas mangas da camisa. Fui revistado pela PIDE mas nunca me apalparam as mangas e, portanto, tive a sorte de não encontrarem nada que me incriminasse. Fui sempre uma pessoa extremamente calma, não me enervava e isso ajudava a disfarçar, facto que me ajudou bastante quando, um dia, vinha de um café e a polícia achou que era de uma reunião. “Você é político?” e, eu ingenuamente, disse que não sabia o que era ser político ou o que era o Partido. Às tantas, eles já se estavam a enervar-se e tive que dizer: “Há aqui um café, venho cá todos os dias. Se os senhores também cá vierem todos os dias, encontram-me sempre a esta hora.” Noutra vez, foi pior porque acabara de escrever uma frase na parede e apareceu um carro — nessa altura os carros não passavam com frequência — e eu tinha as manchas da tinta branca nas minhas mãos. Foi só o tempo de me atirar para um grande monte de feno e ficar escondido. Os do carro pararam, tocaram na tinta ainda fresca e concluíram que tudo acontecera “há muito pouco tempo”. Como não encontraram ninguém, foram-se embora.

Que idade tinha?

— Isto foram as peripécias que aconteceram na juventude, entre os 17 e 19 anos. Entrei no partido aos 16 anos, nasci em 1943.

Os jovens partiram em grupo para uma distribuição de panfletos e venda do Avante! Nas ruas. Matilde quis acompanhá-los. Nessa manhã, tarefa não dos jovens de Santa Efigênia como dos jovens de muitos pontos da cidade. Como sempre, grupos alegres e comunicativos, dirigindo-se às pessoas a entregar papéis e a vender o jornal. Salvo muito raras exceções, todos eram bem acolhidos. Com diferenças, naturalmente. Mila distribuía e vendia sempre mais do que os outros. Não uma vez ou outra. Sempre. Estranho, porque os outros gritavam e ela falava em voz baixa.

Ouve lá! Que fazes tu para isso? – perguntou-lhe Berta com uma ponta de ciúme.

– Não faço nada – respondeu Mila.

Certo. Não fazia nada. Mas que culpa tinha de ser tão simpática? (Manuel Tiago, *Um Risco na Areia*, pág. 83)

Como era a sua relação com Álvaro Cunhal?

– Ele tinha um extremo cuidado no modo como abordava todas as questões. Preparava-se e preparava-nos com todo o cuidado. Para ele não podia haver mentira, não podia haver desleixo, só sinceridade e lealdade. E não era só a sinceridade com o partido, era com a comunidade, com o povo – que estava acima de tudo – e não admitia que ninguém dissesse que a sua organização fosse melhor que a do seu camarada. Quando alguém o fazia, o Álvaro dizia: “Não é bem assim, olha que não”. Era uma pessoa extremamente cuidadosa, que preparava os quadros muitíssimo bem, de uma cultura intelectual fora do comum e com uma lucidez que admiro. Há que referir também a compreensão que tinha com os militantes, as dificuldades que sentiam, os problemas que tinham as organizações, enfim, uma compreensão fora do comum. Se não tenho sido deputado, não teria tido o privilégio de falar tantas vezes com ele, encontrei-me em alguns comícios, discursá-mos juntos e, devido às muitas deslocações ao estrangeiro, tivemos várias conversas.

Pertenceu a que estruturas do partido?

– A estrutura mais importante foi a da distrital de Évora, isto antes de ser deputado. Depois, pertenci à concelhia de Montemor.

Foi preso?

– Fui detido uma questão de umas horas, mas nunca fui preso.

Quando se lhe pergunta se ficou marcado pela detenção, Custódio Gingão responde que sim, “até porque fiquei a saber de coisas que desconhecia. Éramos pessoas de cultura muito baixa, mais por revolta do que por consciência política. Eu tinha 16/17 anos, não possuía cultura política, era um jovem revoltado porque queria ter uma bicicleta e não podia, porque queria ter trabalho e não havia, era uma pessoa revoltada”.

Quando chega a hora da despedida, volto a fazer a pergunta: sente falta do tempo da Assembleia da República? Ele responde sem problemas que não. “Sou uma pessoa extremamente ocupada, faço voluntariado em vários sectores. Não me faz falta. Naturalmente, a idade já não me permite, nem a realidade, mas não digo que me desgostasse voltar ao Parlamento”. Mas coloca uma condição: “Com outro tipo de Assembleia”.

Custódio Gingão ainda faz questão de contar que dois

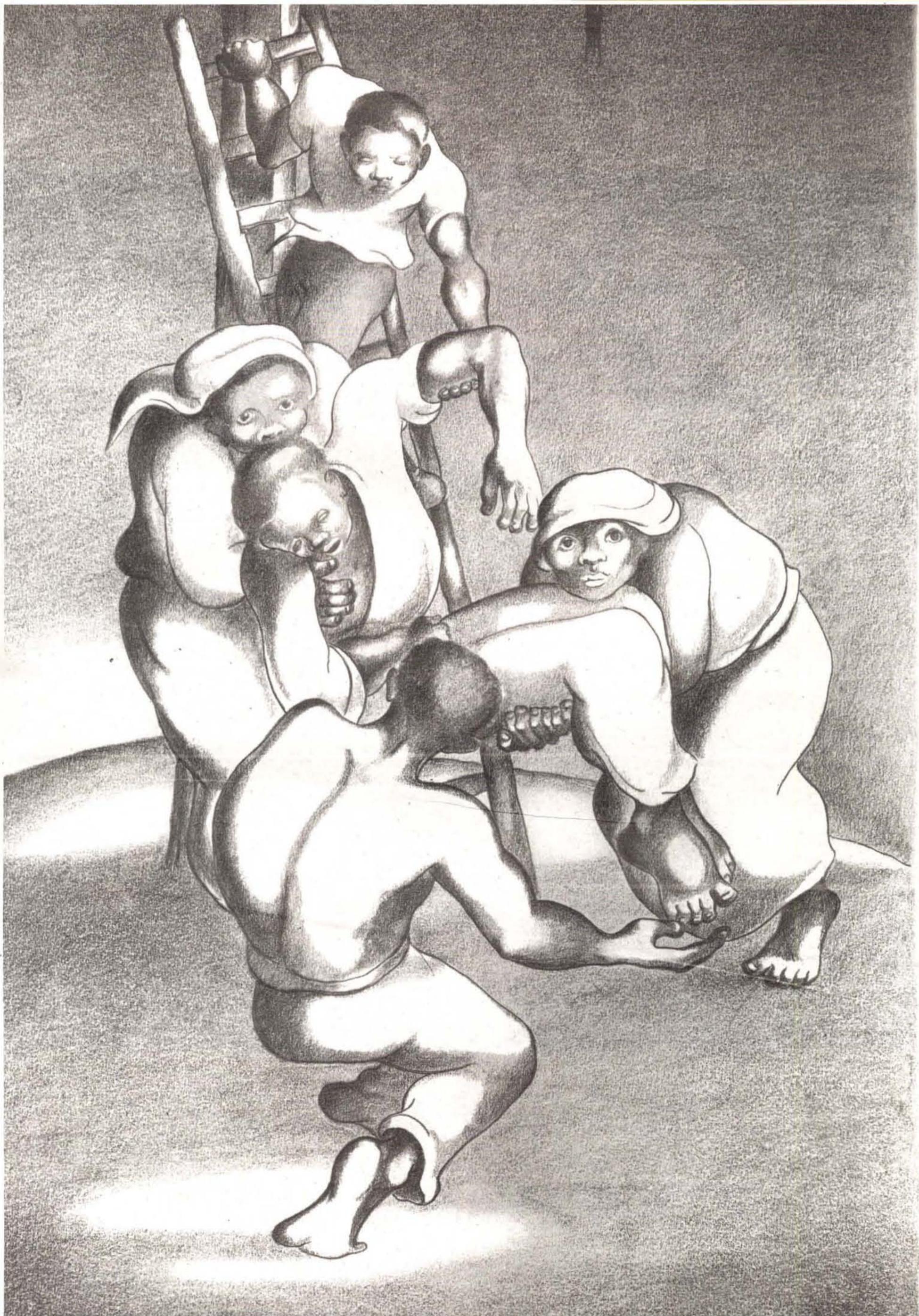
anos da sua vida foram passados como emigrante na Suíça. Regressou a 16 de Março de 1974, dia em que acontecia em Portugal uma intenciona militar para derrubar o regime de Marcello Caetano. Por isso, foi preso à chegada à fronteira. Depois de libertado, instalou-se na casa de um familiar da mulher, em Loures, que, sem o saberem, era membro da PIDE. Mas não houve tempo de lhe acontecer nada, porque o 25 de Abril estava quase a bater à porta.

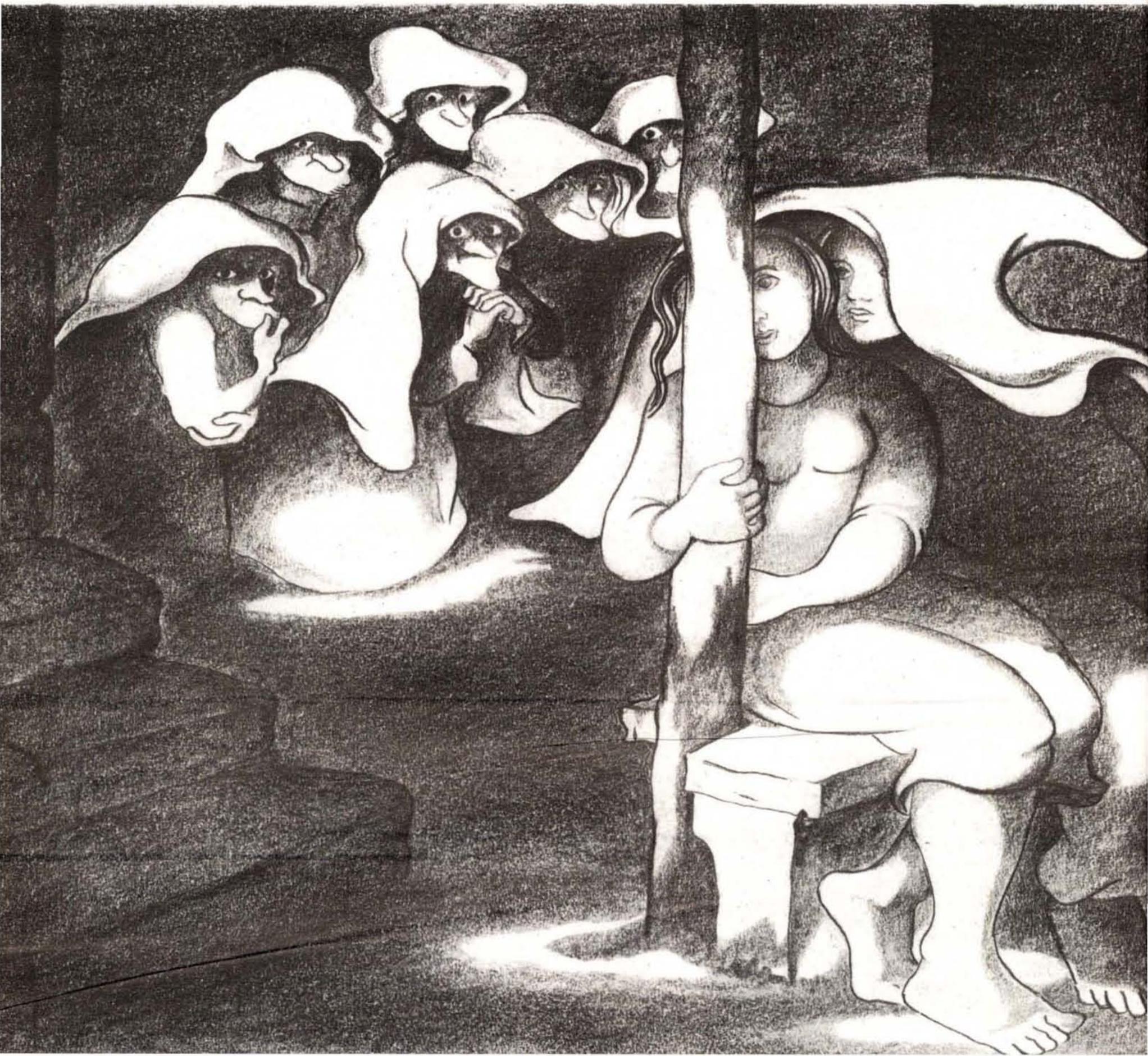
Antes da despedida, ainda aponta para as instalações da cooperativa, lamenta o seu fim e de outras duas próximas. Culpa os descaminhos da reforma agrária, contesta o regresso dos latifúndios e o abandono das terras para a caça. Agora, refere, não há ninguém que defenda os que trabalham no campo, só arame farpado a separar as grandes propriedades.

De Lisboa comunicaram uma possibilidade de Luís regressar. Se conseguisse entrar clandestinamente em Espanha e apanhar o Sud para Ciudad Rodrigo, um camarada poderia ir buscá-lo a território espanhol e fazê-lo passar a fronteira. Bastaria prevenir dois dias antes. Pelo telefone, como indicaram. (...)

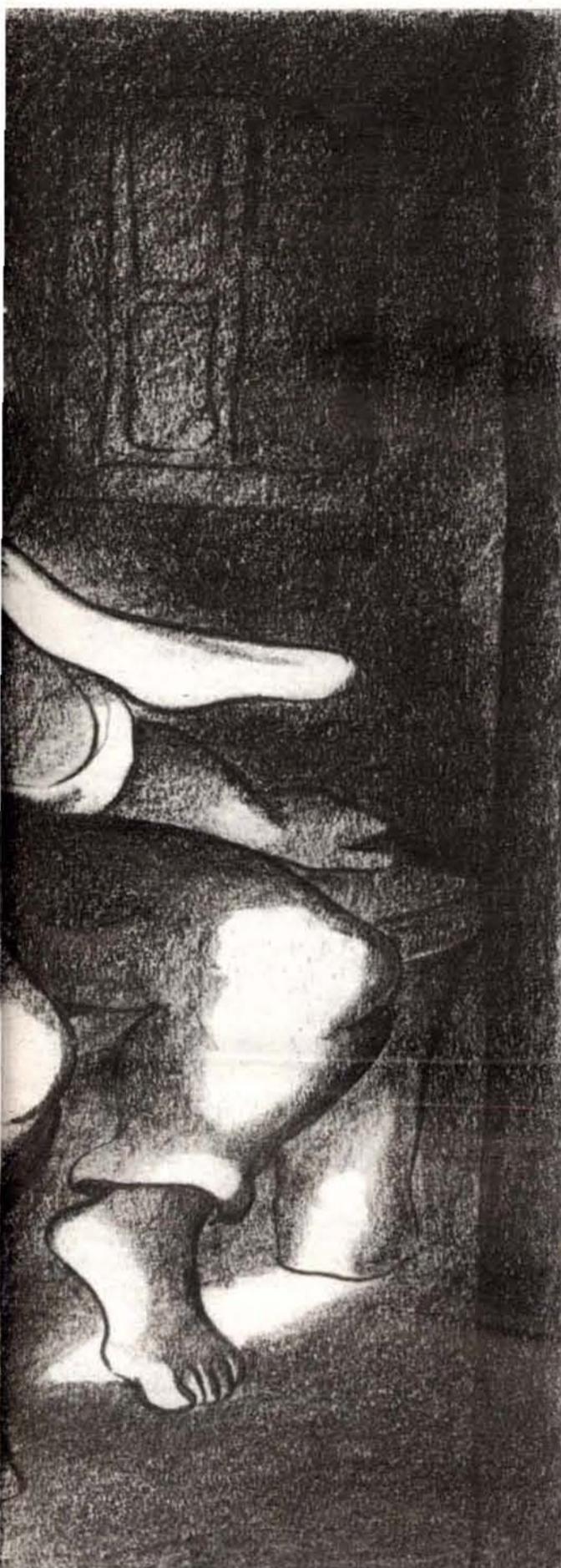
*Camarada de toda a confiança. O pai, Émile Dupré, comunista, fora fuzilado pelos alemães numa vaga de reféns aprisionados como represália pelo atentado contra um chefe da Gestapo. Jean distinguiu-se anos mais tarde por ter organizado o regresso clandestino de camaradas espanhóis ao seu país. Talvez pudesse resolver o caso. (Manuel Tiago, *Fronteiras*, pág. 49) ■*







O editor que desconhecia o autor



A nota sobre o autor que surgia nas primeiras páginas do *Até Amanhã, Camaradas* era composta por três parágrafos. Que diziam: "O original dactilografado do romance *Até Amanhã, Camaradas* foi encontrado, junto de outros originais, num arquivo formado, no decurso dos anos, ao sabor de incidentes e acidentes na vida agitada daqueles mesmos dos quais o romance dá exemplos típicos.

Desconhece-se quem é o autor. O único exemplar encontrado não tem assinatura. Só, numa pequena folha apensa e agrafada, podia ler-se, em rabisco apressado, o nome Manuel Tiago, pseudónimo de certeza.

Foram consultadas pessoas que poderiam dar eventualmente indicações conduzindo a uma identificação. Sem resultado. O autor fica assim merecendo o título de 'homem sem nome', tal como as personagens do seu romance."

Já no livro que se seguia a nota sobre o autor era menor. E dizia: "Do espólio de 'Manuel Tiago', encontrado num arquivo clandestino, junto com o romance *Até Amanhã, Camaradas*, e alguns outros originais".

No terceiro livro a nota desaparecia mas o autor mantinha-se "Manuel Tiago". Porque fora com *A Estrela de Seis Pontas* o momento escolhido por Álvaro Cunhal para confirmar que era ele o escritor destes volumes e dos que ainda iriam ser publicados durante a década seguinte.

Os três camaradas sabiam como ia escondida a mensagem. Escrita por António a lápis numa só mortalha, em letra tão pequena que se tornava difícil de ler. Mortalha dobrada em oito, bem vincada e metida na carcela da camisa, junto a um botão. Trabalho tão perfeito que, mesmo ao autor, seria difícil encontrar o minúsculo papel escondido.

O mesmo faziam os camaradas lá fora para escreverem para a prisão. (Manuel Tiago, Sala 3 e Outros Contos, pág. 21)

Francisco Melo é o editor responsável pela publicação de toda a sua obra nas edições Avante. Quando se lhe pede para revelar alguns pormenores desta sua relação privilegiada com o autor – neste caso de publicações de ficção e de política – quase nada se consegue saber. O editor resguarda-se num mutismo, quase como aquele que Álvaro Cunhal manteve durante anos sobre o seu alter-ego Manuel Tiago.

Revela apenas que recebeu, vindo do gabinete do secretário-geral um manuscrito dactilografado para apreciação da editora. O original foi aceite, mesmo sem se saber o verdadeiro autor, fazendo fé na nota escrita nas primeiras páginas, e é lançado em Dezembro de 1974. O manuscrito vem pronto, não sabe as razões para só ser publicado após o 25 de Abril de 1974. Só mais tarde terá conhecimento da verdadeira identidade do autor.

A forma como lá chega é curiosa. O tradutor da edição da ex-República Democrática Alemã nota que há um lapso no texto e questiona a Avante. "Ele reparou que a história não ligava" e pediu, então, ao gabinete que entregara o manuscrito para completar a obra. "Foi aí que fiquei a saber que era Álvaro Cunhal o autor por detrás de Manuel Tiago". Francisco Melo desconhece porque foi este o pseudónimo escolhido.

Pouco tempo depois, surge *Cinco Dias Cinco Noites*, após um hiato volta a publicar *A Estrela de Seis Pontas* e acaba o mistério.

O editor garante que não teve curiosidade em saber quem era o escritor, porque a nota explicativa dizia-lhe quem era o autor e "há muitos casos destes no mundo editorial". Posteriormente, teve apenas as conversas necessárias com o autor – o texto vinha pronto a ser publicado, mais recentemente era entregue em disquete – para fazer correr o processo editorial. Só no seu livro sobre arte é que "tive uma colaboração mais íntima, com a recolha de documentação. Muitas vezes, fazia um desenho de memória sobre o quadro que pretendia, do autor tal, que tem umas personagens nesta posição. Às vezes era só esta a indicação".

É um autor que dá lucro?

– (Sorrisos)... mas basta ver as fichas técnicas onde estão indicadas as tiragens, designadamente as do *Até Amanhã, Camaradas*. O álbum lançado recentemente até já vai na segunda edição...

Paulo está sentado à mesa. Olha o papel branco. Os dedos grossos seguram trôpegos a velha caneta. Está assim há muito sem conseguir escrever e sem conseguir pensar.

Tudo quanto lhe contou o Zé Cavalinho lhe passa em tropel pela ideia, amargurada, desarrumada e confusa. Nítida só uma imagem: a figura gentil de Isabel, inclinando ligeiramente o rosto emoldurado pelo arco das tranças e sorrindo no seu sorriso puro e confiante. E vê Isabel caminhando à frente no pinhal, parando e voltando-se de quando em quando para trás a esperá-los, quando Vaz o fora apresentar. E vê-a observando irónica e sem malícia o seu primeiro encontro com José Cavalinho, junto à vedação de cimento da linha férrea. E vê-a quando ele distribuía o toucinho com broa, sufocando o riso no ombro da mãe até a gargalhada estoirar irresistível. E ouve a voz de Joana: "Está maluca, esta rapariga." E essas imagens são agora tão dolorosas que Paulo sacode a cabeça, faz por afastá-las, procura fixar a atenção no papel branco e nos dedos grossos que seguram a velha caneta e faz baldados esforços para se concentrar e escrever.

Ele vai escrever "Vitória dos pequenos proprietários dos pinhais." Sim, vai escrever "Vitória" e escreverá justo. Mas porquê aquele golpe? Porquê Isabel? Porquê tão elevado preço? E a mão de Paulo, que se agitou um momento para escrever, pára de novo e de novo aparece diante de Paulo aquela figurinha gentil e asseada, e aquele cabelo bem penteado, e aquele rosto sorrindo: "Sou já uma mulher, uma camarada vossa, que pensais? Podeis confiar em mim." (Manuel Tiago, Até Amanhã, Camaradas, pág. 137)

Há gralhas nos originais?

– Há sempre gralhas, não há livros sem gralhas, diz. Mas garante que a revisão era cuidada.

Quanto às capas, Cunhal sugeria certas cores – gosta das mais quentes, os azuis, os vermelhos – e opinava sobre o tipo de letras para o título. "Não é um autor complicado", esclarece. Quanto à produção literária de Manuel Tiago, refere que "só quando se retira da política activa é que volta a escrever. É possível que alguns rascunhos sejam anteriores." Já no que respeita à crítica, aponta o dedo ao silêncio da comunicação social: "A reacção é positiva mas a crítica é rara. Há muito silêncio em relação ao seu trabalho. Sai uma nota num ou noutro jornal e pouco mais. É um silenciamento normal sobre tudo o que é PCP e que o atinge. O mesmo aconteceu em relação aos seus livros políticos que, no entanto, são lidos por bastantes investigadores. Basta ver as referências nos pés de página".

Quanto a edições no estrangeiro afirma que são várias, Espanha, países do Leste... Em Portugal sempre escolheu as datas de lançamento para coincidirem com momentos importantes, a Festa do Avante, por exemplo. Quando o livro sai, Francisco Melo leva-lhe sempre o primeiro exemplar. "Ele fica satisfeito, pega no livro com muito prazer e aprecia-o, folheia..." ■



O escritor , o mito e o homem



URBANO TAVARES RODRIGUES é um dos portugueses que mais se dedicou a estudar a obra literária de Manuel Tiago. Nunca se esquecendo que é Álvaro Cunhal o homem que segura a caneta dos rascunhos e que martela os dedos nas teclas da máquina de dactilografar. O silêncio do secretário-geral face à revelação em tempo útil do verdadeiro autor do "espólio encontrado num arquivo clandestino" só pode ser comparado com a técnica que os comunistas usavam para utilizar a máquina de escrever, colocá-la dentro de um caixote para abafar o seu ruído. Assim sendo, Cunhal resguarda-se no polémico conforto do anonimato, sob a desculpa de que literariamente a autoria não era relevante para o leitor e nega que a sua actividade de escritor, enquanto dirigente de um partido, pudesse ser uma forma oficiosa ou oficial de influenciar uma arte e os intelectuais do PCP.

O dia escolhido para revelar o pseudónimo foi 14 de Dezembro de 1994, dia em que foi lançado o novo livro, *A Estrela de Seis Pontas*, e Urbano Tavares Rodrigues foi o intelectual de serviço no acontecimento. Já antes escrevera alguns ensaios onde se podiam delimitar certas linhas com que se cose a obra de ficção de um autor que escreve os seus romances iniciais na prisão e que perde, durante a fuga do Forte de Peniche um dos cadernos do *Até Amanhã*, *Camaradas*.

O escritor sabe desde o início que Manuel Tiago era Álvaro Cunhal por via de informação familiar. Leu *Cinco Dias Cinco Noites* muito antes de ser publicado – existiam algumas cópias dactilografadas que circulavam entre um círculo restrito de militantes – e descreve a "novela, pelo seu desfecho, obra aberta, que cada leitor, consoante as suas vivências, os seus fantasmas, a sua experiência estética, as suas convicções políticas, a sua práxis social, lerá porventura diversamente, qualquer que tenha sido a intenção do autor, se é que este não visava já, com o final elíptico, vários percursos do sentido, entre eles o da solidariedade com o revolucionário, a que o próprio Lambaça não lograria furtar-se".

Para Urbano Tavares Rodrigues, esse é um dos grandes interesses do livro e é essa ambiguidade que existe – um quase duelo entre dois homens fortes, cada um com a sua visão do mundo – que competem na coragem e energia. O Lambaça não lhe leva dinheiro e isso pode ser considerado uma forma de desafio.

Já passámos – repetiu apenas o Lambaça, de rosto subitamente contraído e sombrio.

A umas escassas centenas de metros, saíram de surpresa num largo vale e deram com um rio, que volteava por entre mouchões de areia.

– Óóó! – gritou o Lambaça.

– Óóó! – ecoou da outra margem

Logo, de entre juncos e salgueiros, se destacou um barquito. Numa dúzia de remadas atravessou o rio.

– Buenas – disse o barqueiro numa voz apagada.

A esta palavra, André sobressaltou-se. O Lambaça falara verdade. Estavam em Espanha.

– Quanto é então das outras despesas? – insistiu André.

– Pague o que lhe parecer... – respondeu o Lambaça, imitando a voz de Zulmira, à despedida. Estas palavras queimaram o moço, ao remexer-lhe na ferida. Talvez só por isso o Lambaça as dissera.

Sem responder nem se voltar, o Lambaça continuou andando pela estrada.

– Eh! – gritou André.

O outro seguiu, pernas arqueadas, tronco rígido dentro do acanhado fato preto, no seu passo cadenciado e impertinente.

– Eh! – tornou a gritar André, já exaltado.

Havia qualquer coisa que só agora percebia e sentiu súbita e imperativa precisão de falar.

– Eeh!!!

À luz esmaecida do anoitecer o vulto do Lambaça desapareceu na primeira curva da estrada.

Então André guardou o dinheiro e seguiu em sentido contrário.

(Manuel Tiago, *Cinco Dias, Cinco Noites*, pág. 87)

Apesar da rivalidade que se acentua quando há aquela tensão erótica, desejavam ambos a mesma mulher, só que um tinha um grande respeito por ela – o encantamento, aqueles olhares entre ambos – e o outro, que estava habituado a dormir com ela por dinheiro. Ele não percebe os escrúpulos de André e irrita-se, "se quiseres vais tu agora". Há um misto de realidade, de competição e de solidariedade mas no fim é essa solidariedade que falta, o abraço que ambos tinham quase vontade de dar mas que não

chegam a dar. Quase lembra o Hemingway de "O Velho e o Mar", a luta do homem com o mar. É uma das novelas mais conseguidas e, no fim, a figura mais trabalhada acaba por ser a do Lambaça, que é o povo português. Com as suas virtudes e defeitos, impetuoso, corajoso, sensual e brutal, apaixonante como figura.

Logo de princípio, o Lambaça pareceu querer definir bem a situação. Porta fechada, ao puxar com à-vontade um banco para junto da mesa, agarrou a rapariga pelas costas num gesto bestial e grotesco e, arredando-lhe o lenço com a própria cara, beijou-a no pescoço com avidez. A rapariga não reagiu, nem manifestou surpresa. Enquanto ele a beijava, olhava André, quieta e dócil. (...)

Assim a pequena distância, era ainda mais bela. No rosto magro e fino, a boca recortada e desmaiada sorria com pureza e os olhos debruados de compridas pestanas olhavam carinhosos o moço por debaixo das espessas sobrancelhas. O lenço descaíra novamente para o ombro, deixando ver os cabelos negros, densos e ondulados, arrepanhados junto às orelhas, num tufo. Como era possível que uma rapariga tão nova e tão bela fosse amante daquele homem?

Olhava com insistência para o moço, talvez surpreendida pela sua juventude. Mais que uma vez vez, ao libertar-se das carícias do Lambaça, puxou ligeiramente o banco e o corpo para o lado de André, olhando-o meiga e acariciante. Era tão manifesta a preferência que André começou a recear uma explosão do Lambaça. Mas não. Nos seus olhinhos negros, não lia ódio nem animosidade. Apenas uma grosseira alegria. (...)

André pensou que o Lambaça se iria erguer para uma cena de facadas e tiros. Foi pior, muito pior do que isso. Da sua boca saiu apenas uma frase dirigida à rapariga, mas que frase!

– Se queres, vai primeiro com ele, mas a noite passa-la comigo.

Como um relâmpago, essa frase iluminou tudo. Tudo quanto de confuso, opressivo, angustiante, o moço sentia desde que, pelo meio-dia, chegara àquela casa. A rapariga nem amante do Lambaça era. Era apenas uma prostituta. Ali, a uma centena de metros dum pequeno povoado, no meio das serras no deserto.

(Manuel Tiago, *Cinco Dias, Cinco Noites*, págs. 69, 71 e 71)

É uma ficção onde a mulher aparece pouco!

– Há duas figuras bastante trabalhadas em *Até Amanhã*, *Camaradas*. Uma é a companheira do Vaz, que antes já teve uma vida, outro homem e um filho, realidade perante o qual ele fica silencioso, em respeito ao passado dela. Essa cena é das mais bonitas do romance mas também há outra, a da relação ambígua de Maria, uma mulher sensual e insatisfeita, que anda à procura de qualquer coisa que ainda não encontrou. Há uma certa tensão na relação dela com Vaz, simultaneamente de desejo e de rejeição. É uma figura muito trabalhada, de mulher moderna.

Num momento, António viu-se levantado, ao pé de Maria, agarrando-a pelas espáduas e beijando-a com avidez. Maria não se debateu com gestos bruscos. Encostou-lhe as mãos ao peito e empurrou-o sem impaciência, quase com mansidão, mas empurrando sempre. António esperava ver afrouxar a pressão das mãos, sentir a boca de Maria responder à sua, sentir o corpo afrouxar a posição retraída e fria. Mas o vigor das mãos aumentou e a boca furtava-se agora com decisão. Por um instante, António afastou o rosto para ver Maria. Maria tinha os olhos abertos e observadores. Não se lia neles, nem na sua restante expressão, nem animação, nem repugnância, nem rancor. As mãos de Maria empurraram um pouco mais e a voz dela soou, ligeiramente repreensiva, mas tão desinteressada como o rosto e o olhar.

– Isso não, amigo. Tem juízo.

(Manuel Tiago, *Até Amanhã Camaradas*, pág. 122)

Pode dizer-se que existe um ritmo contemporâneo?

– Tanto no livro como no filme. O livro já é cinematográfico pois o Álvaro era um grande admirador do Eisenstein, do seu cinema, principalmente do *Couraçado de Potemkine* e do *Viva México*. Coexiste um sentido cinematográfico e um sentido pictórico nas descrições, ele é muito visual e descreve de uma maneira muito objectiva, como se fosse um pintor realista.

Onde val buscar a inspiração?

– O Álvaro enquanto escreve, emenda muitas vezes mas, depois de acabar, nunca mais reescreve. Não tem aquela preocupação do Carlos de Oliveira que nunca estava satisfeito com um livro, nunca estava acabado. Uma vez



que o livro está pronto não lhe mexe mais, mas tem consciência que não é um grande escritor – é bom mas não é daqueles que têm o gênio da língua –, a prosa é muito objetiva, incisiva e não tem metáforas. Não tem essa qualidade poética, mas é extremamente visual, muitas descrições, coloridas no *Até Amanhã*, *Camaradas*, nos *Cinco Dias Cinco Noites* e na *Casa de Eulália*, onde existem descrições muito bonitas dos campos de Espanha e de batalhas. Para ele, uma árvore não é mais do que isso, enquanto que um poeta descreve uma árvore como só aquela pode ser.

São textos curtos, que lhe saem à primeira?

– Ele torna-se escritor na prisão. Antes, os textos eram mais de natureza ensaística, de um teórico do neo-realismo, um polemista com José Régio, enquanto vive na legalidade. Na prisão, torna-se um escritor de ficção e isso nunca mais o abandonará, volta a escrever e depois de se retirar de secretário-geral escreveu muito mais, até há pouco tempo. Já cá fora lembra-se de evocar a sua prisão na penitenciária e escreve *A Estrela de Seis Pontas* e depois *Fronteiras*, que são as passagens a salto, baseado em grande parte na sua experiência, mas também na de outros. Depois vem *Sala 3* e *A Casa de Eulália*, onde recupera muito das memórias que tem da Guerra Civil de Espanha.

Ainda o lusco-fusco da madrugada, acordaram com estrondos de canhão.

– Bum, bum... bum – uma, duas, três explosões surdas e espaciais. Inconfundíveis.

– Começou! – gritou António, saltando da cama e arranjando-se à pressa.

Desceram a escada a correr e saíram à rua. Nesse instante matraqueava uma metralhadora e, mesmo ali ao lado, na fachada do prédio, correu o picotado das marcas da metralha. Vindo um pouco de toda a parte, de mais perto e de mais longe, ouviam-se tiros de espingarda isolados ou em salva e de quando em quando intermitência de rajadas de metralhadora. Dois carros passaram em velocidade, buzinando. No mesmo sentido, em direção ao centro, apressavam-se homens isolados ou em grupo. Alguns com espingardas. António e Manuel seguiram a corrente.

Pelo caminho, perguntaram para onde ia tanto pessoal.

– Que adónde? Al asalto del Cuartel de la Montaña, adónde querías que fuera?

(Manuel Tiago, *A Casa de Eulália*, pág. 33)

Ele esteve lá, em Madrid, na batalha do Guadarrama, na assalto ao quartel da Montaña e Carabanchel... Até lhe perguntei se tinha estado lá como combatente, maqueiro ou observador e ele disse-me que foi um pouco de tudo isso. E há aquelas descrições dos combatentes portugueses, um que está numa planície erma e tem os sapatos todos rotos e aponta a pistola enquanto exige as botas novas ao outro. Eu perguntei-lhe: "Isto foste tu? Não, mas aconteceu", respondeu, misterioso.

Num salto sobre os pés doridos, António pôs-se-lhe no caminho.

– Me hacen falta unas botas. Estoy descalzo, no puedo andar... Difícil definir o tom das palavras, misto de imposição e de súplica.

– No puedo hacer nada – condescendeu o homem e respondeu à pergunta anterior. – No hay ningún pueblo en las cercanías.

António sentia-se atordoado por um turbilhão de ideias contraditórias. Só havia uma solução. Era má. Mas a única. A única. E insistiu nesta palavra para tomar a decisão.

– Sus botas! – disse ameaçador.

– Está usted loco o qué? – respondeu o homem engrossando a voz. – Siga su camino que yo sigo el mío.

– Alto aí! – gritou António. – Usted me va a dar sus botas porque tengo que llegar hasta Madrid.

– Está loco! – repetiu o homem e fez menção de romper caminho.

Estacou. Diante dele viu apontando o pesado Smith 32 na ponta do braço estendido.

– Ustê me perdone – disse António –, pero me dá las botas o le mato!

O homem hesitou.

– Mato mesmo! – gritou António, apontando o revólver.

Então, subitamente apressado, o homem sentou-se no chão, descalçou as botas e ficou quieto, estupefacto, sem saber que fazer.

António calçou as bôtas com dificuldade. Os pés feridos quase o obrigavam a gemer. Felizmente o homem tinha os pés grandes e volumosos e as botas não comprimiam as feridas.

– Ustê me perdone, amigo – disse ainda António, sempre empunhando a arma. – No tengo outra solución. Me perdone, amigo?

(Manuel Tiago, *A Casa de Eulália*, pág. 81)

Muitos dos personagens são decalcados da realidade. Não tem necessidade de os inventar, a vida que viveu é suficiente para o inspirar!

– Não há possibilidade de haver memórias que não tenham uma margem de invenção, há sempre um retoque do escritor mesmo que seja um memorialista, há o toque de correcção de imaginação na vida, até para a tornar mais coerente. Admito que haja realmente esse retoque que o escritor dá. Por exemplo, em *A Estrela de Seis Pontas*, os personagens são monstros humanos. Não há um mal, nem um bem absoluto, somos todos feitos de anjos e de demónios. É uma galeria fabulosa.

Cada condenado pode ser classificado em termos jurídicos pelo crime cometido: homicida, salteador, burlão, ladrão, violador. Não pode com rigor, pelo crime cometido, ser classificado o ser humano. O crime classificado em termos jurídicos só por si não classifica o homem.

(Manuel Tiago, *A Estrela de Seis Pontas*, pág. 63)

Cunhal gostaria que fossem mais perfeitos?

– Não. É profundamente humano e capaz de compaixão e simpatia humana. À primeira vista pode ter tido um sentimento de repulsa mas depois entendia-os e convivia humanamente com eles. Percebi isso ao conversar com ele, tem amor às pessoas e cria-as com amor. É um homem que lutou tanto, capaz de tomar decisões duras, é um chefe, mas não é homem de ódios ou vinganças.

Tendo resolvido começar a serrar a grade da janela, havia que considerar a que horas podiam fazê-lo. A última refeição era às seis e meia. Às oito a ronda da guarda e o silêncio. Tinha de esperar que o pessoal se acomodasse. E então aproveitar bem o tempo até à ronda da meia-noite.

Vitor tinha já estudado em que sítios havia de proceder aos cortes no canto inferior esquerdo da grade. E foi ele a iniciar o trabalho.

Cuidadosamente, levantou-se do bailique e, com rapidez e decisão, assentou a serra no metal e fez os primeiros movimentos.

Logo parou. No silêncio da "sala", o ruído agudo do serrar soava com inconfundível nitidez.

(Manuel Tiago, *Sala 3 e Outros Contos*, pág. 57)

Conforme vai envelhecendo o seu estilo enfraquece, os livros já não são tão bons. É natural, com uma visão já muito reduzida, mas têm qualidade. Num dos últimos inspira-se na família dele, na família dos Cunhais, que vêm de uma pequena burguesia rural e depois cruzam-se com a média burguesia. Essa ascensão social à custa de trabalho, vontade e inteligência é-nos dada de uma maneira interessante. Ele escreve de uma maneira cada vez mais despojada, até nua de mais, dá vontade de a encher porque aquilo é tão bom, de pôr mais descrições – as que antes ele punha – mais pormenores. Num desses últimos livros há um episódio que se passa no presídio de Penamacor, onde convive com tipos de toda a espécie – deser-

tores, vigaristas, etc – onde relata o clima picaresco que há nas conversas, as partidas e a maneira como tentam safar-se da dureza da prisão disciplinar.

Não há um único centímetro quadrado no corpo de uma mulher que não reaja a uma carícia. Se uma mulher se fizer cara, não lhe peças tudo. Pede-lhe só um centímetro quadrado do seu corpo. À sua escolha, qualquer que seja. Se t'o der e souberes trabalhá-lo, depois terás tudo o que quiseres.

Assim discorria o Rolim numa das suas palestras habituais. Estava falando embalado na própria oratória quando um dos assistentes lhe disparou uma pergunta directa que provocou o riso de alguns.

– Isso está muito bem, mas responde lá. Minete fazias?

O 333, que quando passava por ali parava uns momentos, apurou o ouvido.

– Dizendo essa palavra, estragas tudo – respondeu Rolim.

– Fazias ou não fazias? – insistiu o atrevido.

– Muitos não se confessam – explicou o Rolim. – A verdade é que tanto do homem para a mulher como da mulher para o homem é dos mais puros e dos mais elevados prazeres. Também tem naturalmente a sua ciência.

(Manuel Tiago, *A Estrela de Seis Pontas*, pág. 121)

Mas essa não é a imagem que se tem do secretário-geral. Compreensivo, capaz de certos comportamentos humanos!

– Cunhal é um homem com uma grande capacidade para compreender tudo o que é humano. Ele não tem qualquer espécie de preconceitos, é extremamente compreensivo com os homossexuais e, em relação à mulher, há um grande encantamento na sua obra, gosta muito da juventude, foi sempre um homem com uma vida erótica e afectiva rica, com vários casos na vida dele, companheiras, uma vida secreta porque era o dirigente de um partido e ao mesmo tempo um homem capaz de ser amigo das mulheres, de uma maneira fraternal.

Quanto ao estilo...

– A escrita mantém sempre o mesmo nível de qualidade. Ultimamente notou-se uma pequena queda, não é que escreva menos bem, é uma prosa boa e objectiva, nunca lugar comum ou de mau gosto. Não aspira a ter beleza poética mas, por outro lado, trata muito bem os espaços. No *Cinco Dias Cinco Noites* a descrição da natureza é brilhante, os seres humanos não são vistos por dentro, não se diz o que sentem mas é mais a maneira como falam, o que delas se adivinha. Utiliza uma técnica muito realista porque o é até na pintura – embora se tenha aberto à pintura abstracta e ao surrealismo – mas no fundo é um homem que vive o seu tempo esteticamente, até numa altura em que esse modelo vigorava na URSS de uma forma sectária.

A sua posição no PCP não orienta a escrita?

– O universo e a vida dele é o tempo que viveu. Há marcas da sensibilidade, o que é inevitável, devido aos seus gostos artísticos, da música, mas o que queria dar ao povo português era a resistência.

Porque escolhe o pseudónimo Manuel Tiago?

– Era um homem que sempre evitou pôr-se em evidência. Talvez não achasse muito bem que o secretário-geral se desdobrasse num escritor com vida literária mundana. Depois da primeira vez em público, com *A Estrela de Seis Pontas*, nunca mais apareceu.

E a obsessão pela prisão?

– Foi algo que o marcou profundamente, tantos anos de cárcere...

Uma noite acordou sobressaltado com o violento bater do gradão do Redondo. Depois, tal como meses antes quando a PIDE levava os três políticos para ali, ouviu passos apressados ecoarem no vazio da ala, certamente de várias pessoas, e de seguida subidas na escada metálica, o abrir ruidoso de uma das celas do varandim e passados instantes de novo passos e ruídos em sentido contrário até ao estrondoso bater do gradão e o silêncio que se seguiu.

Horas depois, já clareava o dia, repetiram-se os mesmos ruídos. Noites seguidas isso sucedeu.

– Estão a levar um dos gajos a interrogatório – disse o Vir-

golino ao Parrana cuja cela era no segundo varandim, junto à escada em caracol.

– Sim – concordou o Parrana que também dera pelo barulho. – Não lhe queria estar na pele. De certeza estão a arrear-lhe bem.

(Manuel Tiago, *A Estrela de Seis Pontas*, p. 30)

Os seus livros interessam aos jovens?

– A questão é saber se os jovens se interessam pela história recente de Portugal pois muitos deles já nasceram depois destes acontecimentos. Não sei se há jovens para o lerem mas recentemente ouvi alguém dizer que lamentava não ter existido nessa época, para ter vivido experiências tão exaltantes como a do 25 de Abril, ou mesmo da resistência. Mas é uma minoria, ou são jovens que nasceram já em famílias progressistas ou dos que estiveram empenhadas na luta anti-fascista.

Porque é que Álvaro Cunhal se torna escritor?

– Já tinha começado na prisão, onde as pessoas têm que se ocupar. Pintam, escrevem, ou ambas as coisas. Desenhou imenso e escreveu porque tinha uma vocação, que já se tinha observado na tese de licenciatura e nos discursos políticos.

As histórias de Cunhal também lhe dizem algo?

– Há uma diferença imensa entre mim e ele. Eu tenho uma admiração imensa pela sua coragem, sei o que sofreu porque também resisti à tortura. Não falei mas tive fragilidades, questionava-me se seria capaz de aguentar até ao fim. Portei-me bem mas Cunhal fazia tudo naturalmente, com um sentido extraordinário da honra, com uma grande consciência política. A transformação da sociedade e a criação de um outro mundo foi um sonho permanente e nada o conseguiu abalar.

O que representa para si Cunhal?

– Era um mito. Depois, foi-se tornando um ser humano.

Conciliou o mito e o homem?

– Pouco a pouco tornou-se um amigo. Um dia convidou-me para ir almoçar ao PCP e conversámos bastante. Depois, convidei-o para vir jantar a minha casa e ele veio e voltou com a mulher. Fiz-lhe uma entrevista e tivemos grandes discussões sobre temas políticos, tantas que uma vez disse-me “tens muitas confusões na cabeça mas és comunista pelo coração”. Discutia essas coisas com simpatia e só uma vez é que vi as suas sobrancelhas subirem. Parecia uma águia a olhar para mim mas a voz não se alterou. Foi quando fiz um elogio ao Mário Soares. Ele nunca lhe perdoou o que chama de traição à Revolução, a ligação com o CDS e de ter destruído a Revolução de Abril. Aí está um traço de Álvaro Cunhal, é capaz de gostar muito de alguém, de a acarinhar, mas no dia em que essa pessoa se coloca do outro lado, não perdoa. Assim como é capaz de ser extremamente afectuoso e amigo, não esquece. Só assim é que pode ser um grande chefe.

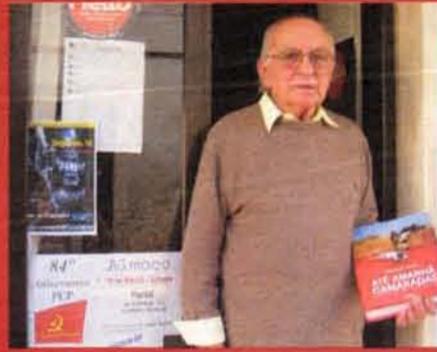
O céu estrelado conferia à noite ainda maior e particular grandiosidade. Luzes desenhadas a capricho com variedade e harmonia, seja em conjunto de suaves marcas, seja no fulgor resplandecente de focos brilhantes. E não, como noutros lados, um fragmento do céu estrelado a espreitar por detrás do perfil de montanhas, mas a abóbada completa, imensa, aberta e intocável, assente no longínquo e circular horizonte da planície. A não ser na planície e no mar, não há outro céu estrelado igual, convidando a ficar a olhá-lo sem pressa até se apagar com a manhã.

O espectáculo quase fazia esquecer a Gabriel a finalidade e o risco do que estavam tentando fazer: passar clandestinamente a fronteira. Quando paravam nas pausas da caminhada, deitava-se um momento de costas no chão, contemplando o espaço e ouvindo o ladrar dos cães perdendo-se à distância.

(Manuel Tiago, *Fronteiras*, pág. 15) ■



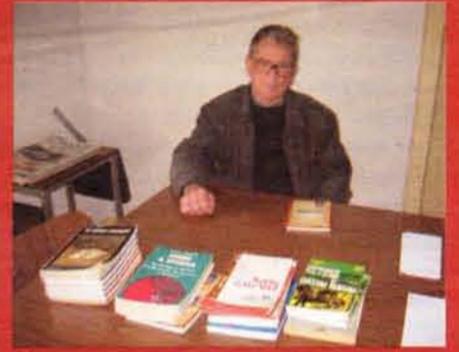
1.



2.



3.



4.



5.



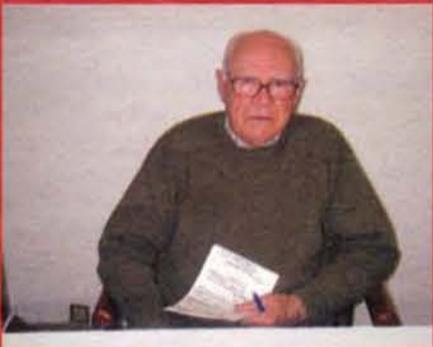
6.



7.



8.



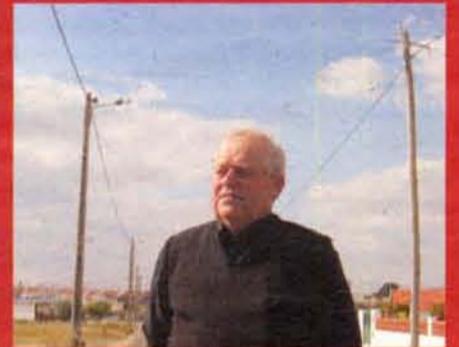
9.



10.



11.



12.



13.



14.



15.



16.

Dar por encerrada a busca de personagens que identificam o encontro entre a ficção de Manuel Tiago e o percurso de vida de Álvaro Cunhal é uma decisão difícil. Não porque possam ficar de fora uma meia dúzia de protagonistas necessários para entender essa fusão, mas porque serão, decerto, centenas os esquecidos. Haveria sempre mais um e mais outro depoimento cuja recolha seria obrigatória para se chegar ao degrau em que se cruzam os pés do escritor (memorialista?) – que sobe a escada – e os do dirigente – que desce a mesma.

Há um protagonista que fica retratado nas folhas dos livros que redigiu e um personagem que partiu voluntariamente para o seu exílio. Cunhal retira-se do mundo da política e Tiago volta a escrever com o fôlego de antigamente, publicando mais livros do que nunca. O mesmo homem que está na origem de centenas de escritos políticos opta pela ficção como forma final de expressão. Porque sabe que essa prova ninguém irá querer derrubar com argumentos de oportunidade política e será, também, o testemunho de que a luta por um ideal foi a sua única razão de viver. Quanto aos outros textos, qualquer reviravolta política pode tresmalhar o veredicto.

Como dizia Dias Lourenço (foto 15), “o Álvaro tirou o curso mas nunca aceitou ter uma vida de advogado. A sua vida era a de um homem simples, que tinha as mesmas dificuldades que nós para comer todos os dias”. Uma vida tão igual à do pastor Manuel Raposo (foto 3), que nunca esteve pessoalmente com ele; tão escritor como Urbano Tavares Rodrigues (foto 13); tão dirigente como os seus camaradas Joaquim Gomes (foto 9), João Pinheiro (foto 5) ou António Gervásio (foto 4); vivido como João Honrado (foto 14) e Custódio Gingão (foto 12); capaz de inspirar Francisco Vinagre (foto 2) e José Leão (foto 7); de surpreender Francisco Melo (foto 8); ou deixar na história os tiros que passaram perto de Antónia Graça Leandro quando mataram a amiga Catarina Eufémia. Todos eles escolhidos muito ao acaso e ao correr da estrada. Porque estavam à mão e disponíveis para contarem o que sabiam do “Álvaro” e o que leram do “Manuel”. ■ **João Céu e Silva**

Não há muitos irmãos
que tenham
umas mãos
tão ligadas como nós



No alto da página 71 lê-se: "A vida é como a onda que repentinamente volta vaga." Encontra-se a frase no cimo da folha, que continua o poema que teve início na página anterior e que antecede o seu fim, na seguinte. Tal como nos outros que estão impressos entre as capas brancas do livro, há a tentação de encontrar nele uma ponte para entrever o irmão desta mulher, a autora, em cada entrelinha e pensamento. É difícil não acontecer isso a quem a encontra numa primeira vez, quem a procurou por essa razão... Mas, ao folhear-se *As Mãos e o Gesto* deparamo-nos com poesias que falam de amor, d'ausência, solidão e de muitos sentimentos que o irmão poderia sentir mas jamais os confessaria desta forma.

Também se acham as palavras que ele utilizava frequentemente – luta consciente, coragem ou companheiro –, também as podemos ler e tresler, também há muitos também... Mas, ao ouvir-se o fechar da porta enquanto se desce os primeiros degraus, sai-se daquele prédio com a impressão de que se veio em busca da irmã de Álvaro Cunhal e que se conheceu Eugénia, a mulher que, mais do que pertencer à família, tem o seu ser muito próprio.

Por essa razão, vai a conversa a meio e as palavras têm que formular as questões de uma outra forma. Não é só a busca por Manuel Tiago que está em causa, mas há que saber quem é afinal esta mulher que se tem sempre recusado a falar dos temas que se vem esclarecer. Parte da conversa irá por aí, mesmo que surjam perguntas inevitáveis.

Manuel Tiago ou Álvaro Cunhal, quem é o preferido?

– Prefiro o meu irmão, que também é o Manuel Tiago. Um é o outro mas é ao Álvaro que estou ligada.

Mas, a outra parte da conversa irá para o outro lado que se impôs quando se a conhece.

Em que pensa quando escreve, o que a inspira?

– Eu não falo em inspiração. Penso, sinto coisas que esto a viver, nas que outros estão a viver e que interiorizo como minhas, tanto na poesia como na prosa. Neste momento estou a escrever uma série de crónicas e, por exemplo, recuso-me a retratar o problema dos professores como um texto teórico, prefiro criar a história de uma professora e tratá-la com sentido humano. Se fazemos algo muito seco, muito teórico, com muitos números, isso não chega às pessoas e perde-se o entendimento humano e o sentir, em coisas que acredito e que são mais do que tudo. Depois, a cabeça de cada um ajuda a interpretar à sua maneira. Se as pessoas não sentem a mensagem, então só andam aqui, não mergulham na vida. Eu tento e mergulho na vida.

Gosta mais de prosa ou poesia?

– Das duas, depende do estado de espírito.

Escolha um personagem de ficção que mais a fascine?

– Um só é difícil, existem muitos. Admiro mais os personagens humanos, os que estão na vida para os outros, como o Pedro e o André de Tolstoi, na *Guerra e Paz*. Sempre me fascinaram, mas não sou tão restrita assim que possa dizer: estes sim, outros não.

E na ficção do Manuel Tiago?

– Aí não consigo eleger nenhum.

Sendo mulher, o que acha das personagens femininas de Manuel Tiago?

– Acho que estão tratadas da maneira possível. Há muita gente que considera que as companheiras não tinham um papel importante, mas essa é uma visão errada, pois o seu papel era muito importante. Não era nada fácil uma mulher estar em casa, fazer de conta que é outra pessoa, que trata da habitação e ainda ter outras competências em relação ao Partido. Há pessoas que diz em que o Partido menosprezava as mulheres mas sou de outra opinião –

elas tinham um papel fundamental na manutenção de uma casa clandestina, que só sobrevivia se existisse lá uma mulher e uma família fictícia.

Em muitas personagens, a forma como surgem descritas mostra que Álvaro Cunhal olha para as mulheres com algum encanto!

– Ele diz-me que todas as mulheres têm direito ao amor. É uma frase que me repete muitas vezes. Ele está atento às mulheres, sempre esteve.

Como companheira, camarada ou mulher?

– Como pessoa também, com certeza, ou não seria humano.

Tal como Manuel Tiago, também Eugénia teve de utilizar pseudónimos para poder publicar o que escreveu antes do 25 de Abril. Apesar de percorrerem caminhos diferentes, o apelido Cunhal segue-os persistentemente e até se manifesta em algumas coincidências na vida. Tal como a sua mãe viu partir Álvaro, também ela sofreu com o salto para fora de Portugal do seu filho em "condições extremamente más". Parte dessa história particular é-nos contada em *Relva Verde para Cláudio*, com um travo a Manuel Tiago e às fugas do irmão. Contamos: "Senti necessidade de escrever porque um dos meus filhos exilou-se aos 17 anos. Foi tudo muito complicado, é uma história de uma mãe que vê o filho partir." E depois há o prazer de ler Tchekov, de ter traduzido os seus Contos para português e de ter vivido uma época da história em que a vacuidade que há actualmente na arte, nomeadamente nas artes plásticas, inexistia: "Como é possível, porque é que é tudo tão vazio? Uma pessoa põe numa tela três pinceladas de tinta diferente e estamos perante uma obra de arte. Hoje, a forma e o conteúdo estão a par e passo. Acho que nunca houve uma época histórica em que as artes plásticas e às vezes até a poesia e a música fossem tão vazias."

Como é que foi a sua vida? Escreve, foi jornalista, é mãe...

– Como quis ter filhos – tive quatro – é evidente que não optei por uma vida política que me obrigasse à clandestinidade. Logo que tive filhos quis estar com eles, independentemente do meu trabalho. Antes do 25 de Abril era muito complicado, dava aulas de Inglês a alunos particulares, escrevia às vezes sob pseudónimo, não mais que isso. Depois da revolução, trabalhei no Partido, na área internacional, depois tive possibilidade de ser jornalista quando apareceu a revista *Mulheres*. Foi uma fase de que gostei muito porque sempre quis ter esta profissão e nunca consegui antes do 25 de Abril. Adorava fazer reportagens, estar três dias na Panasqueira com os mineiros, era uma experiência humana fascinante. Tive outras ocupações e continuo a escrever. Mas há a vida que a pessoa leva e há aquela que temos por dentro, que fazemos em nós próprios. A construção connosco é uma algo muito complicado mas fascinante, que ninguém vê, que está perfeitamente isolada. E, depois, há aquilo que se tem por fora. Apesar de a Eugénia e o Álvaro terem idades muito diferentes, serem de sexos diferentes, possuírem percursos diversos, acabam por ter alguma coisa comum. Há muitas pontes entre as duas vidas?

– Claro que há. Se não houvesse essas pontes, tínhamos tido uma relação como de muitos outros, apenas de irmãos. Nós éramos muito mais que isso. Ele ensinou-me a olhar para mim para dentro e a olhar para os outros.

Sendo ele essa pessoa tão meiga, tão humana que descreve, porque é que as pessoas têm outra ideia de Álvaro Cunhal?...

– Não sei. Talvez porque, quando ele aparecia em público, defendia as coisas com convicção e as pessoas confundem isso com dureza. Eu sei o que é isso porque tenho uma camarada amiga que diz: «Quando comesas a fazer os teus discursos, tens uma maneira tão incisiva...» Mas isso não quer dizer que eu seja uma pessoa incisiva, dura, nada disso. Gostamos de defender com convicção e as pessoas confundem essa atitude com dureza. Claro que quando ele aparecia em público não era com a sua ternura, mas a defender pontos de vista políticos.

Na ficção de Manuel Tiago são vários os relatos da retaliação das autoridades sobre os familiares de quem exercia actividade política contrária ao regime. A sua vida acabou por ser condicionada pela opção do seu irmão...

– Condiçãoada sim, mas tanto no bom sentido como

no mau sentido. No bom sentido, porque o Álvaro foi uma pessoa que teve muita importância na minha formação. Não era só o meu pai que era um homem extraordinário – de uma tolerância e humildade incríveis –, mas também o Álvaro o era desde os meus tempos de muito pequena. Às vezes estava em casa, outras não, mas em todas as cartas que me escrevia desde miúda chamava sempre a atenção – de uma maneira que não era maniqueísta – para a injustiça, para a simpatia com as pessoas que sofriam, para as que eram exploradas. E não o fazia apenas mostrando "isto é bom e isto é mau"... Não, fazia-me observar a vida de uma determinada maneira e ajudou-me muito olhar a vida como a vejo hoje. Desde muito pequena que tenho cartas dele, dos cinco, seis anos de idade e dos tempos da clandestinidade. Pilhas de correspondência, porque ele era extremamente preocupado com a família, mantendo sempre uma relação muito profunda comigo – com o pai, que foi o advogado dele e que era um homem – e essa relação permaneceu sempre muito profunda ao longo da vida. Mesmo os anos de separação nunca tiveram nenhuma influência na proximidade que se vivia entre nós, como irmãos, camaradas e amigos. Ainda no outro dia disse-lhe que muita coisa boa que tinha em mim o devia a ele. E respondeu-me: «Também ao nosso pai.»

O seu pai também o inspirou?

– Muito. O meu pai era um homem intelectualmente muito válido, um escritor, pintor – estes quadros que estão pendurados na parede são dele, aqueles são do Álvaro... – e, sobretudo, era extremamente humano, tolerante sem deixar de ser firme. Porque era firme nas suas convicções e valores, mas tolerante humanamente e isso foi muito importante para o Álvaro e depois em mim.

Num dos livros de Manuel Tiago existem personagens que têm a ver com a sua família!

– Não posso dizer se têm ou não. Sei que há uma outra parte da nossa família, que são os Cunhais ricos do Ribatejo, latifundiários que não têm a ver connosco e com quem nunca tivemos nenhum contacto. Mas não sei até que ponto ele os retratou, não o posso dizer.

Desde o início da sua vida que esteve sempre ligada ao seu irmão...

– Irmãos especiais, porque nem todos os irmãos estiveram tão ligados como nós.

Porque é que existia essa ligação tão forte?

– Penso que pela capacidade que o Álvaro tem de dar muito amor e muita ternura como sempre me deu desde miúda. Por outro lado, dava-me pistas, não mais do que pistas, para a minha formação. Mas sempre foi muito presente em toda a minha vida, quando estava na clandestinidade e mesmo na prisão. Sempre foi uma pessoa extremamente presente e com uma profunda preocupação, acho que não há muitos irmãos que tenham assim umas mãos tão ligadas como nós, o que é muito bom.

Sentiu que a sua vida sofreu restrições!

– Claro que senti. Só consegui ser jornalista depois do 25 de Abril, bastava querer fazer qualquer coisa e o nome Cunhal interpunha-se. Achava que era muito injusto, provocava muitas limitações, como aconteceu com as primeiras coisas que publiquei na Vértice sob pseudónimo (Maria André). Eu era muito novinha, tinha para aí 19 anos, e não podia dar o nome verdadeiro, senão não publicavam. Portanto, não há dúvida nenhuma de que o facto de ser irmã do Álvaro, uma irmã muito próxima, que toda a gente sabia que éramos muito unidos, comunista, amiga dele, do Partido, foram dificuldades e entraves à minha vida. Mas tudo certo, ainda bem que foram dificuldades. Mostravam que eu estava no caminho certo, só isso. ■

